

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**Viviane de Sousa Rocha**

**“As margens da alegria” e “Os cimos”, de João Guimarães Rosa:  
uma análise dos contos sob a ocular de Paul Tillich**

Juiz de Fora

2023

**Viviane de Sousa Rocha**

**“As margens da alegria” e “Os cimos”, de João Guimarães Rosa:**  
uma análise dos contos sob a ótica de Paul Tillich

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Professor Dr. Eduardo Gross.  
Área de concentração: Filosofia da Religião.

Juiz de Fora  
2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rocha, Viviane de Sousa .

"As margens da alegria" e "Os cimos", de João Guimarães Rosa: uma análise dos contos sob a ocular de Paul Tillich / Viviane de Sousa Rocha. -- 2023.

116 f.

Orientador: Professor Dr. Eduardo Gross

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2023.

1. João Guimarães Rosa. 2. Contos. 3. Paul Tillich. 4. Teologia da cultura. 5. Preocupação última. I. Gross, Professor Dr. Eduardo , orient. II. Título.

**Viviane de Sousa Rocha**

**“As margens da alegria” e “Os cimos”, de João Guimarães Rosa:**

uma análise dos contos sob a ocular de Paul Tillich

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 31 de março de 2023

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Eduardo Gross – Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Jonas Roos  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Carlos Caldas  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Dedico este trabalho à minha avó, Raimunda de Moura Sousa (*in memoriam*), à minha mãe, Ana Izabel Rocha de Sousa, ao meu pai, José Renê de Sousa, falecido no ano de 2020, e também à sua saudosa irmã, tia Marly, falecida em 2021. Ao Guilherme, meu marido, amor, companheiro na viagem de existir e pai das nossas crianças, amados filhos: Guilherme e Ryan. A eles e a todos que amam as crianças, os idosos e suas “estórias”, a natureza, a literatura, Guimarães Rosa, a vida e a religião.

## AGRADECIMENTOS

Quem sou eu que agradeço? Sou humana, mulher, filha, irmã, esposa, mãe, dona de casa, professora, estudante, pesquisadora, amiga, cristã, católica, que peregrina com fé em Jesus Cristo e esperança em um mundo melhor de mais amor, justiça e paz. Sempre muito agradecida por cada dia da minha vida e dos que amo. Agradecida pela possibilidade de aprender e de viver.

Agradeço a Deus, ao mistério, ao enigma de viver, e de morrer, por permitir, nessa *travessia* em plena pandemia desafiadora, realizar este trabalho de dissertação. A Jesus Cristo, meu Grande Mestre, junto com São Francisco de Assis, Santo Antônio, Santo Agostinho e São João Paulo II agradeço os exemplos de oração, os textos que deixaram, as igrejas, as missas. A Agostinho e a Francisco, após a experiência de encontro com Cristo, com o evangelho, agradeço os exemplos. Agradeço à leitura ligada à religião, à Bíblia, às fontes franciscanas e ao livro *Confissões*, de Agostinho. Agradeço à oração do terço, à Nossa Senhora das Graças e à Nossa Senhora da Abadia, presentes em *Grande Sertão: Veredas*, nas culturas populares e em minha vida. À Maria, mãe de Deus, que só depois de ser mãe entendi...

Agradeço à fé e devoção de meu pai, falecido em 2020 que me apresentou e ensinou sobre a Nossa Senhora da Abadia, pois, como Diadorim José Renê, meu pai via o mundo pelos “verdes olhos de pestanas lembrável”. Ele amava a vida, a natureza e tinha olhos verdes de grandes cílios, como Diadorim. Lembrei de você, pai, (você me ensinou com 7 anos a primeira oração que aprendi: “Pai Nosso”). Lembrei de você ao estudar, ler e viajar por *Grandes Sertões: Veredas*. Agradeço aos meus pais, meus primeiros mestres da vida, meus primeiros professores da existência, que me ensinaram a superar desafios. Contadores de histórias, amados, relataram, com simplicidade, fatos de experiências do passado de suas vidas. Ao meu pai (*in memoriam*), José Renê, e à minha mãe, Ana Izabel, que sempre, assim como Rosa, contavam-me “estórias” de suas vidas que ensinavam. Agradeço à minha mãe, pelo incentivo aos estudos que, em toda minha vida, sempre me deu. Por todo sacrifício que fez para eu poder estudar em colégios particulares. Por todo o amor à família, à vida e à natureza. Ensinar-me a reconhecer a existência da não perfeição no ser humano e a importância da gratidão, do amor e do perdão, nessa caminhada de imperfeitos e inacabados seres.

Agradeço à avó Dona Raimunda mãe de meu pai, falecida avó do rancho Paraíso. Com a Bíblia aberta em oração nas mãos, minha avó vive em minhas lembranças através de

estórias da roça, contadas com carinho na minha infância. São lembranças das viagens, como aquelas do Menino de Rosa, na casa dos tios, descobertas...

Agradeço à minha irmã, Patrícia, pela leitura e revisão do trabalho. Por nossas conversas sobre a escrita e toda a amizade. Você é companheira e amiga de todos os momentos da minha vida. Agradeço pela yoga e pelas caminhadas que fizemos na praça e pelo bairro, aprendemos com nossa tia Marly. Obrigada por tudo que fizemos juntas. E por seu carinho e cuidado com a mãe.

Agradeço ao meu marido, por ter sido presença em meus momentos de ausência. Paciência, tolerância, compreensão e trabalho. Pelos textos, resumidos em inglês, e, principalmente, pelo cuidado e permanência ao meu lado e dos nossos filhos, fosse nas brincadeiras, deveres ou demais necessidades. Mesmo estando em casa, devido à pandemia, o excesso de trabalho remoto, apostilas, correções de atividades de alunos e as aulas presenciais juntaram-se aos trabalhos domésticos e acadêmicos, gerando um acúmulo de tarefas. Foi necessário me ausentar, mesmo estando em casa, para escrever, ler, estudar e trabalhar. Para realizar as "tarefas" necessárias, que ninguém poderia desempenhar por mim e que, sem o auxílio e a compreensão do melhor amigo e marido amado, não seria possível realizar. Foi preciso nos "reorganizar", como família e equipe. Muito obrigada, meu amado marido e esposo companheiro, Guilherme Rabelo Goulart.

Agradeço aos nossos filhos Guilherme e Ryan pela inspiração para a escolha do tema dos contos. O interesse pela infância veio ao observá-los, amá-los e ver, em seus olhos, descobertas e alegrias, mesmo no período da pandemia. Sem sair com frequência, contemplamos os pássaros, as nuvens, a vida, a natureza, a chuva e corremos no terraço, no quintal e na pracinha perto de casa, com nossas máscaras de proteção contra a Covid-19. O tempo da criança é próprio, expresso no seu brincar, nos seus bichinhos de pelúcia, no observar de uma flor, um pássaro, uma árvore ou mesmo um animal comum, como um cachorro, tartaruga, formiga ou gato. As crianças pensam e refletem sobre a preocupação última e acerca do infinito, da existência, de uma maneira que a humanidade, ao crescer, vai esquecendo de olhar para o horizonte infinito. Elas contemplam, meditam e amam sem preconceitos. Eu aprendo muito com vocês, meus filhos. Muito obrigada.

Agradeço ao João Guimarães Rosa, todos seus textos, suas estórias e cartas dirigidas aos tradutores e ao pai, sua observação de um tucano em Brasília. Ele foi filho, esposo, pai, avô, médico, conhecedor de várias línguas, escritor e diplomata. Suas experiências, vivências, viagens, leituras e estudos mostram-se refletidos e traduzidos na literatura, nos seus textos.

Depois de ser mãe, sei o quanto uma criança tem de descoberta no olhar para a vida, diferente do adulto. Sei a importância da vida de uma criança, desde a concepção.

Agradeço ao professor e orientador Dr. Eduardo Gross. Aprendi muito com sua orientação e organização em todo este período de estudos e pesquisas. Os conhecimentos conduziram-me a um crescimento, assim como ao menino dos contos. Agradeço por me ver não apenas como aluna, profissional, acadêmica e pesquisadora, mas, sobretudo, como pessoa, ser humano. Sou, graças a você, um ser humano melhor, com um olhar diferente para a vida. Sem o senhor, essa dissertação não passaria de uma ideia, um sonho. Por isso, agradeço a disponibilidade, gentileza, educação, confiança, orientação assertiva e presença constante durante todo o curso, desde a especialização (2020), até a orientação no mestrado. Agradeço por sua competente e, principalmente, paciente, presente e gentil exigência. Obrigada por sua forma de falar, com gentileza, educação, clareza, calma, paz e empenho, competência e organização com que realiza o seu trabalho. Sou grata e admiro sua organização no trabalho. Por seu tempo dedicado a compartilhar saberes, ler os textos e enviar. Por seu visível amor pela literatura e pela religião, do qual também compartilho. Eu não teria palavras para expressar. Só uma pode resumir: gratidão. Assim, foi possível “desenveredar” e desvelar, na escrita, a leitura dos dois contos de Rosa, autor sempre desafiante e fascinante, a partir do referencial teórico de Paul Tillich, outro autor desafiador.

Agradeço a todos os colegas do PPCIR pelo grupo que criaram no WhatsApp para o mestrado. Durante a pandemia do Covid-19 (2020-2022), com as aulas on-line, a solidão foi ainda maior na produção desta dissertação. Portanto, os poucos amigos que interagiram e puderam ler e contribuir com este trabalho mais diretamente são especiais e lembrados. Destaco, principalmente: ao Sérgio, conhecido durante as aulas do professor Eduardo, agradeço por sua contribuição e suas sugestões, por suas considerações ao trabalho e toda a troca de informação, além da amizade durante todo o curso; à Cláudia, à Elaine, à Mara Bontempo e à Rúbia que estão no doutorado, obrigada pelas informações, divulgações, materiais, amizade e incentivos; e à Ana Lúcia, que foi exemplo e compartilhou comigo sua experiência de mestrado sobre a literatura e religião em Adélia Prado, e que agora já está em outro momento, no doutorado, momento que um dia pretendo e sonho alcançar, muito obrigada pela amizade, pelos nossos passeios com nossos filhos (e por ter me apresentado meu marido).

Agradeço às amigas antigas, desde minha juventude aos 17 anos: Mônica, Katia, Carolina, e as mais recentes, amigas de fé e oração: Adriana Balbi e a Aparecida que de alguma forma sempre me ajudaram.



Agradeço às revisoras, Mariana Chaves e Mara Conceição. Mara, mais que revisora, uma amiga desde os tempos da faculdade de Letras, pessoa com quem pude conversar sobre a temática e todo o trabalho, obrigada pelo reencontro e amizade. Obrigada às duas revisoras, pela disponibilidade e toda contribuição neste trabalho: na revisão da escrita do texto em todo o processo.

Agradeço a toda a minha família e à minha cunhada Lúcia, principalmente. Obrigada pela sua ajuda e presença junto aos meus amados marido e filhos. Obrigada, também, às minhas tias todas e, principalmente, à tia Cláudia, tia-avó dos meus filhos e exemplo de estudos (Dra. Cláudia). Agradeço à tia Cláudia pelas contribuições e por toda troca. Pelos e-mails, pela presença na minha vida, desde a minha infância, e por todos os cuidados com a minha mãe, e irmã. À Tia Marly, *in memoriam*, coordenadora de escola, professora de ensino médio e professora de *hatha yoga*, que me ensinou um pouco de meditação, as posturas dos ásanas, a boa alimentação saudável e a ingestão de água e chás. Como me ajudaram durante esse período todo de estudos e pandemia! Sempre esteve presente na minha vida e continuará nas lembranças essa tia que me incentivou nos estudos, concursos e no mestrado. Obrigada, Tia Marly de Moura Sousa.

Agradeço a todos os meus professores, principalmente ao coordenador do curso de pós-graduação, Dr. Frederico Pieper. Obrigada, também, Dr. Edson Fernando de Almeida, Dr. Etienne A. Higuete, Dr. Faustino Teixeira, Dr. Humberto Quaglio, Dr. Volney J. Berkenbrock, Dr. Jonas Roos, Dr. Sidnei Vilmar Noé, Dr. Rodrigo Portella, Dr. Jimmy Sudário e Dr. Gilvan Procópio, saudoso professor do curso de letras da UFJF, falecido no ano de 2022. Agradeço às professoras Dra. Teresinha Zimbrão e à querida e amada, nunca esquecida, saudosa coordenadora e professora de latim, Beatriz Gomes Guerra (*in memoriam*), da graduação em Letras no meu tempo de aluna pelas aulas maravilhosas de latim e literatura. Agradeço a todos os professores dos departamentos de Ciência da Religião e de Letras da UFJF e de outras instituições, também, aos funcionários da UFJF.

Agradeço aos secretários e às secretárias, principalmente à Amanda Prado do PPCIR.

Agradeço à Secretária Municipal de Educação de Juiz de Fora pelo incentivo, plano de carreira e a possibilidade de me licenciar e me dedicar inteiramente à escrita desta dissertação.

Agradeço aos professores Dr. Jonas e Dr. Carlos por aceitarem participar da banca. Obrigada Dr. Jonas Roos e professor Dr. Carlos Caldas.

Por fim, agradeço aos colegas de trabalho, principalmente ao diretor Fernando, à diretora Sueli e à vice-diretora Dalcilene, à professora Rita, à professora Angélica e a todos da escola Municipal Manuel Bandeira professores, funcionários e alunos, obrigada.

“O universo é o santuário de Deus” (TILLICH, 2009, p. 82).

“Amor é fonte de graça” (TILLICH, 2009, p. 196).

Mas o tucano, sem falta, tinha sua soência de sobrevir, todos ali o conheciam, no pintar da aurora. (...) o Menino apressuradamente se levantava e descia ao alpendre, animoso de amar. (...)

- “Chegamos afinal!” - o Tio falou.

- “Ah, não. Ainda não...” - respondeu o Menino. Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida (ROSA, 2001, p. 230, p. 234).

“A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte” (TITÃS, 1987).

“Todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou. Mas tenho muito tempo. Temos todo tempo do Mundo” (LEGIÃO URBANA, 1986).

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado analisa dois contos de João Guimarães Rosa, a partir da perspectiva tillichiana. Ela está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião intitulando-se: *As Margens da Alegria e Os Cimos*, de *João Guimarães Rosa: uma análise dos contos sob a ótica de Paul Tillich*. *Teologia da Cultura*, de Paul Johannes Tillich, é a referência teórica para este estudo. Elegeu-se Paul Tillich e sua obra *Teologia da Cultura*, que trata, entre outras, as questões da existência e da finitude como uma experiência cultural humana. Além disso, através da revisão de literatura, outros autores são abordados Bosi, Nunes, Rosenfield, ainda que como fonte secundária. A metodologia é, portanto, de cunho bibliográfico, por meio da revisão de literatura. A pesquisa conclui que a *preocupação última* se manifesta não somente na forma explícita, mas também, implícita, não somente em ambiente religioso, mas também, profano, na cultura, na arte, seja ela música ou literatura. A profundidade da vida na alma humana se expressa pela experiência do sagrado procurando manter essa profundidade e o sentido de nossa existência, também pelos símbolos.

**Palavras-chave:** João Guimarães Rosa. Contos. Paul Tillich. Teologia da cultura. Preocupação última.

## ABSTRACT

This master's thesis aims to analyze two short stories written by João Guimarães Rosa and interpret them under the light of the tillichian work. This research was part of the activities developed during the Postgraduate Program in Religious Studies. The book *Theology of Culture*, written by Paul Johannes Tillich, was elected as theoretical reference for the analysis of Rosa's short stories, namely *As Margens da Alegria* and *Os Cimos*. In his book, Tillich conceptualizes and discusses the concepts of existence and finitude, understood as human cultural experiences. In addition, through the literature review process, other authors, such as Bosi, Nunes and Rosenfield, were consulted as secondary sources of information. Therefore, the methodology can be described as a bibliographical one since the survey focused on the literature review. The research concludes that the "ultimate concern" can manifest itself not only explicitly, but also, implicitly. That is, this concept can appear not only in a religious environment, but also in the profane world that comprehends culture, art, music, and literature. Through the sacred experience and its symbols, one can glance at the depth of the human soul and, also, search for the meaning of existence.

**Keywords:** João Guimarães Rosa. Short Stories. Paul Tillich. Theology of Culture. Ultimate Concern.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>TEOLOGIA DA CULTURA.....</b>	<b>20</b>
2.1	O CONCEITO DE RELIGIÃO PARA TILlich: BREVE APRESENTAÇÃO.....	25
2.1.1	Os dois conceitos de religião em Tillich.....	28
2.1.2	O conceito de religião em <i>Teologia da Cultura [Theology of Culture]</i> .....	33
2.1.3	Retomadas do tema da religião em obras posteriores.....	36
2.1.4	Relação do conceito de religião com as concepções de finito e infinito.....	39
2.1.5	Relação do conceito de religião com o conceito de amor.....	40
2.2	A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E CULTURA.....	44
2.2.1	Religião e Arte.....	47
2.2.2	Superação da oposição entre religião e cultura e os métodos.....	49
2.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE SÍMBOLOS E LINGUAGEM.....	51
2.4	TEMPO E ESPAÇO: CONCEITOS E SIGNIFICADOS.....	58
<b>3</b>	<b>OS CONTOS DE PRIMEIRAS ESTÓRIAS.....</b>	<b>61</b>
3.1	PRIMEIRAS ESTÓRIAS: APRESENTAÇÃO DESCRITIVA DOS CONTOS.....	66
3.2	AS MARGENS DA ALEGRIA.....	69
3.3	OS CIMOS.....	74
<b>4</b>	<b>LEITURA DOS CONTOS SOB O OLHAR DA FILOSOFIA E TEOLOGIA DE PAUL TILlich.....</b>	<b>78</b>
4.1	ANÁLISE DOS CONTOS A PARTIR DE ÍNDICES LITERÁRIOS RECORRENTES NA NARRATIVA.....	80
4.1.1	Linguagem, símbolos e infância.....	80
4.1.2	Existência, finitude e infinitude (ou finito e infinito).....	90
4.1.3	Tempo.....	94
4.1.4	Espaço.....	99
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>109</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado intenciona ler dois contos de João Guimarães Rosa, analisando-os a partir da perspectiva tillichiana. Ela está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, na área de *Filosofia da Religião*, intitulando-se: *As Margens da Alegria e Os Cimos, de João Guimarães Rosa: uma análise dos contos sob a ótica de Paul Tillich*. Esses dois contos têm como protagonista um Menino que se depara com a finitude em momentos distintos de sua existência. *Teologia da Cultura*, de Paul Johannes Tillich, é a referência teórica para este estudo. Esse livro conceitua e discute diversos temas, como religião, existência, finitude e infinitude, símbolos e linguagem, tempo e espaço, dentre outros.

O estudo proposto aborda, a partir da narrativa rosiana, os índices literários presentes nesses contos, os quais se inserem em questões pensadas na linha de pesquisa *Abordagens Filosóficas e Psicológicas da Religião*, na área de *Filosofia da Religião*. São eles: linguagem, símbolos e infância; existência, finitude e infinitude (ou finito e infinito); tempo; espaço<sup>1</sup>. Tais temas refletem sobre a busca existencial, por meio da experiência advinda da arte literária e da religião. O Menino, personagem dos dois contos, em plena infância, parece vivenciar e experienciar a finitude da existência, expressa em dois momentos distintos, em narrativas escritas em terceira pessoa.

Como marco teórico, elegeu-se Paul Tillich e sua obra *Teologia da Cultura*, que trata, entre outras, as questões da existência e da finitude como uma experiência cultural humana. Além disso, através da revisão de literatura, outros autores são abordados Bosi, Nunes, Rosenfield, ainda que como fonte secundária, pois interessa-nos observar, de modo comparativo, outras análises feitas sobre os contos *As Margens da Alegria e Os cimos, de Primeiras Estórias*. A metodologia é, portanto, de cunho bibliográfico, por meio da revisão de literatura.

Os contos supracitados foram selecionados como objeto de pesquisa, devido ao fato de se aproximarem de questões existenciais, relativas à finitude e à infinitude. Além disso, são contos menos explorados por pesquisadores e críticos, fazendo parte da obra rosiana da década de 1960 e abordando o tema da infância. Após a escolha temática, foi realizado o levantamento bibliográfico de livros, pesquisas, teses, dissertações e artigos.

---

<sup>1</sup>Estes índices literários ou temáticos são desenvolvidos em capítulos, nesta dissertação. Eles são melhor explicitados no decorrer do trabalho, assim como a relação deles com os conceitos de Tillich, presentes na obra *Teologia da Cultura*.

O levantamento bibliográfico oportunizou encontrar a tese de Rodrigues (2014). Rodrigues (2014, p. 8) explicita que “é necessário, portanto, destacar que a infância, de forma geral, também foi pouco estudada pelos pesquisadores rosianos [...]”. Rodrigues expõe na sua tese os trabalhos já existentes sobre infância e diz que são raros os pesquisadores de Rosa que trabalham esta temática; apesar de existirem trabalhos sobre a infância, eles são poucos, se considerados os extensos registros de pesquisas sobre o autor Guimarães Rosa. Essa lacuna, aliada à escassez de trabalhos que abordem o tema da infância nas obras do autor, reforça o interesse pela temática da pesquisa. Outrossim, a temática infância está relacionada ao trabalho de professora nas turmas de sextos e sétimos anos de uma escola pública da rede municipal de Juiz de Fora e a maternidade. Sou professora e sou mãe de dois meninos (Guilherme, 11 anos; Ryan, 8 anos), motivos pelos quais sou aproximada do tema do olhar da criança, da temática da infância.

No ano de 2021, a atualidade de Tillich foi tematizada pela *Sociedade Paul Tillich do Brasil* e pelo *Grupo de Estudos na ANPTECRE*. Nesse ano, a *Teologia da Cultura* comemorou seu centenário, reforçando o interesse pelo assunto. Higuete (2021, p. 381) explana que, em 1919, por ocasião de uma conferência na *Sociedade Kantiana de Berlim*, Paul Tillich delineou, em um texto que viria a ser o programa de sua obra, a ideia de uma *Teologia da Cultura (Über die Idee einer Theologie der Kultur)*. Esses textos, de 1919, apresentam-se, hoje, ainda atuais. Isso demonstra a importância e atualidade da *Teologia da Cultura* (presente em Grupos de Trabalhos e em eventos, como da *Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião, ANPTECRE*, realizado em 2021), mais uma justificativa para esta pesquisa.

A pesquisa surgiu a partir dos estudos, leituras, pesquisas, eventos e questões suscitadas ao longo da formação acadêmica, os quais possibilitaram o conhecimento dos conceitos de Tillich e a reflexão acerca de sua aplicação à análise de obras literárias. A questão apareceu, então, em decorrência de estudos sobre a intersecção entre literatura e religião, realizados ao longo da graduação em Letras, das especializações em Ciência da Religião e Letras, da formação continuada e de pesquisas bibliográficas, bem como do trabalho de leitura em sala de aula e do gosto pessoal pela literatura e religião. Os estudos fundadores desta pesquisa iniciaram-se, especialmente, durante a especialização em Ciência da Religião, cujo tema abordado no trabalho de conclusão de curso foi a fé do personagem rosiano Riobaldo.

O trabalho final da especialização teve como título: *As Veredas, o Sertão, a Vida: a fé de Riobaldo*. Os trabalhos (resenha da obra *Dinâmica da Fé* e o artigo completo) foram



publicados na revista *Correlatio* (ROCHA, 2021). O personagem de Rosa, retratado em seu livro *Grande Sertão: Veredas*, foi o objeto de recorte para o estudo, tendo como referência teórica o livro *Dinâmica da Fé* (1985), de Paul Tillich.

Apesar das diferenças quanto ao objeto de análise literária, os estudos sobre o tema da fé do personagem Riobaldo trouxeram o suporte teórico de Paul Tillich, permitindo certa continuidade entre as investigações levantadas na especialização e nesta dissertação de mestrado, conduzida de modo mais aprofundado e sistemático. O conhecimento adquirido durante a especialização em Ciência da Religião possibilitou o reencontro com as obras de Rosa e a leitura de Paul Tillich, dentre as quais destacam-se: *Dinâmica da Fé* e *Teologia da Cultura*.

A hipótese deste trabalho é de que, em Rosa, os sentidos atribuídos à viagem da criança metaforizam a própria vida/existência<sup>2</sup>. A “travessia” do Menino remete a cenas que interpelam, por exemplo, a existência, a finitude e a infinitude, movimento que pode ser percebido na leitura dos dois contos de Guimarães Rosa. A presença de questões e temáticas referentes à infância e à existência, expressas pelo olhar da criança, permite considerar a literatura pelo prisma religioso, que remete às ideias de finitude e infinitude, tempo, espaço e linguagem. Estes conceitos, presentes na *Teologia da Cultura*, encontram-se vinculados ao entendimento de religião como “preocupação última” estreitamente relacionada à cultura e à arte. Nunes expõe que “para Guimarães Rosa, filosofia e religião vivem em constante intertroca na trama poética do texto ficcional. E o poético, inerente à ficção, é o que segura, expande e transmite ao leitor a junção entre poesia, religião e filosofia, como demonstra o tema da viagem (...)” (NUNES, 2013, p. 274).

Segundo Paul Ricoeur (*apud*, Nunes, 2014, p. 153), “que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos, e em geral de tudo o que chamamos de si mesmo, se isso não tivesse passado à linguagem, articulado pela literatura?”. Nunes afirma que, nessa indagação, encontra-se delineado o alcance ético das obras literárias, o saber de nós mesmos, dos outros e dos sentimentos primários, como amor e ódio. O autor ainda completa: “(...) é um saber que passa à linguagem na forma ficcional dos textos literários” (NUNES, 2014, p. 153). Portanto, este estudo pode possibilitar não só maior conhecimento a respeito das obras de Rosa, mas

---

<sup>2</sup> Sobre os conceitos de vida e existência, para a Filosofia da Religião, Tillich afirma que o termo existência vem do latim *existere*, que significa “emergir”, e designa, na sua raiz, a palavra “ser”, em contraposição a “não ser” (TILLICH, 2009, p. 128). Observa-se a referência de Tillich à filosofia de Kierkegaard (TILLICH, 2009, p. 145): “A existência é a síntese do infinito e do finito”. Já a vida é definida, em *Teologia Sistemática*, (TILLICH, 1987, p. 408), como “sendo a atualização do ser potencial. [...] Todo o processo de vida apresenta a ambiguidade de elementos positivos e negativos misturados de tal forma que se torna impossível separar o negativo do positivo: a vida é ambígua em cada momento (...) a vida não é nem essencial nem existencial, mas ambígua”.

também acerca da humanidade, da infância e da religião em contextos literários e culturais. Ou seja, pode propiciar o “saber de nós mesmos e dos outros” que, de acordo com Nunes (2014, p. 153), “passa à linguagem na forma ficcional dos textos literários”.

A importância da linguagem, assim como sua aproximação com a cultura e a religião, o popular e o erudito, o mito e a poesia, está presente em Rosa. A respeito da poesia e do mito, Nunes (2014, p. 222) afirma que a “aliança entre ambos é o que assegura à obra de Guimarães Rosa a possibilidade de a interpretarmos sempre renovadamente, como se ela tivesse aparecido hoje e a lêssemos pela primeira vez”. A atualidade da linguagem de Rosa recria, a cada leitura, uma cultura providencial para interpretar a religião. Tal genialidade, presente na escrita desse autor, é mais uma justificativa da pesquisa. A linguagem humana e a religião são os limites do trabalho, seguindo a expressão de Tillich (2009, p. 88): “a cultura é a forma de religião. Este fato é especialmente óbvio na linguagem que ela usa”. Neste estudo, a religião é abordada, principalmente, como “preocupação última”, com base na linguagem dos contos e naquilo que a obra de Rosa sinaliza a respeito dos índices temáticos já citados.

Se meu primeiro encanto e encontro com a linguagem de Rosa se deu na graduação, significa que sou uma leitora tardia de sua obra, poética narrativa lírica filosófica literária. Sua inauguração em minha vida realizou-se com a leitura de *Grande Sertão: Veredas*, no final do curso de Letras, em 1999, quando era monitora da disciplina de Literatura Brasileira, sob orientação do professor Dr. Gilvan Procópio Ribeiro. Pelo olhar do curso de Letras, não havia a presença das questões suscitadas nesta pesquisa, sobre existência, finitude, infinitude e religião, muito menos a “preocupação última” a partir da referência de Tillich. A *Filosofia da Religião* foi descoberta a partir da especialização em *Ciência da Religião*, iniciada em 2020.

Apesar de haver muitos estudos acadêmicos a respeito da obra de Rosa, a relevância deste trabalho não se encerra nisso, como apontam Bosi (2001, 2003) e Nunes (2013, 2014). Rosa aboliu fronteiras e tratou de assuntos atemporais, que atualizam questões e dialogam com cada um de seus leitores. Fontes inesgotáveis de interesses variados, suas obras apresentam um caráter inovador, com aspectos únicos da linguagem que se convertem em pontos de atenção e de importância para as literaturas brasileira e universal. Estudando Guimarães Rosa, à luz da *Ciência da Religião*, são possíveis outras interpretações, nas quais os desdobramentos ganham novos fundamentos, diferentes daqueles vistos por pesquisas antes realizadas por mim na graduação em Letras.

Para tanto, proponho a seguinte questão de maneira geral: como a literatura pode contribuir para um entendimento menos axiomático não apenas dos temas religiosos ou das religiões, mas também de outros temas polêmicos decorrentes destas temáticas, ancorados

pelo arcabouço teórico da Ciência da Religião, tais como a linguagem, os símbolos, a infância, a existência, a finitude, a infinitude, o tempo e o espaço? Quais as relações simbólicas trazidas pela linguagem literária de Rosa, que colocam o leitor em diálogo com as questões filosóficas anteriormente citadas? Guimarães Rosa simboliza referências da cultura brasileira em sua linguagem? Os contos encenam episódios que revelam ou se aproximam dos conceitos de religião trazidos pela *Teologia da Cultura* de Tillich? É possível demonstrar a presença de questões existenciais, que apontam para a religião e para o “incondicional”<sup>3</sup>, nos contos?

O presente trabalho também se justifica por trazer temáticas importantes para a filosofia da religião e para a literatura, com referência teórica a autores influentes, como Paul Tillich. Tillich foi um dos filósofos e teólogos mais influentes do século XX, representando o marco teórico desta dissertação. Por outro lado, na literatura brasileira, Guimarães Rosa foi um dos mais consagrados escritores, cujas obras servem como inesgotáveis objetos de pesquisas, sendo objeto de estudo deste trabalho. Assim, o tema proposto como objeto de pesquisa é de relevância, tanto pela sua natureza literária e cultural quanto pelo aspecto filosófico e religioso.

Esse trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, Introdução. No Capítulo 2 trata-se da *Teologia da Cultura*, marco teórico, são descritas as principais noções sobre a obra *Teologia da Cultura*, de Paul Tillich, tais como: visão geral da obra e definição do conceito de religião; discussão sobre a relação entre religião e cultura, linguagem e símbolos; relação da *Teologia da Cultura* com outros aspectos da vida; relação do pensamento de Tillich com a arte em geral; questão sobre tempo e espaço, na perspectiva de Tillich, bem como sua relação com os contos. No terceiro capítulo são apresentados os

---

<sup>3</sup> O termo “incondicional”, para Tillich, possui afinidade com a noção de “preocupação suprema” ou “preocupação última”, “*ultimate concern*”, o infinito. Segundo o livro *Ultimate Concern* (BROWN, 1965, [p. 30]), “In that sense, infinite, unconditional, and ultimate all mean the same?”

Dr. Tillich: Yes, although they vary in their origin. For instance, I would speak of "infinite passion" with Kierkegaard. Although I would not speak of "unconditional passion" or "infinite interest," I certainly would speak of "unconditional imperative" in the Kantian sense of the term. And I would say "ultimate concern" in order to compare it with the preliminary concerns that ordinarily fill our life. These are nuances according to the context in which the words are used.

Para Tillich, segundo o livro acima citado, os termos *incondicional, infinito e preocupação última ou suprema* são afins, ele diz bem explicitamente que não são sinônimos, eles variam de acordo com o contexto! “These are nuances according to the context in which the words are used.” Aparecendo, neste trabalho, com essas significações inter-relacionadas. Segundo Higuete (2011, p. 35), para Tillich, o incondicionado não é um ser, nem a totalidade do ser, mas uma qualidade presente em toda experiência da realidade. Por isso, toda experiência do real apresenta uma dimensão absoluta ou religiosa. O termo traduzido como “preocupação última” será preferível para utilização em todo o texto deste trabalho, ainda que possam aparecer também outros termos como incondicional ou preocupação suprema. O livro *Teologia da Cultura* (2009, p. 62) discute a diferença entre incondicional e incondicionado: “Deus é incondicionado e, por isso, é Deus, mas o ‘incondicional’ não é Deus. A palavra Deus está repleta de símbolos concretos que expressam nossa preocupação suprema [...]”.

contos que foram selecionados como objeto de estudo da presente pesquisa. No quarto capítulo é realizada a análise dos dois contos de João Guimarães Rosa, tendo como referência Tillich e apresentando os índices literários destacados e os elementos da narrativa: tempo, espaço, narrador, enredo e personagens. Além disso, destaca-se a construção dos sentidos de tais índices no campo cultural e religioso, tendo como base não apenas a *Teologia da Cultura*, mas também outras obras do autor e a teoria de outros autores cujas pesquisas se voltaram para as obras de Rosa. No último capítulo, conclusão.

A ocular especial de Tillich auxilia a análise, ampliando o olhar e a leitura dos contos de Rosa nesta pesquisa, que se utiliza da compreensão de religião como “preocupação última”, *ultimate concern*. Assim, ao tomar a religião em seu sentido mais abrangente, como *preocupação última*, desenvolve-se, ao longo do trabalho, a análise dos contos, destacando os índices literários: de linguagem, símbolos e infância; existência, finitude e infinitude (ou finito e infinito); tempo; espaço. Além disso, busca-se abordar a religião também no sentido estreito, a partir dos símbolos e da linguagem, o que remete à simbologia dos contos. Ou seja, os dois conceitos de religião são importantes para a arte. Por isso, faz-se a apresentação do marco teórico no início do trabalho nos capítulos seguintes, a partir do qual serão expostos os dois conceitos de religião, entre outros aspectos relacionados aos índices literários.



## 2 TEOLOGIA DA CULTURA

Este capítulo apresenta algumas considerações gerais acerca da produção de Tillich, especificamente no que se refere à obra *Teologia da Cultura*, cujo volume consiste em uma reunião de textos escritos a partir de 1919. Segundo Pinheiro na apresentação brasileira da obra editada pela Fonte Editorial no ano 2009, “a partir de 1919 começou a produzir textos que mais tarde foram reunidos num volume que cobriu os anos de 1919 a 1926” (TILLICH, 2009, p. 26) e recebeu o título de “*A dimensão religiosa da cultura*”. Já no prefácio escrito pelo próprio Tillich (2009, p. 33), o título *Teologia da Cultura* indica seu propósito: trata-se de uma abreviação da palestra publicada como *Über die Idee einer Theologie der Kulture* (Sobre a ideia de uma Teologia da Cultura). A vasta produção reunida foi publicada em 1959 (TILLICH, 2009, p. 34). Os textos referências para a obra em sua maioria foram alterados e são publicações de datas diversas (TILLICH, 2009, p. 35).

Pode-se notar que o livro *Teologia da cultura* consiste em uma complexa reflexão do filósofo e teólogo alemão-estadunidense, reunida e organizada em quatro partes. A apresentação, feita por Jorge Pinheiro, e o prefácio, de Paul Tillich, indicam a importância da relação estabelecida entre religião e cultura. Primeiramente, são expostos os conceitos básicos necessários para uma *Teologia da Cultura*. Tais conceitos são fundamentais tanto para o leitor leigo, não acostumado com a linguagem tillichiana, quanto para os estudiosos de sua obra. Nessa primeira parte do livro de Tillich, consta ainda um capítulo sobre “Conflito entre tempo e espaço”, cujos índices muito interessam para a leitura dos contos selecionados de Rosa, uma vez que apontam questões relacionadas ao tempo e ao espaço, os quais aparecem, nos contos, sob a forma de símbolos, como, por exemplo, o relógio, a noite, os cimos e o dourado. Destaca-se, assim, como a linguagem de Rosa pode se referir ao tempo e ao espaço.

Na segunda parte, o autor relaciona arte e religião, discutindo símbolos e sinais. Em “Natureza da linguagem religiosa” e “Protestantismo e estilo artístico” (TILLICH, 2009, p. 113), Tillich propõe algumas utilizações concretas dos conceitos demonstrados na primeira seção do livro, dentre as quais podemos destacar a análise da obra “Guernica”, de Picasso. Tillich debate variadas temáticas, que englobam desde a teologia até a física, passando pela psicologia, linguística, educação, filosofia, religião e cultura, abordadas em diferentes contextos.

A terceira parte trata de “Comparações Culturais”, ou seja, analisa os diferentes resultados possíveis da aplicação dos conceitos da *Teologia da Cultura* em contextos e sociedades diferentes (e, por vezes, antagônicas). Durante o desenvolvimento do livro, Paul

Tillich propôs-se dialogar teoricamente com dois pensadores de maneira direta, a saber: Albert Einstein e Martin Buber. Com Einstein, ele traça os princípios de um diálogo entre a ciência e a teologia. Com Buber, por outro lado, propõe uma discussão sobre o pensamento protestante e o judaico, dentro do contexto da Teologia da Cultura.

Na quarta e última parte, Tillich (2009) apresenta uma “Comunicação e mensagem cristã: questão para ministros e professores cristãos”. Ela parece um tanto separada das demais partes anteriores. Porém, talvez por se tratar de um volume composto por textos publicados separadamente e apenas posteriormente reunidos, essa seção aparece no livro como conclusão. Higuët (2019, p. 13), em trabalho para a revista *Correlatio*, aborda conceitos importantes que estruturam a Teologia da Cultura. Etienne Higuët expõe que a teologia de Paul Tillich “elaborou-se como um constante diálogo e confronto com os movimentos sociais, políticos, filosóficos, científicos e artísticos do século XX, no afimco de descobrir sua dimensão religiosa suprema, suas chances e seus desvios, suas exigências e apelos” (HIGUËT, 2019, p. 13).

Paul Tillich (2009) aponta para a relação do ser humano com a religião, a cultura e a vida. Aborda, assim, a complexidade da existência, seus paradoxos, sua ambiguidade e a busca por seu sentido último. Em última instância, trata da fé, pois quando define a religião afirma que a “preocupação suprema está presente em todas as demais preocupações, consagrando-as” (TILLICH, 2009, p. 83). Em *Teologia da Cultura*, a religião aparece em diálogo com a cultura, a filosofia e a arte. Merece citação sua definição de religião, “considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião”. Em resumo, a “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma de religião” (TILLICH, 2009, p. 83). Além de muito conhecida, essa citação é potente, pois é a partir dela que se desenvolve a ideia da religião como “preocupação última” em *Teologia da Cultura*.

Observa-se, como relevante e presente em toda sua obra, “o problema da relação entre religião e cultura”. Ela sempre esteve no centro de suas preocupações, ou seja, “a dimensão religiosa presente em diversas esferas da atividade cultural humana” (TILLICH, 2009, p. 33). Segundo Tillich, a religião é a dimensão da profundidade na totalidade do espírito humano (TILLICH, 2009, p. 44), de modo que seu livro se desdobra sobre o tema da importância da relação da religião com a cultura.

Para Tillich (2009, p. 45), “a religião revela a profundidade da vida espiritual, encoberta, em geral, pela poeira de nossa vida cotidiana [...]”. Ao tratar a temática da existência, o autor pensa a religião como aspecto de profundidade e sentido na totalidade do

espírito humano, problematizando como se entende a religião, em seu sentido restrito e mais comum, e explicitando, através da passagem de Apocalipse, que “segundo o visionário que escreveu o último livro da Bíblia, não haverá templos na Jerusalém celestial, pois Deus será tudo em todos” (TILLICH, 2009, p. 45). Ou seja, a separação entre sagrado e secular é explicada como alienação e pecado. Na Jerusalém celestial, Deus será tudo em todos, não haverá separação, não haverá religião. E a religião faz-se, então, estrita, alienada e separada. No entanto, quando tomada em sua forma ampla, como “preocupação última”, encontra-se presente na vida, na existência e na experiência humana. Assim, Tillich (2009, p. 82) esclarece que “a segunda consequência do conceito de religião é o desaparecimento da separação entre sagrado e secular, [...]”.

Essa colocação do autor interessa à pesquisa, na medida em que a existência se torna um índice recorrente nos contos de Guimarães Rosa, *A Margem da Alegria e Os Cimos*. Seguindo os aspectos religiosos, deve-se voltar o olhar para o que é último, supremo, infinito e incondicional, afinal, segundo Tillich “a religião, no sentido básico e mais abrangente da palavra, é ‘preocupação suprema’ [*ultimate concern*], manifesta em todas as funções criativas do espírito [...]” (TILLICH, 2009, p. 44).

A “filosofia da existência”, como explicita Tillich (2009, p. 128), tem esse nome devido à maneira particular de formular sua oposição crítica ao racionalismo, especialmente no que diz respeito à distinção tradicional entre “essência” e “existência”. “A palavra ‘existência’ vem do latim *existere*, que significa ‘emergir’, e designa, na sua raiz, a palavra ‘ser’ na totalidade do *Ser*, em contraposição a ‘não ser’.” Esclarece Tillich que a “distinção escolástica entre *essência* e *existência* foi o primeiro passo na direção da adoção de um significado mais denso para a palavra ‘existência’” (TILLICH, 2009, p. 128). Segundo Tillich (2009, p. 82-83), “o universo é o santuário de Deus [...] A preocupação suprema está presente em todas as demais preocupações, consagrando-as. Essencialmente não há separação entre sagrado e secular. Estão juntos”.

De acordo com Cláudio de Oliveira Ribeiro, em artigo publicado na revista *Numen*, (2010, p. 33), Paul Tillich ofereceu, via *Teologia da Cultura*, um testemunho da natureza não-totalitária do cristianismo. Quanto à importância dos símbolos, Gross expõe que “uma vez que o incondicional sempre está além da capacidade de ser abarcado pelo ser humano, inclusive no âmbito cognitivo, ele só pode ser expresso simbolicamente” (GROSS, 2013b, p. 70).

Para Zilles (2006, p. 263), ao explicitar que Tillich relaciona o mundo profano com seu fundamento último, a fundação no infinito só se manifesta de maneira indireta. Zilles



(2006, p. 263) expõe que, segundo Tillich, não se pode falar adequadamente em linguagem direta, mas somente em mitos e símbolos. O discurso simbólico é o único que permite expressar a realidade transcendente, uma vez que proporciona a dimensão de profundidade à linguagem humana. O símbolo enraíza-se na esfera do Santo, do mistério. Zilles (2006, p. 264) declara que Paul Tillich traz Deus para o homem na cultura e na vida cotidiana, tendo a experiência como ponte:

Traduz afirmações teológicas para o mundo de experiência da realidade atual. Traz Deus para o homem na cultura e na vida cotidiana, pressupondo a mediação entre Deus e experiência, uma ponte que determina a profundidade da existência humana pela experiência do transcendente. Tillich parte do pressuposto de que Deus, através da experiência humana, recebe uma conotação compreensível (ZILLES, 2006, p. 264).

A produção teológica e filosófica de Tillich tem sido objeto de estudo nos campos protestantes e católicos, de modo que um dos aspectos básicos para sua análise consiste na consideração de uma “preocupação última” em todas as religiões, advinda de uma presença espiritual do sagrado na vida humana. Além disso, pode-se apontar a dinamicidade e a capacidade de abertura permanente de Tillich em sua teoria (RIBEIRO, 2010, p. 31; TEIXEIRA, 2006, p. 31).

Assim, Tillich afirma, sobre a relação da religião com a cultura, que a “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma de religião” (TILLICH, 2009, p. 83). O *ultimate concern* é “a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião” (TILLICH, 2009, p. 83). Tal afirmação pode ser interpretada e compreendida no sentido de que, em toda forma de cultura (na vida do ser humano, na sociedade, nas artes, na política, na educação, na ética, na ciência, dentre outras esferas), existe um sentido profundo, uma sustentação, substância - *Gehalt*. Higuét explica que, para Tillich, a análise da totalidade da cultura é tarefa filosófica. A tríade forma (*Form*), conteúdo (*Inhalt*) e substância (*Gehalt*), que usa para analisar as culturas, já está presente em Hegel (HIGUET, 2008, p. 134).

Essa substância possibilita a significação, sentido, isto é, na cultura, há a preocupação última acerca do infinito, do incondicional, de modo que remete à profunda, paradoxal e ambígua relação entre a existência humana e a religião. Ou seja, a *preocupação última* pode ser expressa não só em âmbito sagrado, mas também profano.

A experiência do transcendente e da fé mostra-se na linguagem, nos símbolos, na cultura, na arte, na literatura e, por exemplo, nos contos de Guimarães Rosa, que mesmo não

sendo religiosos, trazem de forma implícita, uma “religiosidade” expressa através dos símbolos e da linguagem. De fato, o símbolo assume suma importância na obra de Tillich. O incondicional está além da capacidade de ser abarcado pelo ser humano. O discurso simbólico é o único que permite expressar a transcendência, dando-lhe profundidade de sentido na linguagem humana (GROSS, 2013b, p. 70; ZILLES, 2006, p. 263). É assim que Tillich traz Deus para a finitude humana.

## 2.1 O CONCEITO DE RELIGIÃO PARA TILlich: BREVE APRESENTAÇÃO

O objetivo desta seção consiste em tratar a definição de religião enquanto instrumento de discussão na *Ciência da Religião*, e na área da *Filosofia da Religião*. Sabe-se que a religião ainda não possui um conceito que contemple, de modo consensual, toda a sua complexidade. Porém, considera-se o conceito de religião de Tillich como parâmetro para a análise dos contos. Destarte, este trabalho desenvolve-se a partir desta definição.

Portanto, não são tratadas as inúmeras implicações deste conceito na Filosofia da Religião ou na Ciência da Religião, cuja temática, hoje, é permeada de polêmicas e tensões. O objetivo é apresentar a base teórica possibilitando a análise dos contos de Guimarães Rosa.

O conceito de religião, considerado neste trabalho, encontra-se expresso nos livros de Paul Tillich: *Teologia da Cultura*, *Dinâmica da Fé* e outros. Além desses livros, os pesquisadores Higuier, Gross, Re Manning, Matheus e Baleeiro, entre outros, fazem parte deste percurso, como interlocutores neste capítulo. Dessa forma, a tarefa de delimitar o conceito de religião a partir da *Teologia da Cultura* encontra-se amparada não só em outras pesquisas e autores, mas também na interlocução com os demais livros de Tillich. O livro *Dinâmica da Fé*, apresenta a definição de religião relacionada intimamente à fé e ao sagrado, e é o ponto de partida para as reflexões sobre a definição de religião. Ele foi publicado em 1957<sup>4</sup>.

Portanto, faz sentido apresentar, sucintamente, a temática da fé, tratada no livro *Dinâmica da Fé* para se apresentar o conceito de religião, pois são interligados. A partir dela, inicia-se a compreensão da religião em Tillich e da questão sobre a finitude e a infinitude na experiência da existência, bem como da relação entre religião e a fé. A tese de Baleeiro (2017, p. 31) antes de tratar do conceito de fé passa pela discussão sobre a religião. Baleeiro afirma que apesar de, em Tillich, os dois conceitos serem muito próximos, às vezes se confundindo, é

---

<sup>4</sup> O livro *História do Pensamento Cristão* (2000) informa as datas das publicações das obras de Tillich, essa data é informada com base no referido livro.

possível a distinção entre fé e religião. Assim como esse pesquisador, também neste trabalho será exposta essa sutil distinção entre religião e fé em Tillich. Nesse sentido, apresenta-se o conceito de fé e de religião e sua inter-relação e a relação com os contos ao final da dissertação.

A partir da leitura dos contos, foi possível a observação da presença dos seguintes índices temáticos: linguagem, símbolos e infância; existência, finitude e infinitude (ou finito e infinito); tempo; e espaço. Tais temas levam às reflexões sobre o incondicional e permitem a interpretação das obras sob a ótica de Tillich, principalmente no que se refere à questão da definição da religião como *preocupação última* (*Ultimate Concern*). Toma-se como referência a discussão suscitada em *Dinâmica da Fé* (TILLICH, 1985, p. 5), composta pelas questões acerca da definição de fé e das formas pelas quais ela se manifesta. Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente<sup>5</sup>, de modo que os símbolos utilizados nas narrativas são importantes por expressar a relação do finito com o infinito. O ser humano é capaz de captar o sentido do que é último, incondicional, absoluto e infinito. Apenas isso faz da fé uma possibilidade. O humano é impelido para a fé ao se conscientizar do infinito de que faz parte, mas do qual ele não pode tomar posse como de uma propriedade. Com isso, está prosaicamente e aparentemente simples, porém, complexo e formulado aquilo que ocorre no curso da vida como "inquietação do coração", segundo Tillich (1985, p. 11).

Lembramos da inquietação relacionada a essa temática, presente em outros pensadores, como Santo Agostinho, o qual, em *Confissões*, Capítulo I, Livro I (2019, p. 15), afirma: “Tu nos despertaste o deleitarmo-nos em Teu louvor, porque Tu nos fizeste para Si mesmo e o nosso coração estará inquieto até que repouse em Ti”. Ainda que este trabalho seja guiado pelo olhar para a tradição cristã, percebe-se que, em toda e qualquer religião, existe a relação do humano com a sua finitude e a busca do incondicional, da *preocupação última*, expressa nesta “inquietação do coração”.

Em *A Fé e a Dinâmica do Sagrado*, quarto capítulo do livro *Dinâmica da Fé*, o autor afirma que aqueles que penetram na esfera da fé estão pisando no Santíssimo da vida. Algo que nos toca, incondicionalmente, torna-se sagrado. Onde há fé, também se encontra um conhecimento do que é sagrado. E, de acordo com Otto, em sua obra clássica *O Sagrado*, o sagrado permanece mistério, se bem que é revelado. Quem com ele se depara é por ele atraído

---

<sup>5</sup>Para Tillich, no sentido mais amplo da palavra, “religião significa preocupação suprema com aquilo que nos preocupa em última análise. Fé, então, é o estado em que somos tomados pela preocupação suprema” (TILLICH, 2009, p. 81). E o termo “incondicional” refere-se ao elemento presente em qualquer experiência religiosa, responsável pelo caráter religioso dessa experiência. Todos os símbolos religiosos do divino expressam certa afirmação incondicional (HIGUET, 2019, p. 13).

e, ao mesmo tempo, estremece. O homem que se encontra na esfera do sagrado está diante do “fascinosum” e do “tremendum”; ambos estão presentes em todas as religiões. O “fascinosum” e o “tremendum” despontam frente ao incondicional, à *preocupação última*, na experiência com o sagrado e o infinito (TILLICH, 1985, p. 13).

O conceito de religião desenvolve-se no início da obra *Dinâmica da fé*. Para Tillich (1985, p. 6) a preocupação última está em estreita conexão com a fé. A fé, que se manifesta na religião do Antigo Testamento, também tem o caráter incondicional da exigência. Para o homem do Antigo Testamento, a fé é o estar possuído, última e incondicionalmente, por Javé e por tudo aquilo que ele representa, através de seus mandamentos, ameaças e promessas. Aquilo que interessa não é a nação, mas Deus. Na frase “amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força” (Dt 6, 5) está expresso o significado de preocupação última. A verdadeira fé, expressa na preocupação última, tal como evocada em Dt 6,5, significa estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente (TILLICH, 1985, p. 6-7). Segundo Tillich, sem uma preocupação última [*ultimate concern*], ninguém vive (TILLICH, 1985, p. 66). No livro *What is Religion?* (1973, p. 162), Tillich afirma que “Religion is directedness toward the Unconditional”.

Humberto Araújo Quaglio de Souza (2011, [p. 2]) esclarece sobre o livro *What is religion?*, publicado inicialmente em alemão e traduzido para o inglês, que apresenta em suas reflexões sobre a essência da religião uma análise do sentido, “sentido do sentido”. O que lhe concerne encaminhar à pergunta pelo fundamento do sentido, ou fundamento da plenitude do sentido, levando-o às perguntas sobre o incondicionado, algo que se situa na esfera da religião. E continua Humberto de Souza explicitando que os textos escritos neste período da década de 1920, com outros posteriores como *Dinâmica da fé* da década de 1950, ou *Teologia da Cultura* ou entrevistas concedidas em 1963 (*Ultimate Concern Tillich in Dialogue*), nesses textos percebe-se que o autor germano-americano mantém “argumentações coerentes, ou mesmo semelhantes, àquelas que havia exposto em seus escritos do início do século XX” (DE SOUZA, 2011, [p. 2]) em conceitos sobre fé, e religião como “preocupação última”. Pode-se observar que em toda sua obra há esta relação entre religião e cultura que estão interconectados e são ideias coerentes sobre a fé e *ultimate concern*, desde o início dos seus textos na década de XX. Tillich no livro *What is religion?* (TILLICH, 1973, p. 74) esclarece sobre a íntima relação entre religião e cultura nas formas culturais e na relação com o incondicional: “The unity of religion and culture as a unity of unconditional meaning import and of conditioned meaning form is the authentic relation of the two. We understand by that word the fulfillment of all cultural forms with the import of the Unconditional.”

Religião, no livro *Teologia da Cultura* (2009, p. 81), aparece relacionada à fé, conforme a citação “religião significa preocupação suprema”; “fé, então, é o estado em que somos tomados pela preocupação suprema”. Se somos tomados pela preocupação suprema, a fé e a religião estão unidas, interligadas, assim, dependentes de um mesmo conceito, preocupação última. Baleeiro (2017, p. 35) explicita a relação e a diferença entre os conceitos, “os conceitos de religião e fé parecem se aproximar. Ambos são dependentes da ideia de preocupação última.” Religião é a preocupação última, já a fé é o estado da pessoa, quando somos tomados pela preocupação última.

Para Gross (2013a, p. 9), analisar a fé em Paul Tillich é um trabalho importante, pois se trata de um conceito fundamental para o entendimento de sua obra, oferecendo, ao mesmo tempo, “possibilidades interessantes para a interpretação da situação humana em geral e da vivência religiosa em particular”. “Fé é um estado. A fé é uma situação em que a pessoa humana se encontra” (GROSS, 2013a, p. 13)<sup>6</sup>.

O que é fé em seu livro *Dinâmica da fé* é o mesmo que aqui em *Teologia da Cultura*, e o que é a religião já surge nos dois textos como “preocupação última”. Parece ser coerente a ideia do germano-estadunidense sobre a temática religião e fé desde a época da *Teologia da Cultura* até outras obras como *Dinâmica da Fé* e *Teologia Sistemática*. Expressa coerência entre os conceitos de Religião e fé, o estado de ser tomado pela “preocupação última” no pensamento do teólogo, assim como a importância da relação entre religião e cultura em todo o conjunto de sua obra (TILLICH, 2009, p. 33).

### **2.1.1 Os dois conceitos de religião em Tillich**

São observados os dois conceitos de religião na existência humana a partir de Paul Tillich em *Teologia da Cultura* nesta seção. A religião é a dimensão da profundidade em todas as atividades humanas, “não é mera função especial de nossa vida, mas a dimensão da profundidade presente em todas as funções” (TILLICH, 2009, p. 42); “é o aspecto dessa profundidade na totalidade do espírito humano” (TILLICH, 2009, p. 44). Portanto, nesta seção, são apresentados os dois conceitos de religião de Paul Tillich, partindo da compreensão de fé relacionada intimamente à religião, com o objetivo de compreender o conceito de religião em *Teologia da Cultura*. No primeiro capítulo de *Teologia da Cultura*, Tillich contextualiza e analisa as questões que surgiam do ambiente cultural no contexto dos anos 20.

---

<sup>6</sup>Os dois artigos de Eduardo Gross (2013a, 2013b) são importantes para melhor distinguir os conceitos de fé e religião em Paul Tillich.

Busca-se, neste trabalho, entender seu conceito de religião e algumas referências e elementos que o marcaram e identificaram neste período, fazendo com que, ainda hoje, nos meios teológicos, filosóficos e acadêmicos, o entendimento de religião em suas formas (estrita e ampla) seja considerado significativo.

Mas, afinal, o que é religião? A partir do livro *Teologia da Cultura* (2009, p. 33), Tillich aponta para o problema da relação entre a religião e a cultura. Enquanto professor de Teologia Sistemática, como afirma no prefácio, durante grande parte da vida, ele aborda essa relação em quase todo o conjunto de sua obra: “este livro procura demonstrar, por meio de algumas dessas publicações, a dimensão religiosa presente em diversas esferas da atividade cultural humana mesmo quando não se referem diretamente à religião no sentido restrito do termo” (TILLICH, 2009, p. 33). A partir dessa citação, percebe-se que, para Tillich, existe religião tanto no sentido estrito do termo, quanto em seu sentido amplo. Este último refere-se à religião presente na atividade cultural humana, mesmo de maneira implícita. Ou seja, a Teologia da Cultura “procura demonstrar, por meio de algumas dessas publicações, a dimensão religiosa presente em diversas esferas da atividade cultural humana” (TILLICH, 2009, p. 33).

Conforme Higuét (2008, p. 128), nas obras do teólogo germano-americano dos anos 20, “há pelo menos duas concepções da religião”. A primeira refere-se ao sentido estrito da palavra: religião como vivência espiritual, organizada em torno de ritos, crenças e devoções. Consiste em uma esfera particular da cultura, assim como a política, a economia e a arte, por exemplo. Ou seja, é um fenômeno distinto dos outros fenômenos culturais. A concepção mais ampla, por sua vez, é também aquela a que Tillich atribui maior importância, sendo considerada como a orientação do espírito que se volta para o *Incondicionado*. Pode-se falar no incondicionado como fundamento e como profundidade abissal do sentido. Na conferência de 1919, Tillich afirma que “a religião é a experiência do incondicionado, isto é, a experiência da realidade absoluta na base da experiência do nada absoluto”. Ou seja, “não é uma realidade que pertence ao ser, é o além-do-ser, mas uma realidade de sentido”, que pertence ao sentido último, mais profundo que abala tudo e edifica tudo (HIGUET, 2008, p. 128-130).

De acordo com o capítulo *Aspectos de uma análise religiosa da cultura*, do volume *Teologia da Cultura* (2009, p. 81), nem tudo pode ser tomado como uma preocupação última. Tillich diferencia os dois conceitos de religião e expõe sua compreensão existencial da religião: “religião significa preocupação suprema com aquilo que nos preocupa em última análise. Fé, então, é o estado em que somos tomados pela preocupação suprema, e Deus é seu nome e conteúdo”. E afirma que esse “conceito de religião tem pouco em comum com sua

descrição como crença na existência do mais alto dos seres, chamado Deus, e com as consequências teóricas e práticas dessa crença” (TILLICH, 2009, p. 81). Nesse trecho, percebe-se a relação íntima entre fé e religião. Além disso, há diferenciação entre os dois conceitos de religião, apontados por Tillich, (religião preocupação última e religião de forma estrita, crença na existência do mais alto dos seres, chamado Deus e consequências teóricas e práticas dessa crença). Também diferencia a religião, preocupação última, do estado de ser tomado pela preocupação última, a fé. A fé e a religião ligam-se ao conceito de preocupação última [*ultimate concern*].

Tillich, em uma entrevista publicada no livro *Ultimate Concern* (1965, p. 30), apresenta respostas ao ser questionado sobre os termos “infinite, unconditional, and ultimate all mean the same”. Segundo ele: “Yes, although they vary in their origin”. Ou seja, os termos têm o mesmo significado, embora variem em sua origem. E quanto à fé e à religião, Tillich responde: “If religion is defined as a state of ‘being grasped by an ultimate concern’ — which is also my definition of faith”. Assim, pode-se deduzir uma aproximação clara entre fé e religião de modo que os dois termos se encontram interligados.

Em seu livro *Textos Seleccionados* (2020, p. 11), Tillich aponta algumas de suas influências, tais como Kierkegaard, Schelling, Nietzsche, Schleiermacher. Ainda que não seja o objetivo deste trabalho analisar sistematicamente as várias influências intelectuais de Tillich, vale a pena apontar a importância de Schelling, Kierkegaard, Agostinho e Schleiermacher. O autor germano-estadunidense afirma quanto às leituras que “à filosofia: o existencialismo há um longo tempo, antes de o nome tornar-se de uso geral, me era muito familiar. A leitura de Kierkegaard em meus anos de estudante, o estudo completo das últimas obras de Schelling.[...]” E ainda, “Nietzsche durante a Primeira Guerra Mundial” (TILLICH, 2020, p. 11). Segundo Gross, “a definição de religião de Paul Tillich deve ser compreendida em estreita relação com a sua compreensão de fé, a qual por sua vez está ligada à tradição conceitual que remonta Agostinho, Anselmo e Schleiermacher” (GROSS, 2013b, p. 63).

Calvani (2010, p. 29), em seu livro *Teologia da Arte*, expõe sobre as várias fontes de inspiração em Tillich, e inclusive, muitas sendo opostas. E seu pensamento é fundamentalmente dialético: “a dialética é o eixo daquilo que chamou de método da correlação”. Expressa a importância de alguns autores como Schleiermacher, para quem sentimento não é emoção subjetiva, mas o impacto produzido pelo universo sobre a pessoa, capaz de transcender sujeito e objeto. Segundo Calvani, Tillich seguiu isso de perto:

Sentimento em Schleiermacher não é emoção subjetiva, mas o impacto

produzido pelo universo sobre nós nas profundezas de nosso ser, capaz de transcender sujeito e objeto, [...]. Tillich seguiu muito de perto Schleiermacher, aperfeiçoando e evitando as interpretações psicologistas de Gefühl. Para não usar a ambígua expressão sentimento cunhou o conceito de *Ultimate Concern*, expressão de difícil tradução (preocupação última ou suprema, interesse supremo, aquilo que nos toca incondicionalmente etc.). Trata-se, em última análise, da intuição do Incondicional na vida humana, a percepção do Incondicional que abrange e modifica toda nossa existência na medida em que atinge o intelecto, a vontade e as emoções. Logo no início do livro *Dinâmica da Fé*, percebemos a importância de Schleiermacher para o conceito tillichiano de fé. Ali ele afirma que fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente, um ato da pessoa inteira que se realiza no centro da vida pessoal e influencia todas as dimensões da personalidade. [...] Esses são os principais ingredientes com os quais Tillich dialoga na composição de sua teologia, e em todos percebe valores e limites, aprofundando-se nos primeiros e evitando os segundos. É a partir dessa visão crítica e dialética que Tillich combina essencialismo e existencialismo, tradição cristã e crítica secular, alinhados por uma firme convicção teológica da presença ativa do logos no espírito humano, o que vai resultar finalmente em sua concepção da interdependência mútua entre religião e cultura (CALVANI, 2010, p. 50 - 51).

Observa-se, assim, a importância do conceito de incondicional para a definição da religião em Tillich, e para a reflexão sobre o tema “preocupação última”. Em *Textos Selecionados*, livro publicado em 1956, Tillich expõe que:

Em *Níveis de Relação entre Religião e Arte*, religião significa ser tocado pelas questões últimas, ter levantado a pergunta acerca do “ser ou não ser” em relação ao significado da própria existência e tendo símbolos pelos quais a questão é respondida. Este é o mais amplo e mais básico conceito de religião. E todo o desenvolvimento, não somente da arte moderna, mas também do existencialismo em todos os seus campos, e isso significa da cultura do século XX, só é possível se nós entendermos o que é que, fundamentalmente, significa religião: ser tocado de maneira última a respeito do próprio ser, a respeito de si mesmo e do mundo, a respeito do significado deste, de sua alienação e finitude. Se isto é religião, devemos distinguir desta a religião em um sentido estreito, a saber, religião como possuindo um conjunto de símbolos, normalmente de seres divinos ou um ser divino, possuindo declarações simbólicas acerca das atividades destes deuses ou deste deus, mantendo atividades rituais e formulações doutrinárias sobre a relação deles conosco. Isto é religião em sentido estreito, onde ela é identificada, antes de tudo, com a crença na existência de um Deus, e, conseqüentemente, com as atividades intelectuais e práticas que seguem desta crença. Quando falamos acerca de religião e arte, devemos falar em termos que digam respeito a ambos os conceitos (TILLICH, 2020, p. 33).

Os dois conceitos de religião importam para a arte e para a existência humana segundo Tillich (2020, p. 33). Nessa relação entre religião e arte, conforme o autor, é considerável pensar que “religião significa ser tocado pelas questões últimas, ter levantado a pergunta



acerca do ‘ser ou não ser’ em relação ao significado da própria existência [...] Este é o mais amplo e mais básico conceito de religião” (TILLICH, 2020, p. 33).

Percebe-se que, apesar de diferenciar os dois conceitos de religião, ambos possuem seu espaço e importância, estando presentes na experiência, na vida e na existência do ser humano que caminha na terra. Sua separação e alienação mostram-se presentes na própria busca pelo sentido da vida e se expressam na profundidade da existência paradoxal humana, da religião e da cultura. Sendo assim, é uma tarefa relevante e desafiadora apresentar a definição de religião tal como concebe o autor.

O conceito de religião a que Tillich dá maior importância como orientação do espírito que se volta para o Incondicional, começa a ser expresso em 1919. Em *Teologia da Cultura*, esse conceito, segundo Calvani (2010, p. 51) surge a partir de “sua visão crítica e dialética”, em que “Tillich combina essencialismo e existencialismo, tradição cristã e crítica secular”, esboçados por firme convicção teológica da presença ativa do logos no espírito humano. O que vai resultar, finalmente, em sua concepção da interdependência mútua entre religião e cultura. Calvani esclarece: “os textos destinados a apresentar os aspectos principais da obra tillichiana geralmente não fazem referência às suas preocupações estéticas. É uma grave deficiência, uma vez que o interesse pela arte não é algo periférico em Tillich [...]” (CALVANI, 2010, p. 51). Portanto, pretende-se, nesta dissertação, apresentar uma seção sobre religião em *Teologia da cultura*, religião e cultura, e também, religião e arte mais adiante.

Baleeiro (2017, p. 33) apresenta críticas ao conceito de Tillich. “De que maneira é possível compreender a religião? Em linhas gerais, religião é ‘preocupação suprema’ [*ultimate concern*]”.

Mas o que isso significa? Afirmar que, no pensamento de Tillich, religião é preocupação última ou suprema, implica em situá-la como uma dimensão do espírito, sua dimensão de profundidade. Isso nos leva a algo que aparece em vários textos de Tillich (desde os anos 20 – Filosofia da religião – até os anos 60 – quarta parte da Teologia sistemática): a religião é a dimensão de profundidade do espírito, mas não pode ser colocada ao lado das funções do espírito, como a arte, a moral e o conhecimento. Ela é o fundamento das funções (BALEEIRO, 2007, p. 33).

Expõe Baleeiro (2007), que é possível “perceber que esse conceito de religião é bastante abrangente, não está restrito apenas às manifestações religiosas concretas, ainda que as inclua, mas corresponde a um elemento essencial da vida.” Esse sentido de religião é, atualmente, questionado, segundo Baleeiro. A principal crítica a ele é seu caráter generalista.

Apesar das críticas, o conceito de religião como “preocupação última” é atual, potente e provocativo para o contexto ocidental e cristão em que vivemos. Aponta para a presença do

incondicional na cultura e na vida humana. Podendo manter e construir o sentido da vida na profundidade do espírito, fundamento das funções. Conforme artigo de Gross (2013b, p. 59), com o qual coadunamos com a ideia de que por um lado o conceito de Tillich é amplo e podendo abranger fenômenos alheios ao que o senso comum considera religião, por outro, “ele possibilita a visibilidade do religioso em uma série de manifestações culturais, aparentemente, desencantadas, de modo que sua utilização pode continuar a render pesquisas relevantes no âmbito da ciência da religião” (GROSS, 2013b, p. 59).

### **2.1.2 O conceito de religião em *Teologia da cultura [Theology of Culture]***

O conceito de religião, em *Teologia da Cultura* (2009), desenvolvido por Paul Tillich, a partir dos anos vinte, a “preocupação última”, religião concebida de forma ampla é o conteúdo temático central desta seção e referencial teórico desta dissertação, a partir do livro publicado pela editora Fonte Editorial, como também, a publicação em inglês, *Theology of Culture* (1959). O livro *Teologia da Cultura*, foi publicado em 1959 e no capítulo *Dimensão religiosa na vida espiritual humana*, na Primeira Parte das Considerações Básicas, expõe o conceito de “preocupação última”, problematizando-o a partir da visão de teólogos e cientistas secularizados. A primeira parte do livro apresenta algumas considerações básicas à teologia da cultura, conceitos e as ideias do pensamento de Tillich.

A apresentação das questões se inicia a partir da visão de teólogos. Duas posições, dos teólogos e cientistas secularizados são apresentadas. Segundo Paul Tillich (2009, p. 39), “Quando se fala sobre religião, surgem questões de dois lados. Alguns teólogos cristãos indagarão se não se está falando de mero elemento criativo do espírito humano em vez de dom da revelação divina”. Por outro lado, “[...] certos cientistas secularizados querem saber se a religião deve ser considerada a suprema qualidade do espírito humano e não simples efeito de condições psicológicas e sociológicas mutáveis”. E Tillich, afirma: “Mas se respondermos que se trata de aspecto necessário da vida espiritual dos seres humanos, também eles, como os teólogos, interromperão o diálogo, embora de maneira diferente”. Frente a descontinuidade do diálogo pelos dois lados, quando se expressa a opinião sobre religião, como aspecto necessário da vida espiritual dos seres humanos, a situação mostra a divisão quase esquizofrênica existente em nossa consciência coletiva, conforme o teólogo (TILLICH, 2009, p. 39).

Para Tillich (2009, p. 41) ambos definem a religião como relação humana com seres divinos, cuja existência é afirmada pelos teólogos críticos e negada pelos cientistas. Mas é

justamente essa ideia que torna impossível a compreensão da religião, afirma Tillich. Quando começamos argumentando a favor ou contra a existência de Deus, não iremos encontrá-lo. “Qualquer Deus que venha a ser objeto de nossas argumentações a respeito de sua existência ou da negação dela, seria apenas uma coisa entre outras no universo” (TILLICH, 2009, p. 41). A partir dessa afirmativa, explicita Calvani (2010, p. 74) sobre Deus “ao invés de utilizar a tradicional palavra Deus, Tillich escolhe a expressão realidade última, indicando sua opção por falar de Deus como o Incondicional, o fundamento último”.

Tillich (2009, p. 42) apresenta no capítulo do livro, *Dimensão religiosa na vida espiritual humana*, essa peregrinação da religião em busca de descobrir seu lugar, sua função no espírito humano. Nesse percurso, descobriu-se a função moral e foi a religião bem recebida, porém a moral tomou conta da religião e a forçou a permanecer sob seu serviço. “Mas quando a religião se afirma como tal, é silenciada ou deixada de lado como algo supérfluo ou perigoso para a moral”. Outros caminhos então a religião buscou, sentiu-se atraída pela função cognitiva. “Seria certo modo especial de conhecimento: imaginação mitológica ou intuição mística” (TILLICH, 2009, p. 43). A relação não durou, pois “o conhecimento puro, fortalecido pelo tremendo sucesso das conquistas científicas, logo se voltou contra a religião e se declarou independente dela.” (TILLICH, 2009, p. 43). Assim, a religião, novamente sem ter um lugar na vida espiritual humana, procurou lugar na função da dimensão estética; todavia, não aceitou ser arte. A religião hesitou nesse momento, resistiu à tentação de se dissolver na arte:

Por que não tentar se situar nos domínios da criatividade artística? Era o que indagavam os filósofos da religião. O mundo artístico respondeu afirmativamente com entusiasmo e não só convidou a religião para companheira como também acabou afirmando que arte é religião. Mas nesse momento a religião hesitou (TILLICH, 2009, p. 43).

Então, a religião voltou-se para algo que acompanha todas as atividades humanas, o sentimento. “Mas, quando a religião é jogada no mero campo do sentimento, deixa de ser perigosa para os empreendimentos humanos racionais e práticos. Pior do que isso, perde a seriedade, a verdade e seu significado supremo” (TILLICH, 2009, p. 43, p. 44). Nesta situação, sem ter um lugar definido, de repente a religião percebe que não precisa de nada disso. Ela já possui um lugar próprio: “em todos os lugares, principalmente nas profundezas das funções da vida espiritual humana. A religião é a dimensão da profundidade em todas elas. É o aspecto dessa profundidade na totalidade do espírito humano” (TILLICH, 2009, p. 44).

A proposta da teologia da cultura é fazer com que a religião deixe de ser entendida como um setor da cultura, ao lado de outros, para se tornar o seu fundamento (MATHEUS, 2014, p. 35). Ou seja, a teologia da cultura aborda a religião em sentido amplo, de forma que está presente em todas as manifestações humanas, preocupação última, [*ultimate concern*] preocupação presente em todas as outras preocupações. Paul Tillich utiliza dessa narrativa da peregrinação da religião para explicar essa presença dela em todo lugar a partir do conceito de *ultimate concern*, preocupação última, isto é, a religião, manifestada em todas as funções da vida espiritual humana.

When we say that religion is an aspect of the human spirit, we are saying that if we look at the human spirit from a special point of view, it presents itself to us as religious. What is this view? It is the point of view from which we can look into the depth of man's spiritual life. Religion is not a special function of man's spiritual life, but it is the dimension of depth in all of its functions (TILLICH, 1959, p. 5).

O conceito de religião expresso na teologia da cultura de forma paradoxal, ambígua, designa a dimensão de sentido em todas as funções da vida humana, o incondicional que pode ser expresso para além do sagrado, na arte e na vida. Porém, apesar de Tillich (2009, p. 83) apresentar tal conceito de “preocupação última” presente em todas as demais preocupações, consagrando-as, e afirmar que essencialmente não há separação entre sagrado e secular, logo adiante em seu texto surge frente a essa ideia, de forma contraposta, o paradoxo. A contradição da realidade da condição humana ambígua. Na verdade, as coisas não são bem assim. Afirma Tillich que “poderia se dizer, acertadamente, que a existência da religião é a prova mais cabal da queda humana. [...] a divisão atesta nossa condição humana”(TILLICH, 2009, p. 83). Essa separação se dá pela alienação, pecado. Está pensando na compreensão existencial. E nem tudo para Tillich é considerado uma preocupação suprema!

And ultimate concern is manifest in all creative functions of the human spirit. It is manifest in the moral sphere as the unconditional seriousness of the moral demand. Therefore, if someone rejects religion in the name of the moral function of the human spirit, he rejects religion in the name of religion. Ultimate concern is manifest in the realm of knowledge as the passionate longing for ultimate reality. Therefore, if anyone rejects religion in the name of the cognitive function of the human spirit, he rejects religion in the name of religion. Ultimate concern is manifest in the aesthetic function of the human spirit as the infinite desire to express ultimate meaning. Therefore, if anyone rejects religion in the name of the aesthetic function of the human spirit, he rejects religion in the name of religion. You cannot reject religion with ultimate seriousness, because ultimate seriousness, or the state of being ultimately concerned, is itself religion.

Religion is the substance, the ground, and the depth of man's spiritual life. This is the religious aspect of the human spirit (TILLICH, 1959, p. 8).

Então, para Tillich, a religião não tem um lugar, um âmbito, mas sim, a partir da *Teologia da Cultura*, com sua teoria do *'ultimate concern'*, ele procura conferir-lhe uma renovada do vigor, da potência, em um contexto em que a religião é relegada ao esquecimento, e o homem é o centro. Tillich afirma que “religião e o mundo secular estão no mesmo barco”. (TILLICH, 2009, p. 46). A construção de sentido é importante, assim, também como a busca pelo transcendente, *ultimate concern*, procurando, pois, segundo Krepke (2019, p. 76) “compreender o existir no mundo e como o ser tenta sobreviver às contingências, às angústias, superar os medos, não se render à objetivação da sociedade moderna, expressar sua religiosidade, espiritualidade”. Tillich demonstra a partir da sua filosofia e teologia a relação da religião expressa na vida, na relação da cultura com a religião revelada de maneira complexa, paradoxal e ambígua, pela arte. “Com coragem, desenvolveu sua teologia da cultura, concatenando a profundidade do existir, as experiências pessoais e religiosas com a profundidade da arte, da cultura” (KREPKE, 2019, p. 76).

A religião ao âmbito apenas da esfera íntima e da igreja, de uma missa de domingo ou um culto de domingo, um setor, um dia de retiro, uma oração, um tempo, ou seja, uma função ao lado de outras funções humanas está presente na vida humana. Mas... A religião é mais... Traz Paul Tillich na sua teoria de “preocupação última”, uma qualidade que se manifesta para além da igreja, além de um tempo ou espaço, por meio de uma atitude, isto é, culturalmente, na vida, na existência, na arte, na cultura; contudo, incluindo a igreja. “A igreja está dentro da cultura e vice-versa. E o reino de Deus as inclui ao mesmo tempo em que as transcende” (TILLICH, 2009, p. 93).

A partir da “preocupação última”, a experiência com o transcendente e com símbolos da religião se mostra na finitude (infinito expresso no finito). Dessa potência teórica emergem as manifestações culturais e o seu sentido identificado nas produções humanas, arte, literatura etc. Tillich constrói este conceito mais amplo de religião “preocupação última”, não necessariamente ligado a uma noção confessional; de crença em um Deus, na forma que se expressa a religião de forma estrita, mas, a religião não é entendida mais só como uma parte da cultura, um setor, um âmbito separado. Agora, ela passa a ter também uma dimensão presente em todos os âmbitos culturais, permeável a toda vida humana, faz vir à superfície da existência do ser humano o sentido mais profundo.

What does the metaphor depth mean? It means that the religious aspect points to that which is ultimate, infinite, unconditional in man's spiritual life. Religion, in the largest and most basic sense of the word, is ultimate concern. And ultimate concern is manifest in all creative functions of the human spirit. (TILLICH, 1959, p. 7-8)

Sobre a religião e o espírito humano, Tillich (2009, p. 40) expõe que a religião: “é um dos aspectos do espírito humano, queremos dizer que quando olhamos o espírito humano a partir de certo ponto de vista, ele se apresenta a nós religioso. Que ponto de vista é esse? É o que parte das profundezas de nossa vida espiritual”. E Tillich explana que a religião não é mera função especial de nossa vida, mas a dimensão da profundidade em todas as funções. E o que significa a metáfora da profundidade? O autor explicita que: “quer dizer que o aspecto religioso volta-se para os elementos supremos, infinitos e incondicionados da vida espiritual”. Mais ainda, o autor afirma que: “a religião, no sentido básico e mais abrangente da palavra, é ‘preocupação suprema’ [*ultimate concern*], manifesta em todas as funções criativas do espírito, bem como na esfera moral na qualidade de seriedade incondicional [...]” (TILLICH, 2009, p. 44). A realização do sentido ocorre na cultura, nas realizações culturais do espírito humano na sua profundidade, na transcendência no Incondicionado, Infinito que se mostra a partir das formas finitas. Assim, para Tillich a religião, como “preocupação última”, estaria em todos os âmbitos da vida.

Matheus (2014, p. 13) expõe, na sua dissertação, que Paul Tillich “desenvolve uma concepção da religião como dimensão de profundidade, com direcionamento ao Incondicional e à substância do sentido, revestindo-a do aspecto divino sem, contudo, abandonar seu caráter imanente” pois, o Incondicional, o infinito só pode ser acessado por meio da finitude da cultura. Matheus (2014, p. 43) também explicita que “toda afirmação feita referente ao Incondicional é, portanto, necessariamente, paradoxal. Tillich esclarece que todo paradoxo estético e lógico reclama para si uma solução e, a princípio, pode ser solucionado”. Porém, o paradoxo do Incondicional não pode ser resolvido em relação a ele “nenhum princípio estético ou lógico é resolutivo, mas implanta um problema que exige o exercício da intuição” (MATHEUS, 2014, p. 43). Ao descrever de forma mais abrangente o conceito de religião, Tillich desconstrói a noção tradicional de religião como crença em um Deus ou deuses. O incondicional para Tillich só pode ser expresso, acessado, pelas formas finitas; nesse processo, o paradoxo do incondicional não é desfeito, conforme pode-se perceber na complexidade e desafiante teoria tillichiana. Os símbolos e a linguagem são aspectos importantes para a compreensão da *Teologia da Cultura*. Importa também abordar a retomada do tema religião em obras posteriores, e em comentadores de Tillich.

### 2.1.3. Retomadas do tema religião em Tillich em obras posteriores

Esta seção apresenta obras que retomam o tema da religião em Paul Tillich a partir de comentadores, ordenada cronologicamente. Em seu estudo, Higuete (2008, p. 137) esclarece que a religião é um fenômeno cultural e encontra-se além das realizações e expressões concretas. Apresentando como importante a dimensão de sentido, forma e conteúdo, sendo na religião e na cultura a forma e a substância conceitos importantes, e o sentido incondicionado presente em todo ato cultural.

Calvani (2010, p. 60) expõe sobre a importância da cultura desde o início da vida acadêmica do filósofo e teólogo:

Tillich, porém, percebeu já no início de sua vida acadêmica, que a cultura não era apenas o lugar onde a igreja vivia. Ela era também *locus* teológico, manancial de experiências revelatórias e espaço onde se manifestavam sinais de buscas do Sagrado e rastros de contatos com o Incondicional.

Quanto à relação da cultura com a religião e a intencionalidade afirma Calvani (2010, p. 300) que “para Tillich, a cultura enquanto cultura, sempre é substancialmente religiosa, embora não o seja intencionalmente”. Noutra consideração, Re Manning (2013, p. 439), aponta que em Tillich há uma compreensão dupla de religião:

Tillich’s project of a theology of culture, or as he sometimes calls it, a ‘theology of historical revelation’. I begin with his formal proposals. Tillich famously defends a two-fold understanding of religion. On the one hand, religion is a specific cultural sphere with its own particular concepts, institutions and practice [...] On the other hand, and more importantly, Tillich argues for a far broader concept of religion as what he calls ‘a certain quality of consciousness’. In his seminal 1919 lecture ‘On the Idea of a Theology of Culture’ in which he first sets out his manifesto for the reconsideration of theology as theology of culture, Tillich outlines his new definition of religion (RE MANNING, 2013, p. 439- 440).

Cultura e religião, ambos não são a mesma coisa; no entanto, possuem relações íntimas, a substância e a forma inseparáveis, “se complementam, se conjugam, se interpenetram” (GROSS, 2013a, p. 11). Nessa relação de proximidade, a cultura nem é ameaçada pela religião, e nem a religião pela cultura, ambas possuem sua especificidade e autonomia. “A religião revela a profundidade da vida espiritual, encoberta, em geral, pela poeira de nossa vida cotidiana e o barulho de nosso trabalho secular. [...] a religião e o mundo

secular estão no mesmo barco” (TILLICH, 2009, p. 45-46). Pode-se deduzir que se modificam no tempo e espaço, a cultura, a religião e estão intimamente relacionadas.

O autor Re Manning expõe sobre a dimensão de profundidade de sentido na vida humana, ‘the dimension of depth’: “One metaphor comes to be particularly privileged in Tillich’s theology of culture, namely, that religion is ‘the dimension of depth’ in all human functions or otherwise ‘the substance, the ground and the depth of man’s spiritual life” (RE MANNING, 2013, p. 440).

Importa, ainda, o registro de Higuete (2019, p. 16), cujo título de seu artigo é: “Atualidade da teologia da cultura de Paul Tillich”, em que afirma ser fundamental uma “releitura de teologia da cultura de Tillich”. “Pois esta estabeleceu como seu princípio fundamental e ponto de partida a experiência crítica e libertadora de Deus feita na realidade alienada e ameaçada dos empobrecidos (inclusive culturalmente) e excluídos”. É necessária a reinterpretação da Boa Nova do evangelho em função dessa realidade. Paul Tillich, segundo Higuete “viveu momentos comparáveis ao atual ocaso das utopias sociais, econômicas e políticas e refletiu dentro desse vazio e desse desencanto que sucedem ao desmoronamento das esperanças” (HIGUETE, 2019, p. 16). Interessa também, conforme Higuete, trazer para a atualidade os conceitos da *Teologia da Cultura*.

Higuete (2021, p. 83) expõe, neste outro artigo, o contexto da pandemia, ao utilizar também de conceitos da *Teologia da Cultura* para a relação entre saúde e pandemia: “com aumento dos casos de depressão e ansiedade, devidos ao isolamento, à falta de contatos corporais, redução ao mínimo do trabalho de luto, desemprego e dificuldades econômicas”. Pode-se pensar, como exemplo dessa atualidade das reflexões de Higuete, a partir da relação entre cultura e religião, exemplos da atualidade de conceitos de Paul Tillich.

Mas também pode-se refletir a importância da arte, da educação, da justiça social, das variadas linguagens, da leitura, da literatura, da arte e cultura em um contexto como esse, como possibilidades de construção de sentido.

Paul Tillich, ao se deparar com o quadro de Botticelli, “o encontro com a Madonna de Botticelli lhe proporcionou algo até então não experimentado, ‘um momento de beleza’, de transfiguração em meio a feiúra das tragédias pessoais e sociais com as quais convivia”. E mais adiante expõe Calvani que “a arte, de fato, não oferece respostas permanentes. Ela nos provoca, mexe com nossas emoções, nos invade, nos deixa boquiabertos, atinge nossas emoções e nos abala” (CALVANI, 2010, p. 277-278).

Esse encontro de Tillich com o quadro, assim como a importância da natureza em Rosa, exemplificado com o deparar com o Tucano do Menino no conto expressam o impacto



da arte. Eles expõem a beleza desses momentos (Kairós). A relação expressa do ser humano com o fundamento infinito, o impacto produzido pelo universo sobre Paul Tillich mas também, sobre Rosa e todos nós, nas profundezas de nosso ser na peregrinação da existência, nos encontros com a arte e com a natureza, mas também com a vida e seus paradoxos, sua ambiguidade. A “preocupação última” está também presente nesses encontros, na cultura humana, na arte, na música, na literatura, na natureza em cada momento que nos toca. Essa relação da religião com a cultura, com a arte, com a vida, mas também do pesquisador, do autor, do ser humano, e de todos nós nessa busca pela “preocupação última” na vivência, no cotidiano da experiência humana de existir, de cada um, expressa a busca pelo sentido. Surgem trabalhos, obras de arte desse encontro. Segundo Higuete, as coisas, os objetos podem adquirir um significado: “Graças à arte e ao poder sublimado de Eros, os objetos produzidos pelo homem podem deixar de ser simples coisas. Podem ser humanizados, reencontrar um verdadeiro significado para o homem [...] meios para um fim transcendente” (HIGUETE, 2019, p. 18). E segundo Calvani (2010, p. 215) a “preocupação última” está presente mesmo em meio ao mundo secular:

Mesmo nas manifestações culturais não associadas diretamente ao que se convencionou chamar "religião" não está ausente uma preocupação última ou uma postura religiosa. Assim os rituais celebrados por grupos religiosos ou igrejas, podem ser qualificados como intencionalmente religiosos, mas outras manifestações relacionadas ao mundo secular não deixam de ser religiosas em sua base ou inspiração, embora encontrem formas culturais de expressão que não são batizadas com termos religiosos.

Nessa manifestação da religião, em formas culturais, estará presente, também a preocupação última, assim como na nossa viagem de existir e na viagem do Menino.

#### **2.1.4. Relação do conceito de religião com as concepções de finito e infinito.**

Em *Teologia da Cultura*, Segunda Parte, nas Aplicações Concretas no capítulo Significado histórico da filosofia existencial, o teólogo e filósofo germano-americano discute a finitude. Em *O Princípio da finitude*, Paul Tillich (2009, p. 144) expõe sobre o finito e infinito e afirma que “o processo do mundo é explicado por Hegel em termos de identidade dialética do finito com o infinito. Nega completamente o divórcio entre eles: não como no misticismo, nas ocasiões de experiência com o êxtase”. Mais adiante, explicita o autor que

“somente os seres finitos que somos, temos consciência dessa finitude. Assim, o caminho para a ontologia passa pela doutrina do ser humano” (TILLICH, 2009, p. 146).

Tillich em *Dinâmica da Fé* (1985), aborda também, o tema da finitude e infinitude. Sobre o finito e infinito, explica que um ato de fé é realizado por um ser finito, que está tomado pelo infinito e para este se volta. “Trata-se de um ato no âmbito do finito, com toda a limitação que como tal lhe é própria; mas também é um ato do qual participa o infinito, transcendendo os limites do finito. Fé é certeza, na medida em que ela se baseia na experiência do sagrado”. No entanto, ainda é cheia de incertezas por ser experiência de um ser finito (TILLICH, 1985, p. 15).

Em *Teologia Sistemática*, de forma mais teológica e ontológica, já na introdução, o livro expõe que o homem está interessado de forma última em seu ser e sentido. “Ser ou não ser”, assim, é uma questão de preocupação última, incondicional, total e infinita. O homem está infinitamente preocupado pelo infinito, ao qual pertence, do qual está separado e pelo qual anseia (TILLICH, 1987, p. 22). Mais adiante, VOL.III, PARTE IV, A vida e o espírito, no capítulo II, *A presença espiritual*, “fé é o estado de ser possuído pela unidade transcendente da vida sem ambiguidade inclui amor como o estado de ser introduzido nessa unidade transcendente” (TILLICH, 1987, p. 484).

Conforme Tillich (1987, p. 484) “fé sem amor é uma continuação da alienação e é um ato ambíguo de autotranscendência religiosa. Amor sem fé é uma reunião ambígua [...]”. Ensina que “amor não está relacionado apenas com emoção; é o movimento da totalidade do ser em direção ao outro ser para superar a separação existencial. [...] isto é, a vontade de unir” (TILLICH, 1987, p. 489). Nesse sentido, da relação do humano com o infinito, de forma que há no ser humano um desejo de ser reunido com o incondicional, o infinito, dando sentido e profundidade à existência humana.

Segundo trabalho de Baleeiro (2017, p. 79), para “Tillich a vida é ambígua porque contém elementos essenciais e existenciais. Ela é ambígua porque está essencialmente presente no ser, mas em sua efetivação é limitada pela finitude”. A ambiguidade na travessia da essência para a existência. “Essa maneira de tratar a ambiguidade é muito próxima da maneira de tratar a ideia de risco. A vida ambígua é a vida sob o risco da existência, que se caracteriza pela instabilidade, insegurança e incerteza”. Conforme Baleeiro, “Tillich, possivelmente, encontrou o tema da ambiguidade em Kierkegaard, que inspirou outros filósofos da existência, como Heidegger, que o relacionou à linguagem; Sartre, que o relacionou à situação existencial do ser humano, e Simone de Beauvoir,” o relacionou à ética a partir de Sartre (BALLEIRO, 2017, p. 79).

Aproximam-se, nessa concepção de infinito, expresso no finito, os dois autores: Rosa e Tillich ao abordarem a ambiguidade da vida, o paradoxo, o gosto pela leitura de Kierkegaard, a importância da linguagem e da finitude que pode expressar infinitos. O simbólico, a poesia e a filosofia são importantes como expressões culturais da preocupação última. De acordo com Flávia Rocha (2009, p. 29), Rosa era leitor de Kierkegaard, assim como o autor teólogo e filósofo referencial teórico deste trabalho, Paul Tillich (BALEEIRO, 2017, p. 79).

### **2.1.5. Relação do conceito de religião com o conceito de amor**

Esse conceito apresentado de religião como preocupação última e discutido nos capítulos anteriores deste trabalho, aparece em *Teologia da Cultura*. Além disso surge a importância do amor expressa com o apontamento de que “amor é fonte de graça [...] é o amor que nos torna ‘graciosos’” (TILLICH, 2009, p. 196).

Paul Tillich (1985, p. 74-75), em *Dinâmica da Fé*, afirma a resposta à pergunta anterior por ele formulada: “Existe algo como amor sem fé?” E responde mais adiante que a fé como aquilo que nos toca incondicionalmente, inclui o amor, seja entre Deus e o homem, seja entre duas pessoas. E a dúvida aparece, está presente, assim, como a *preocupação última* está presente em todo o ser humano (TILLICH, 1985, p. 66).

Pesquisadores (GROSS, 2013b, p. 64; HIGUET, 2019, p. 13, p. 14) esclarecem ainda que nem tudo para Tillich deve ser uma “preocupação última”, a religião no sentido mais amplo da palavra é o fato de ser tomado ou possuído por uma “preocupação última”, suprema ou incondicional, o termo incondicional refere-se ao elemento presente em qualquer experiência religiosa, ligando-se ao mandamento: “amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda tua alma e com toda a tua mente”. A religião não é um sentimento, refere-se a fé, a experiência religiosa, mas o religioso é também ambíguo e no sentido estrito esfera separada de crenças e de culto, em consequência do pecado e da alienação. A religião está ligada à importância do símbolo, e a dimensão de profundidade e de sentido no ser humano, na existência e na cultura. A fé, o amor e o mandamento estão interligados.

Em *Teologia Sistemática*, Paul Tillich (1987, p. 484) explicita sobre a fé e amor que: “a ‘união transcendente’ responde à questão geral implícita em todas as ambiguidades da vida. Aparece no espírito humano como movimento extático que, a partir de um ponto de vista, é chamado de ‘fé’ e, a partir de outro [...] é chamado de ‘amor’”. O autor explica mais adiante que: “Fé é o estado de ser possuído pela unidade transcendente da vida sem

ambiguidade - inclui amor como o estado de ser introduzido nessa unidade transcendente”. A importância do amor e da fé estão expressas: “Amor também se torna uma ‘obra’ pré-Espiritual do espírito humano quando negamos a inseparabilidade essencial de fé e amor.” (TILLICH, 1987, p. 489). Percebe-se a inseparabilidade, a união e importância dos dois conceitos: fé e amor, porém a ambiguidade está na própria vida, que espelha tanto a fé e o amor, quanto a descrença e o desamor, e a dúvida. Tillich (1987, p. 488) expõe sobre o amor união do que está separado, neste encontro pessoa-a-pessoa e ser humano e Deus:

Mas na discussão do encontro pessoa-a-pessoa e do imperativo moral intrínseco a ele, também levantamos a questão de uma reunião sem-ambiguidade, a questão do amor como participação no outro mediante participação na união transcendente da vida-sem-ambiguidade. A resposta a essa questão está dada na criação do *agape* pela Presença Espiritual. *Agape* é amor sem-ambiguidade e portanto é impossível para o espírito humano. Como a fé, ele é uma participação extática do espírito finito na unidade transcendente da vida-sem-ambiguidade. Aquele que está no estado *agape* é atraído para dentro dessa unidade.

Essa descrição torna possível resolver a controvérsia católico-protestante sobre a relação entre fé e amor. Já indicamos que a fé precede logicamente o amor, porque a fé é, por assim dizer, a reação humana à irrupção da Presença Espiritual no espírito humano; é a aceitação extática do Espírito divino rompendo a tendência da mente de descansar em sua própria auto-suficiência. Essa visão confirma a afirmação de Lutero de que fé é puramente receber e nada mais que receber. Ao mesmo tempo, a ênfase católico-agostiniana no amor é afirmada com igual força, mediante a percepção da inseparabilidade essencial do amor e da fé na unidade transcendente da vida sem ambiguidade. Nessa visão, o amor é mais que uma consequência da fé, embora necessária; é um aspecto do estado extático do ser, do qual a fé é outro aspecto. Ocorre uma distorção dessa relação somente quando os atos de amor são entendidos como condicionantes do ato pelo qual a Presença Espiritual se apodera do homem. O princípio protestante de que na relação com Deus tudo é feito por Deus - permanece sendo a arma contra esse tipo de distorção.

O ágape é amor sem ambiguidade. Porém, impossível para o espírito humano, segundo Tillich, na finitude do ser humano, na relação pessoa-a-pessoa, não é possível o amor sem ambiguidade. A morte, a separação e a alienação, estão presentes na vida de todos. O ser humano se vê distante de Deus separado, a morte é acentuada nesta relação com Deus e o

princípio protestante<sup>7</sup> nesta relação em que tudo é feito por Deus, regula e é arma contra distorção.

A entrevista no livro *Ultimate Concern* (1965, p. 29-30) expõe que:

Now, I define the concept of love as the urge to reunite the separated. And there are at least four different qualities of love which must be clearly distinguished, but all of them share in common a desire to be united with something that is not strange but separated. Thus, you see, separation implies belonging. If this concept is applied to God, we can understand the fundamental distinction between two theologies — the theology of the stranger, which makes God an individual somewhere in the air, or beyond the air, who might or might not be related to us; and the theology of estrangement, which insists that "from him and through him, and to him are all things," to use the Paulinian phrase. This means we are related to him, and are determined to return to him because we come from him. The stranger, on the other hand, may be a tyrant who can force us to do something.

No livro sobre o tema cujo título em português: *Amor, Poder e Justiça* (2004, p. 35) aparece em *Uma Ontologia do Amor*: “Amor é unir o que está separado”. E ainda expõe sobre amor que: “há uma profunda ambiguidade sobre essa experiência. Amor vivenciado é, ao mesmo tempo, a felicidade extrema e o fim da felicidade. A separação está dominada. Mas sem a separação não há amor e nem vida” (TILLICH, 2004, p. 37). Logo, amor, aqui, não é mera emoção, é emoção, mas também um princípio de vida; porém, um paradoxo. Higuét (2002, p. 2) expõe que:

Para Tillich, o amor é o poder iniciador e constitutivo da vida. O amor exprime, em todas as suas qualidades, uma tendência ou um desejo ontológico à reunião dos elementos separados da vida com o fundamento ao qual pertencem, mas com o qual romperam, nas condições da alienação existencial. (HIGUET, 2002, p. 2)

O amor e a vida estão unidos e são ambíguos, paradoxais, o amor é constitutivo da vida e em todas as suas qualidades expressa o desejo de reunir os separados. Higuét no mesmo texto expõe ao final das discussões que: “[...] Para tal descrição fenomenológica, o material parenético e narrativo fornecido pela encenação da história de Jesus de Nazaré nos evangelhos sinóticos permanece inigualável, porém não exclusivo [...]” (HIGUET, 2002, p.

---

<sup>7</sup> No livro *Teologia da Cultura* a definição do princípio protestante e sua importância é expressa: O princípio protestante (nem sempre efetivo na pregação e no ensino das igrejas protestantes) salienta a distância infinita entre Deus e ser humano. Acentua a finitude humana, a morte, mas acima de tudo, a separação de nosso ser verdadeiro e a escravidão às forças demoníacas - forças de auto-destruição. A incapacidade de nos libertar dessas prisões inspirou os reformadores a elaborar a doutrina de nossa reunião com Deus na qual somente ele toma a iniciativa e nós a recebemos. (TILLICH, 2009, p. 113)

11) Ou seja, Jesus Cristo, o Novo Ser nos evangelhos tem importância central no pensamento de Tillich, assim como os símbolos cristãos, a cruz e o amor e a fé. São textos narrativos presentes na Bíblia que expressam o amor pela humanidade.

Tillich (2009, p. 194 - 195) explicita que podemos falar do autoamor justo, “o desejo de nos reunirmos conosco mesmos”. Sobre o amor, Paul Tillich explana que: "o amor leva a união com as formas de natureza e cultura e com as fontes divinas de ambos" (TILLICH, 2004, p. 39). E ainda expressa que “se amor em todas as suas formas é o guia para a reunião do separado, tornam-se compreensíveis as diferentes qualidades da natureza do amor” (TILLICH, 2004, p. 37). Ou seja, o amor é presença em toda a vida humana e sem ele não há vida, e se interliga também com a natureza e a cultura, a religião e a fé na existência humana. “A vida é o ser de fato e o amor é o poder propulsor da vida. [...] Amor é unir o que está separado” (TILLICH, 2004, p. 35).

Calvani (2010, p. 185) expõe que Tillich alertou para a necessidade de não separar os conceitos de amor, poder e justiça e que o Amor é o que move e sustenta a vida, conduz à união. O amor, o ágape, um princípio de ética que mantém o elemento eterno e imutável, o amor é a própria vida em unidade concreta para Tillich conforme expõe Calvani :

O Amor, mais que emoção, é a essência que move e sustenta a vida e a tendência que conduz à união de tudo o que está separado na esfera da existência. ‘Amor’, para ele, era uma palavra que precisava ser urgentemente resgatada das conotações românticas, pietistas. Várias vezes, enfatizou sua convicção de que ‘o amor, o ágape, oferece um princípio de ética que mantém o elemento eterno e imutável na mesma medida em que torna a sua realização dependente de atos contínuos de intuição criativa’ ‘[...] O amor é a própria vida em sua unidade concreta. As formas e as estruturas concretas do amor são as formas e as estruturas que possibilitam a vida, nas quais as forças autodestrutivas são superadas. Este é o sentido de ética: expressar as diferentes maneiras da concretização do amor e da manutenção e salvação da vida’. (CALVANI, 2010, p. 185).

Se o “amor é a própria vida em unidade concreta” (CALVANI, 2010, p. 185), ele se apresentará nas variadas qualidades e oferecerá um princípio de ética e estruturas que possibilitam a vida superando as forças autodestrutivas. Em sua intuição criativa expressa-se na cultura e nas religiões, bem como na arte, na música e, no caso desta dissertação: na literatura.

Não iremos, neste trabalho, aprofundar o tema amor e as naturezas do amor e em suas variadas facetas, qualidades: *eros*, *agape*, *philia*, *epithymia* (TILLICH, 2004, p. 19, p. 38).

Contudo, importa saber que para Tillich (2004, p. 37) em todas as suas formas o amor é o guia para a reunião do separado e terá importante ligação com a religião e a união com as formas de natureza e cultura. O amor, para Tillich é importante ser relacionado à religião; inclusive já mereceu ser tematizado em dissertação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, em 2018, por André Yuri Gomes Abijaudi, cujo título é indicado para aprofundamento do tema: *Uma ontologia do amor: a reunião dos separados e a superação da vida fragmentada a partir de Paul Tillich*<sup>8</sup>.

## 2.2 A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E CULTURA

Espera-se nesta seção aprofundar a leitura a partir do olhar na relação íntima da religião com a cultura e da *Teologia da Cultura*. O que Tillich nos ensina e expõe em sua *Teologia da Cultura* e se faz ainda atual e aplicável aos dias de hoje é que o Incondicional está sempre à espera para ser redescoberto, aquém e além dos limites da igreja. Ela pode revelar, isto é, fazer emergir sentidos nas diferentes produções culturais e deixar mostrar as marcas da substância religiosa na profundidade de sentido presente na cultura, na arte e na literatura a partir da experiência do Incondicionado na existência humana. Na relação do finito com o infinito, na nossa cultura, por exemplo, na arte, na literatura. Nessa relação a religião se faz presente como uma permeabilidade de sentido em toda vida e não mais como um âmbito apenas: é o que nos apresenta a *Teologia da Cultura*. Nesse aspecto, a religião pode estar também naqueles encontros com a finitude, com o desespero, com o que nos desestabiliza, mas também na busca de sentido, na busca e encontro do amor, na beleza, na alegria nessa viagem de existir... também de forma ambígua na experiência de viver. Continuando o percurso de reflexão sobre a religião, em *Teologia da Cultura*, no Capítulo 1, *Dimensão religiosa na vida espiritual humana*, surgem polêmicas exemplificadas com a questão: existe qualquer justificação para se falar da religião como um dos aspectos do espírito humano? Conforme discussões acima.

Em todo o âmbito da vida humana está presente a “preocupação última”. Todo ser humano será religioso nesse sentido fundamental para Tillich. Higuier (2008) em trabalho intitulado “As relações entre religião e cultura no pensamento de Paul Tillich”, abrange no artigo, de forma clara, profunda e sintética as concepções de Paul Tillich sobre os dois

---

<sup>8</sup> Ver: ABIJAUDI, André Yuri Gomes. **Uma ontologia do amor**: a reunião dos separados e a superação da vida fragmentada a partir de Paul Tillich. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/7087>. Acesso em: jan. 2023.

conceitos de religião, e da cultura, e suas mútuas relações, o que tem importância para esta pesquisa ao fazer também a diferenciação entre religião e cultura. O autor esclarece vários pontos que, às vezes, podem ser mal interpretados em Tillich. Um deles é quanto à diferença entre religião e cultura, outro a teonomia.

Higuet (2008, p. 130) expõe que não se pode falar nas esferas particulares da cultura no sentido próprio do termo. “Não há mais lugar para um conhecimento religioso particular, nem para métodos particulares do conhecimento religioso. Só subsiste a experiência religiosa paradoxal, que conduz a uma “teonomia” igualmente paradoxal [...]”. Ou seja, é importante também pensar no conceito de teonomia (heteronomia e autonomia) e na paradoxal experiência da religião como experiência humana de sentido na cultura, no tempo e no espaço. E nos métodos propostos por Tillich como alternativa. Higuet (2008) explicita quanto à relação entre religião e a cultura que há diferenças, a religião será a orientação para o conteúdo incondicionado do sentido, já a cultura orienta-se para as formas condicionadas do sentido, contudo forma e substância são inseparáveis, segundo Higuet:

a religião será a orientação para o conteúdo incondicionado do sentido, ao passo que a cultura orienta-se para as formas condicionadas do sentido e a sua unidade (também chamadas de “esferas da cultura” ou “províncias do espírito”). Contudo, a forma e a substância são inseparáveis. Todo ato cultural contém o sentido incondicionado; baseia-se no fundamento do sentido; e, na medida em que é um ato de sentido, é substancialmente religioso. O religioso está substancialmente presente no ato cultural, ao passo que no religioso, o cultural está formalmente presente. A cultura é a forma da expressão da religião e a religião é o conteúdo da cultura. [...] De um lado, a religião é um fenômeno cultural, uma função do espírito entre outras. Do outro lado, a essência mesma da religião encontra-se além de todas as formas fenomenais, além de todas as realizações e expressões concretas (HIGUET, 2008, p. 137).

Em relação à preocupação última na vida, na existência humana, Calvani (2010, p. 300), ao apresentar a temática sobre a relação entre religião e cultura afirma que “Tillich busca apreender o Incondicional (a fé) nas formas condicionadas (cultura), afirmando a simultaneidade do imanente e do transcendente”. Nesse sentido, “para Tillich, a cultura, enquanto cultura, sempre é substancialmente religiosa, embora não o seja intencionalmente” (CALVANI, 2010, p. 300).

Em seu livro, *Teologia da Cultura*, Tillich explicita o papel do existencialismo frente à condição humana e a sociedade naquele contexto. “O existencialismo, em sentido amplo, é o protesto contra o espírito da sociedade industrial a partir dela mesma. O protesto dirige-se contra a posição do ser humano no sistema de produção e consumo” (TILLICH, 2009, p. 87).



Ou seja, a partir da leitura do protesto na cultura mostra-se a profundidade de sentido. Também através da filosofia, da literatura, da cultura e de seus temas e questões que se impõe ao encontro da realidade como o existencialismo em protesto ao contexto da sociedade industrial, mostra-se a “preocupação última” no contexto da humanidade, da finitude humana e da própria existência. Afirma Tillich (2009, p. 88) que “algumas pessoas são suficientemente fortes para assumir a angústia e a falta de sentido e viver criativamente, expressando a situação humana por meio de produção cultural”:

As grandes obras de arte visual, de música, poesia, literatura, arquitetura, dança e filosofia mostram em seus estilos o encontro com o não ser, bem como a força de moldá-lo criativamente. [...] a cultura é a forma da religião. Este fato é especialmente óbvio na linguagem que ela usa. Qualquer tipo de linguagem, incluindo a da Bíblia, resulta de inumeráveis atos de criatividade cultural (TILLICH, 2009, p. 88).

Esta citação expõe a importância da linguagem como atos de criatividade cultural e complementa a ideia da importância de que o sentido no espírito humano está como dimensão religiosa, sendo expresso por Gross (2013a, p. 22) que:

a realização do sentido ocorre na cultura, nas realizações do espírito humano em geral. Para que isso seja reconhecido como possuindo uma dimensão de sentido e, portanto, uma dimensão religiosa, é necessária a fé. Fé é o que permite reconhecer o infinito no finito.

Percebe-se que o espírito humano necessita dessa criação da arte, pela linguagem, e da religião, da vida transcendente para o sentido e a “preocupação última”, reconhecendo o infinito no finito e nessa busca sendo necessária a fé.

### **2.2.1 Religião e Arte**

Nesta seção, exemplificamos a atualidade da *Teologia da Cultura*, a partir dos artigos de autores (CALVANI, HIGUET), suscitando reflexões sobre religião, vida e arte. A arte é uma forma de protesto frente a falta de sentido e de se deixar tornar o ser humano apenas como objeto, força de trabalho, números, preso ao tempo cronológico, ao relógio e sem a esperança do olhar para o infinito, para a transcendência de um horizonte em que há justiça, amor à vida, sentido, o que precisa ser restabelecido, construído talvez como uma busca da preocupação última e busca da paz em nosso mundo. A vida, a natureza, o cuidado, e autocuidado, o amor com o outro e consigo mesmo o querer bem o amor, a amorosidade, e a

gentileza, a ética, a polidez na fala, a empatia, o diálogo, a hospitalidade, a paz e respeito não só com os seres humanos, mas também com a natureza, da qual fazemos parte, as árvores, os pássaros, os animais, todo o universo, a vida. Todos esses são aspectos simples com que nos deparamos na existência humana, básicos, porém talvez esquecidos. Aspectos positivos que devem ser cultivados. Higuete (2021, p. 96) questiona, seria “a pandemia, um Kairos? O que significaria o Kairós,<sup>9</sup> na situação de pandemia?”:

Parece que houve uma tomada de consciência maior da interdependência da natureza e da cultura, e, em consequência, da necessidade de preservar o meio ambiente em vista da saúde do ser humano, de lutar contra as diversas formas de devastação da natureza e de procurar uma superação das desigualdades na sociedade humana, através de políticas públicas e da prática da solidariedade (HIGUETE, 2021, p. 96)

No Capítulo *Protestantismo e estilo artístico*, segunda parte do livro *Teologia da Cultura*, ao abordar a arte e religião questiona sobre o estilo: “Será que alguns estilos expressam melhor do que outros a temática religiosa? Podemos falar de estilos essencialmente seculares?” (TILLICH, 2009, p. 117-118).

A primeira resposta é que não existe estilo algum que exclua a expressão artística da preocupação suprema, pois o absoluto não se restringe a formas particulares de coisas ou experiência. [...] Brilha numa paisagem num retrato ou em cenas humanas, dando-lhes a profundidade de sentido. Assim, os estilos nos quais predomina o elemento da imitação são predominantemente religiosos em sua substância. O absoluto faz-se presente em experiências nas quais não se experimenta apenas a realidade, mas o encontro com ela. Está aí, embora oculto, ao sermos tomados pelo poder do ser e do sentido na realidade. É isso que dá significado religioso ao elemento estilístico da subjetividade e aos estilos onde ele predomina. O absoluto acha-se presente nesses encontros com a realidade onde a perfeição é expressa e antecipada de forma artística.

Expõe ainda o teólogo mais à frente, na mesma página, que “o absoluto se faz presente em experiências nas quais não se experimenta apenas a realidade, mas o encontro com ela. [...] o absoluto acha-se presente nesses encontros com a realidade onde a perfeição é expressa antecipada artisticamente.”

Em *Teologia Sistemática*, ao refletir sobre a arte, Tillich aponta sobre a ambiguidade que “um trabalho de arte é uma união entre o eu e o mundo dentro de limitações tanto da parte do eu quanto da parte do mundo [...] a ambiguidade da função estética é sua oscilação entre realidade e irrealidade” (TILLICH, 1987, p. 434- 435). Um trabalho de arte é a união entre o

<sup>9</sup> Sobre o conceito de Kairos, cf. discussão no ponto 2.4

eu e o mundo, essa afirmativa de Tillich em *Teologia Sistemática* expressa a potência da relação entre arte, cultura e religião manifestada como preocupação última. Essa afirmativa da potência da linguagem e da criatividade cultural humana nesse encontro entre o eu e o mundo, explana também em *Teologia da Cultura* (TILLICH, 2009, p. 88): “a linguagem expressa a liberdade humana a partir de situações dadas e de suas exigências concretas”.

Já Calvani (2010, p. 209), no capítulo MPB - uma forma de Oração, ao expor sobre a música, aborda além de mpb também o pop-rock nacional: Raul Seixas, Legião Urbana e Titãs. Calvani apresenta a passagem bíblica de Lucas 24, em que os discípulos oram pedindo a Jesus que fique com eles, sem saber que era Jesus ressuscitado. Uma bela reflexão que insere a questão que nos ensina a possibilidade de encontrar Deus nos caminhos da vida, seja em um bom livro, filmes, em músicas, seja em tudo que nos encanta e fascina. A música *Força Estranha*, composta por Caetano e popularizada por Roberto Carlos reflete, segundo Calvani, o mistério do tempo, companheiro constante de todo ser humano em sua existência terrena, mistérios da vida conceitualizado na imagem “força estranha no ar” (CALVANI, 2010, p. 210-213).

Outras músicas podem também suscitar reflexões teológicas, filosóficas ou sobre o tempo, como por exemplo de Legião Urbana: “Todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou. Mas tenho muito tempo. Temos todo tempo do Mundo” (LEGIÃO URBANA, 1986). Ou dos Titãs que expressa um desejo de algo mais que mate a fome não só do corpo: “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte” (TITÃS, 1987).

Paul Tillich, segundo Calvani (2010, p. 75-76), diferencia em três modos de experimentar e expressar a “preocupação última”, um modo direto e dois indiretos. O modo direto é a religião e os dois modos indiretos a filosofia (metafísica) e a arte. São indiretos, segundo Tillich, porque sua intenção primeira e imediata é expressar a realidade encontrada em conceitos cognitivos ou imagens estéticas. A filosofia busca a verdade sobre o universo, a vida, o conhecimento, o comportamento e os valores e conceitos mais elevados ao pensamento humano, já pela arte, uma via própria de aproximação e expressão dessas mesmas preocupações filosóficas e religiosas. Porém, seu modo de expressão não é diretamente conceitual, ou seja, não invoca diretamente à razão, mas aos sentidos (pintura, escultura, visão, tato; música, audição; etc). A arte deve ser valorizada justamente por complementar as capacidades limitadas da razão (CALVANI, 2010, p. 76).

Religião e Arte, para Paul Tillich, é mais que expressamos aqui. Deste capítulo podem-se suscitar novos estudos, porém, restringiu-se ao objetivo de apontar sucintamente a

importância da religião e arte na música, exemplificando com Calvani. Entretanto, há em várias expressões artísticas essa relação.

### 2.2.2 Superação da oposição entre religião e cultura e os métodos

O pesquisador Higuete expõe que a superação da oposição entre religião e cultura expressa-se em termos de heteronomia, autonomia e teonomia. Esta tríade representa, segundo Higuete (2008, p. 138), os três modos possíveis de união da forma e do conteúdo (da cultura e da religião) no objeto cultural. Na autonomia, a forma domina o conteúdo, ao passo que, na heteronomia, é o contrário que acontece. Higuete (2021, p. 79-80) explana sobre os conceitos autonomia, heteronomia e teonomia:

[...] chamamos de autônoma a cultura empenhada em criar formas de vida pessoal e social sem qualquer referência a algo supremo e incondicional, seguindo apenas as exigências da racionalidade técnica e prática. A cultura heterônoma, por sua vez, submete as formas e as leis do pensamento e da ação ao critério da autoridade da religião eclesiástica e da política quase religiosa, mesmo ao preço de destruir as estruturas da racionalidade. A cultura teônoma expressa nas suas criações a preocupação suprema e o sentido transcendental não como algo que lhe seja estranho, mas como seu próprio fundamento espiritual. “A religião é a substância da cultura e a cultura, a forma da religião”. Podemos dizer que esta frase define com precisão o que entendemos por teonomia (HIGUETE 2021, p. 79).

Na autonomia, não há referência a algo supremo, o domínio da forma sobre o conteúdo. Já na heteronomia importa a autoridade da religião e ou política quase religiosa mesmo ao preço de destruir as estruturas da racionalidade, o conteúdo domina a forma numa tentativa religiosa de dominação da criatividade cultural autônoma. Já a teonomia, expressa nas suas criações a preocupação suprema, há uma relação teônoma entre a religião e a cultura, ou seja, tentativa de harmonia, conciliar e expressar a preocupação suprema e o sentido transcendental. Para Tillich, religião e cultura estão intrinsecamente relacionadas com a forma, a substância (conteúdo), o sentido, não podem ser separados, pois todo ato cultural carrega algo de religioso e todo ato religioso é, segundo a forma, um ato cultural.

Tillich explicita sobre autonomia, heteronomia e teonomia no seu livro *What is religion?* que: “Autonomy and heteronomy are tensions within theonomy, which can lead to a breaking asunder and thus to the catastrophe of the spirit, for the essential relation of culture and religion is theonomy” (TILLICH, 1973, p. 75-76).

E quanto ao método, Higuét (2011, p. 35) esclarece que o método metalógico: “só se volta para as formas do sentido, as funções e categorias pelas quais os objetos são constituídos, mas que não são, elas mesmas, objetos, abandonando ao empirismo a apreensão das figuras concretas (Gestalten) da natureza e da história”. O método metalógico distingue-se do método fenomenológico segundo Higuét de duas maneiras não fica apenas com as formas particulares, mas apreende através delas, “de modo crítico e intuitivo, os princípios do sentido, que são determinados ao mesmo tempo pela forma e pelo conteúdo substancial e sobre os quais se funda toda intuição particular da essência”. No entanto, “por outro lado, ele deixa ao empirismo a apreensão categorial das essências singulares. Os elementos de todo sentido, a forma e o conteúdo substancial são de modo absoluto os elementos essenciais”. Eles são indissociáveis, “não há substância sem forma e não há forma sem substância. Do mesmo modo, não há religião sem cultura e não há cultura sem religião” (HIGUET, 2011, p. 35).

O método da correlação explica os conteúdos da fé cristã em uma interdependência mútua entre as « questões » existenciais e as « respostas » teológicas. As respostas encontradas no evento revelador só serão significativas se tiverem sido correlacionadas às questões que dizem respeito à totalidade da nossa existência e, por esse motivo, identificam-se conosco (HIGUET, 2021, p. 78). Ambos os métodos conhecidos por serem divulgados e elaborados, aplicados por Tillich e apresentados em suas obras. O método metalógico é a base da teologia da cultura, que Tillich desenvolve de modo não sistemático nos anos 20 e 30 do século XX. O método da correlação, o qual relaciona perguntas existenciais aos símbolos religiosos, estabelecendo um sentido de relação do finito ao incondicional, um método que defende a possibilidade de um conhecimento do divino a partir do humano ou do mundano, visando resguardar a imutabilidade do divino (GROSS, 2009, p. 61). Sendo importante conhecer os métodos para a compreensão da Teologia da Cultura de Tillich, e a relação entre cultura e religião.

Gross (2013b, p. 65) expõe que “a cultura apresenta uma dimensão que sempre é religiosa, quer se expresse socialmente, como um sistema explicitamente religioso, quer não”. A partir desta citação e das explicitações de Higuét sobre a diferença entre cultura e religião e a definição de Tillich, é possível pensar na cultura como uma forma de protesto da condição humana, conforme se pensa na relação do ser humano com a vida paradoxal. Ainda neste contexto histórico, em que se situa a *Teologia da Cultura*, é possível se aproximar de nosso contexto, tendo um olhar principalmente, predominantemente, para o aspecto cristão. Tillich afirma um conceito de religião que perpassa toda sua obra, sendo ele um teólogo e filósofo. A

religião não é entendida como uma função do espírito ao lado de outras. Ela é expressa como a irrupção através de cada uma delas e a realidade, o sentido incondicional no mundo, como ‘preocupação última’ desde o início da sua obra, na década de XX, é discutida e apresentada.

### 2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE SÍMBOLOS E LINGUAGEM

*A literatura humana abunda em louvor da grandeza do universo físico, mas “grandeza” nesse sentido não é definida, via de regra. Nesse caso, obviamente a palavra inclui a vastidão quantitativa do universo no tempo e no espaço. Mas aponta mais enfaticamente ao mistério qualitativo das estruturas de cada partícula do universo físico bem como à estrutura como um todo. “Mistério” aqui significa a quantidade infinita de perguntas com as quais cada resposta confronta a mente humana. (TILLICH, 1987, p. 452)*

Esta citação da epígrafe que inicia a seção sobre símbolos e linguagem antecipa o que será dissertado nos próximos capítulos sobre o tempo e espaço e sobre os contos literários. Traz a centralidade da questão da literatura humana, da linguagem e dos símbolos e a grandeza, o mistério que envolve a infinita busca por respostas com que cada um de nós se depara desde o começo da existência, do nascimento até o final da vida. Busca expressa em pensamentos e linguagem, símbolos frente à realidade da vida, a amplitude do “mistério” do universo no tempo e espaço. As perguntas à experiência da viagem da existência até o final da vida, neste encontro da finitude com a infinitude expressa na cultura, na existência humana, na arte literária, passada de geração em geração. Objeto de estudo, de pesquisa, a literatura, os contos de João Guimarães Rosa, neste trabalho, expressam as perguntas na perspectiva da infância.

Um dos poucos comentários sobre escritores da literatura realizados por Tillich (2009, p. 165) em *Teologia da Cultura* é sobre Dostoievski. Tillich analisa o autor russo como expoente do demoníaco na humana condição de existência, próximo de Baudelaire e Rimbaud: “em Dostoievski encontramos a descrição do subconsciente humano demoníaco. É o que também se lê na poesia francesa de Rimbaud e Baudelaire”. O que decorre desse refletir sobre a literatura, a existência, sobre a arte e o eu no encontro com o mundo, no sentido das descobertas sejam filosóficas, sejam existenciais, sejam experienciais frente às questões humanas do ser, como por exemplo da morte, ou da vida e do amor, pode ser uma questão última, como expõe Tillich em *Teologia da Cultura*.

A questão dos símbolos como também do sentido figurado, na literatura, das abundantes figuras de linguagem e poesia, ou seja, o que os símbolos apontam na arte e na

religião são produções criativas da linguagem, bem como a própria finitude, a qual se relaciona com a preocupação humana e a relação com a linguagem, nos contos de Rosa (anáforas, assonâncias, paradoxos, onomatopeias, neologismos etc.). Segundo Paul Tillich (2009, p. 88): “a cultura é a forma de religião. Este fato é especificamente óbvio na linguagem que ela usa. Qualquer tipo de linguagem, incluindo a da Bíblia, resulta de inumeráveis atos de criatividade cultural”. Existem atos inumeráveis de criatividade e vocábulos inusitados na linguagem de Rosa que se aproximam dessa assertiva de Tillich da criatividade pela linguagem. Exemplo há nos conceitos dos contos como “cimos” (ROSA, 2001, p. 224), “graça” (ROSA, 2001, p. 232), mas também em neologismos como por exemplo: “Trevava” (ROSA, 2001, p. 55). Em *Teologia Sistemática* (1987, p. 434) também é expressa a questão do belo, reflexões sobre a função estética:

A intenção de encontrar a verdade é apenas um elemento da função estética. A intenção principal é expressar qualidades do ser que podem ser captadas somente pela criatividade artística. O resultado dessa criatividade foi chamado de o belo e às vezes foi combinado com a verdade, às vezes ainda com o bem, às vezes com ambos, numa tríade de valores supremos.

O autor afirma que cada ato religioso, não apenas da religião organizada, mas também dos mais íntimos movimentos da alma, é formado culturalmente. Essa assertiva é provada pelo fato de que todos os atos da vida espiritual humana se realizam por meio de linguagem falada ou silenciosa. “A linguagem é a criação cultural básica” (TILLICH, 2009, p. 83). A asserção do teólogo e filósofo sobre a relação expressa da cultura com a linguagem se faz necessária ao levar a reflexão sobre a importância que a cultura tem também sobre a linguagem. Como em capítulo anterior desta dissertação, apresentou-se a cultura e a religião, diferentes, contudo, relacionadas. Agora explicitar-se-á a relação da religião e da arte com a linguagem e os símbolos. A linguagem e os símbolos para Tillich (2009, p. 100) são explicitados na segunda parte do livro *Teologia da Cultura, Aplicações Concretas* desenvolvido e aprofundado no capítulo que expõe a diferença entre símbolos e sinais. A teologia da cultura de Paul Tillich, partindo do pressuposto de que a religião é o fundamento da cultura e de que a sua tarefa é trazer à superfície a substância profunda e mostrar que cultura e religião estão relacionadas, tendo a linguagem um papel relevante.

Destaca-se a arte, uma das preocupações centrais para Tillich, ao definir cultura, tendo a linguagem como importante papel junto aos símbolos e a sua teoria do sentido em meio a toda expressão cultural. A literatura, de forma mais específica, neste trabalho terá notoriedade neste sentido de revelar níveis mais profundos de sentido a partir também dos símbolos. Por

isso abordou-se a leitura e a tríade leitor, autor, texto, assim também como a definição de linguagem, de símbolos e sinais em Paul Tillich e a literatura nos trabalhos do autor.

A presença de análises sobre arte, cultura e estilo, substância e função estética da linguagem surge potente nas questões apontadas por Tillich (1987, p. 434) em Teologia Sistemática - IV A vida e suas ambiguidades: “a ambiguidade da função estética é sua oscilação entre realidade e irrealidade”. Tillich expõe que: “a limitação da parte do mundo é que embora na função estética como tal uma qualidade doutra forma oculta do universo é alcançada, a realidade última, que transcende todas as qualidades não é alcançada”. E mais adiante esclarece sobre a limitação da parte do eu que na função estética capta a realidade em imagens e não com a totalidade do ser (TILLICH, 1987, p. 435).

O encontro do finito com o infinito se mostra também pela arte, nessa oscilação da função estética, na ambiguidade, na finitude, nos contos, na existência, no amor, mas sobretudo na religião, na cultura, na literatura, na poesia e na narrativa, na vida humana. A ambiguidade registrada criativamente e ficcionalmente nesse encontro. Somente seres humanos pensam e se comunicam pela linguagem, questionam qual o sentido da vida, do tempo, da morte, do amor, das experiências, das ambiguidades e ambivalências expressas, seja pela linguagem oral, ou escrita. Não só pela literatura, mas pelas artes: a pintura, a música ou qualquer outra arte, somente os seres humanos são artistas e criam símbolos e buscam e podem expressar a preocupação última tal qual conceituada por Tillich. Cleber Baleeiro em sua tese (2017, p. 119), ao se referir ao símbolo, diz que para “Tillich, o símbolo é a linguagem em que a preocupação última pode ser expressa”.

Conforme Fábio Henrique Abreu (2021, p. 19), “é a partir do conceito de símbolo que a forma própria do relacionamento entre religião e cultura, entre o condicionado e o incondicionado, é articulada”. Segundo Paul Tillich (2009, p. 83), o conceito existencial de religião “preocupação suprema está presente em todas as demais preocupações, consagrando-as. Essencialmente, não há separação entre sagrado e secular”, e ele continua e esclarece que a separação atesta nossa condição humana. A heteronomia da religião sobre a cultura seria a responsável pela separação alienante e característica da nossa própria condição humana. Conforme visto nos capítulos anteriores, retomando a noção da “preocupação última” que está presente também na cultura, na arte, portanto, na linguagem e nos símbolos, sejam religiosos ou não, cultura e religião não são dicotômicas, mas se relacionam e se completam.

A teoria dos símbolos de Paul Tillich e sua relação com a linguagem, na cultura, na arte, na literatura, indica uma produção de sentido do ser humano que aponta para algo mais.



Tillich (2009, p. 100) conceitua que: “o símbolo representa algo além dele, com o qual se relaciona e cujo poder e sentido participa”. Ele chama de função de abertura de níveis da realidade e afirma que de outro modo permaneceriam ocultos e não poderiam ser percebidos, a função principal dos símbolos, é essa abertura, mas também é a função da arte. A linguagem, sendo assim, tem fundamental importância nesta definição de religião como “preocupação última”. Religião e cultura partem do espírito humano para construção de sentido, nesse aspecto, a linguagem é essencial nessa interação do ser humano com o universo e sua grandeza.

E pode-se refletir sobre a mudança no tempo e espaço das teorias. As teorias se ampliam, modificam e abrangem de acordo com os estudos e talvez no contexto que vivemos de multilinguagens, de multiletramento, das mídias, multiculturalismo e pós-modernidade, outras formas de linguagem surgem no tempo e espaço como as mídias, não só textos escritos, mas texto e imagens, youtube, Instagram, vídeos em tablets, celulares e nos computadores. Porém, a importância da linguagem permanece. Hoje a linguagem se expressa em uso social na cultura, no dia a dia, nos livros, nos poemas, nos diálogos, na arte, na literatura, nos jornais, mas também no cotidiano da vida humana e na internet. Surgem meios novos de se comunicar (WhatsApp, e-mails etc.) e outros acabam ou diminuem seu uso, como: as cartas e os telegramas. No último conto uma forma de linguagem que não utilizamos mais hoje aparece. O telegrama, uma forma de comunicação antiga que marca uma época, aparece no conto de Guimarães Rosa, *Os Cimos*.

Aborda-se a partir da linguagem, da literatura, a questão da relação autor, texto e leitor. Mourão Aranha em sua dissertação (2014, p. 77) traz a relação entre autor, texto e leitor como assunto bastante discutido tanto pela teoria da literatura quanto pela crítica literária. “Algumas vertentes de estudo, especialmente as primeiras teorias que tratavam dessa relação, privilegiaram o autor nessa tríade da leitura – o autor é quem teria o poder de escrever o texto e determinar seu sentido”. Segundo ela, “o texto passa a ter um lugar privilegiado a partir do advento dos estudos estruturalistas e formalistas”. Principalmente a partir do advento da linguística. Sendo assim a relação autor-texto-leitor, conforme Mourão Aranha “o foco sobre o leitor ganha destaque por volta dos anos 70 com os alemães Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, quando se dedicam aos estudos da Estética da Recepção, reitera-se, inegável a contribuição da Linguística e que se bate pela não imanência do sentido no texto”. O sentido ocorreria no ato da leitura, valendo-se da função do leitor. Acredita-se que as teorias se opõem entre si, considerando a supremacia desta ou daquela, ou seja, a do autor, do texto ou do leitor, podem acabar incorrendo em exagero, levando a discussão ora para uma vertente objetiva

demais, em que tudo teria um fim planejado, ora subjetiva demais, fazendo crer que tudo é permitido na literatura. Dessa forma, não é difícil deduzir que se acredita ser o equilíbrio entre os três elementos, (autor, texto e leitor), reconhecendo a devida importância de cada um deles a ideia mais adequada. Ideia que acreditamos ser a mais pertinente no caso de leitura e interpretação dos contos e ao encontro da exposição de Bárbara Mourão Aranha na sua dissertação sobre a leitura dos Contos de Rosa.

Portanto, terá a literatura um papel fundamental nesta pesquisa ao encontro do que afirma Antonio Candido (2004, p. 188), de que negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade, humanidade ao encontro do que o autor define de humanização em seu texto. Assim, importa a leitura de fruição; ler pelo simples prazer e sem por quê. Mas também o ler e encontrar a importância de uma época que é dada em determinada cultura em relação à vida humana, à existência ligada ao período, ao tempo e espaço.

Tillich reconhece em cada expressão artística a sua importância e aborda na sua obra *Teologia da Cultura*, principalmente, a conhecida leitura do quadro *Guernica* de Pablo Picasso (2009, p. 113). Tillich não aborda análises de textos literários, apenas discorre sobre temática da poesia, linguagem, estilos, da cultura em geral e análise artística da pintura, em específico *Guernica* em *Teologia da Cultura*. Paul Tillich (2009, p. 100) explicita que quando buscamos o sentido dos símbolos, assim como a arte, percebemos que uma das funções da arte tal qual dos símbolos consiste em abrir níveis da realidade. A arte, a poesia, as artes visuais revelam níveis da realidade que não poderiam ser percebidos de outra forma.

Contudo é um autor fundamental para questões da cultura e percebe-se, ao estudá-lo, seu impacto na filosofia e teologia por ser até hoje tema de estudos e trabalhos. Porém, um desafio percebido, segundo o livro *Teologia da Arte*, Capítulo 17 “Teologia e Literatura: princípio profético, busca de sentido e ambiguidades na vida religiosa”, de Calvani (2010, p. 352), “a primeira dificuldade para se abordar obras literárias a partir de Tillich reside no fato de que ele não tem nenhum texto especificamente dirigido a esse tema. Ele era um teólogo, e não um crítico literário”, esclarece Calvani que, “embora tivesse grande apreciação pelas artes, a maior parte dos escritos de Tillich nessa área são dedicados à análise das artes plásticas e da arquitetura. Raramente ele cita compositores, poetas ou escritores”. Nesse aspecto, o ser humano é capaz de transcender sua finitude. “Tillich nunca formulou uma teoria estética. Seus comentários sobre arte são totalmente derivados de sua teologia. O que lhe interessava nas obras de arte era o que as mesmas poderiam revelar de atitudes teológicas ou existenciais” (CALVANI, 2010, p. 354). Expõe Calvani, (2010, p. 354) ainda sobre Paul Tillich, que “sua apreciação pelas artes plásticas o motivou a afirmar que, através da arte, o

ser humano é capaz de expressar, de modo diferente e em formas próprias, as mesmas preocupações da filosofia e da teologia”. Apresenta Calvani um ponto que interessa ao trabalho que é a questão última expressa pela arte, questões filosóficas e teológicas, existenciais, culturais, experiências do viver. Para Tillich, a arte é capaz de expressar “a relação que determinada época, cultura ou movimento têm com o Incondicional e com a vida, de modo geral”. Assim, ela tem o poder de indicar o estado espiritual de uma época de modo mais imediato, direto e diverso da ciência (CALVANI, 2010, p. 354).

Quanto ao símbolo, Tillich (1985, p. 30-33) afirma que este pode expressar aquilo que toca o homem incondicionalmente, pois apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional. O autor exemplifica, ao se referir a um quadro ou a uma poesia, que eles revelam traços da realidade que não podem ser captados cientificamente. O símbolo fundamental para aquilo que nos toca incondicionalmente é Deus. Isso nos leva a mais uma característica do símbolo: ele faz parte daquilo que ele indica. A bandeira faz parte do poder e do prestígio da nação pela qual ela flutua. Outra característica do símbolo consiste em que ele nos leva a níveis da realidade que, não fosse ele, permaneceriam inacessíveis. Toda arte cria símbolos para uma dimensão da realidade que não nos é acessível de outro modo. Em seu livro *Dinâmica da fé*, faz as mesmas afirmações muito próximas do que discute em *Teologia da Cultura* quanto aos símbolos, esclarecendo seu papel de abertura a outros níveis da realidade. Segundo Emílio (2009, p. 51), Tillich entende que é possível substituir um mito por outro, mas seria impossível desligar o pensamento mítico da vida do espírito humano, pois o mito é associação de símbolos que exprimem o que nos toca incondicionalmente.

O autor germano-estadunidense apresenta como e de onde nascem os símbolos em *Teologia da Cultura*, utilizando-se para isso da metáfora do ventre: mas os símbolos nascem de que ventre? Nascem do ventre comumente chamado “inconsciente de grupo” ou “inconsciente coletivo” (TILLICH, 2009, P. 102). Nascem de um grupo que reconheça nele o seu próprio ser. Não é algo inventado intencionalmente. Ou seja, o símbolo deve ser aceito por um grupo. E quanto à natureza religiosa dos símbolos, os símbolos religiosos funcionam exatamente como os outros. “Os símbolos religiosos produzem a experiência da dimensão da profundidade na alma humana.” Sendo assim, “a dimensão da realidade suprema é a do sagrado. Assim, podemos dizer que os símbolos religiosos são símbolos do sagrado. [...] O transcendente absoluto está além de todos os símbolos que o representam” (TILLICH, 2009, p. 103). O símbolo participa na santidade do sagrado, mas não é identificação, nas relações que a mente adquire em sentido último, “o transcendente absoluto está além” dos símbolos que o representam. A *Teologia da Cultura* de Tillich expõe que não existe linguagem sagrada

caída de um céu sobrenatural para ser encerrada nas páginas de um livro, existe é a linguagem humana, baseada em nosso encontro com a realidade. Essa linguagem em evolução ao longo do tempo, usada para as necessidades cotidianas, para comunicar e expressar, literatura e poesia, bem como manifestar a *preocupação última* (TILLICH, 2009, p. 89). No capítulo *Natureza da linguagem religiosa* Tillich (2009, p. 98) ainda diferencia símbolos de sinais. Isso tem importância por ser a linguagem literária e a arte usualmente multifacetada justamente por abrir a interpretação pela linguagem utilizada de forma artística, metafórica, literária, criativa: a poesia e simbolismos nos levam a outros níveis de leitura, arte e símbolos. As palavras “quando adquirem conotações além do que indicam como sinais, tornam-se símbolos; trata-se de importante decisão de quem fala” (TILLICH, 2009, p. 99). O símbolo “macaquinho”, personagem e objeto transicional, exemplifica como o símbolo pode apontar para algo além,<sup>10</sup> assim como o tucano no conto de Rosa.

#### 2.4 TEMPO E ESPAÇO: CONCEITOS E SIGNIFICADOS

Há diferença entre Cronos e Kairós, dois vocábulos diferentes para o tempo na língua grega. Na língua portuguesa (e na civilização moderna), não se diferenciam cronos e kairós, geralmente usando-se apenas uma palavra para expressar a noção de “tempo” (SILVA, 2018, p. 4). Tillich ensina em *História do Pensamento Cristão* que “só temos um vocábulo para tempo. Os gregos têm dois, chronos e kairós.” Segundo o autor teólogo “chronos é o tempo do relógio, que se pode medir, como aparece em palavras como ‘cronologia’ e ‘cronômetro’ Kairós não tem nada a ver com esse tempo quantitativo do relógio” (TILLICH, 2000, p. 24), kairós se relaciona ao tempo qualitativo, o tempo certo.

Segundo Higuete, Kairós são manifestações extraordinárias do eterno, aceitas, recebidas, reconhecidas em determinados momentos da história quando esta se abre ao incondicional (HIGUETE, 2019, p. 16). Poderia ocorrer esse tempo kairós na leitura, na arte, na contemplação da natureza? No nosso dia a dia? Estariam presentes Kairós e Cronos nos dois contos de Rosa? Sagrado e profano juntos no caminhar da vida?

Quando se fala de tempo, lembra-se da experiência em literatura, mas também outras artes, em músicas como a música *Tempo Perdido* de Legião Urbana. O autor Calvani fala da arte e da música (CALVANI, 2010, p. 263) em seu artigo intitulado curiosamente *Momentos de beleza – Teologia e MPB a partir de Tillich*. Em seu livro *Teologia da Arte* faz uma análise de obras de arte não só músicas, mas também literatura, o que se aproxima de certa forma da

<sup>10</sup> cf. Capítulo 3 mais adiante aborda o tema sobre o autor Winnicott, objeto transicional.

análise que será desenvolvida neste trabalho de análise de literatura, com contos. Calvani destaca o substantivo beleza e a palavra substantivo momento no trecho em que em seu artigo cita Tillich: “Um momento de beleza”, escrito em 1955, no qual Tillich recorda o choque revelador com uma das Madonnas de Botticelli. Calvani alerta que beleza é um conceito perigoso (CALVANI, 2010, p. 277). Importa citar já mais adiante que:

Devido às circunstâncias pessoais (retorno da guerra onde vivera experiências trágicas de convívio com a morte, fim do primeiro casamento, desintegração pessoal e social e conseqüente ausência de esperanças), Tillich encontrava-se bastante fragilizado. Esse era seu “momento” de vida. É natural que em tais circunstâncias, qualquer pessoa busque uma “resposta”, uma abertura de fresta entre as nebulosas e sombrias cortinas nos quais se sente encerrado. O encontro com a Madonna de Botticelli lhe proporcionou algo até então não experimentado – exatamente “um momento de beleza”, de transfiguração em meio à feiúra das tragédias pessoais e sociais com as quais convivia. De fato, aquele “momento” foi decisivo, mesmo que futuramente a situação política e social tenha piorado com a ascensão do nazismo. Tillich conviverá, então, com a “lembrança” do êxtase e talvez até mesmo pretendesse armar sua tenda particular diante daquela transfiguração, tal como fizeram os discípulos na conhecida narrativa dos evangelhos. Não sendo isso possível, ele tentará perpetuar o “momento” através de categorias filosóficas e teológicas, elaborando um quadro de pensamento no qual o “momento” poderia ser resgatado em outras ocasiões. Trata-se de tentação comum à experiência humana. Dificilmente nos contentamos em desfrutar o “momento” de um concerto ou a contemplação de um quadro. Nossa tendência é procurarmos o CD para ouvirmos o concerto em casa ou comprarmos a reprodução [...]Raramente a “beleza” experimentada naquele “momento” inicial acompanhará o CD ou a reprodução. Mas tais objetos, ao menos servirão para amenizar a saudade e provocar novas emoções (CALVANI, 2010, p. 277).

A partir de Tillich o tempo e o espaço são apresentados para a análise dos contos nos próximos capítulos. O objetivo nesta seção é demonstrar como o tempo e o espaço representam categorias importantes para o processo narrativo dos contos, mas também como o debate presente na tradição dos estudos da Filosofia da Religião, em Paul Tillich, sobretudo ao expor questões sobre o Tempo em suas obras. Entretanto, esta dissertação amplia e apresenta questões acerca do tempo e do espaço, além de outros índices literários, a partir da referência de Tillich para a análise dos contos. Nesse aspecto, o tempo e espaço são temas e também uma introdução aos contos *As margens da alegria* e *Os cimos*, que fazem parte do livro *Primeiras histórias*, de Guimarães Rosa (2001), apresentando-os descritivamente no próximo Capítulo 3. Os recortes referentes à construção narrativa e das noções temporais e espaciais na linguagem de Rosa, nos próximos capítulos, são desenvolvidos a partir de teses,

dissertações, livros e artigos sobre espaço e sobre tempo, por exemplo, nos dois contos selecionados.

Será exposto, nesta seção, como o tempo é expresso na obra *Teologia da Cultura* de Tillich, e em outros livros do autor. Em *Teologia Sistemática* afirma que: “o tempo é a principal categoria da finitude. Todo filósofo se sentiu fascinado e embaraçado por seu caráter misterioso (...)” (TILLICH, 1987, p. 165). Em *História do Pensamento Cristão, Capítulo 1, A Preparação para o Cristianismo A. Kairos*: “Paulo fala de kairos, para descrever o sentimento de que o tempo estava pronto, maduro ou preparado” (TILLICH, 2000, p. 24).

Já em *Teologia da Cultura*, em questões tais como finito, tempo, espaço e existência o autor explicita noções que se relacionam ao tempo e a existência e afirma sobre o existir:

existir significa ser finito ou ser no tempo e no espaço. Essa afirmação aplica-se a todas as coisas deste mundo. O tempo e o espaço são poderes da existência universal incluindo a existência humana, o corpo e a mente. Andam juntos: medimos o tempo por meio do espaço... (TILLICH, 2009, p. 69).

Segundo Silva (2018, p. 3-4), diferentemente da noção de tempo atribuída a cronos – usado em tempo cronológico e linear e entendido em natureza quantitativa, kairós possui natureza qualitativa – um momento singular, especial, o tempo certo – a experiência do tempo oportuno. Paul Tillich teve como um dos pontos consideráveis de seu pensamento a noção e interpretação de kairós para tratar de vários temas de sua teologia, tais como cristologia, história e Reino de Deus, entre outros. Tillich também distinguia estes dois termos (cronos e kairos) da mesma maneira, entendendo o “cronos” como “tempo formal”, e “kairos” como “tempo certo” ou momento pleno de riqueza, conteúdo e de significado. Importa à religião nesse aspecto também de kairós, tempo qualitativo, cheio de sentido, de tensões, de possibilidades e de impossibilidades.

Segundo Higué (2019, p. 15), no Novo Testamento é o tempo do advento de Cristo, momento pleno de riqueza, de conteúdo e de significado. Conforme Etienne Higué “Devemos pensar no kairós em termos universais, não limitado ao passado, porém elevando-o à categoria de princípio geral da história, também relevante para o presente, os momentos de kairós: são manifestações extraordinárias do eterno” (HIGUET, 2019, p. 15-16).



### 3 OS CONTOS DE PRIMEIRAS ESTÓRIAS

Este capítulo apresenta o objeto da pesquisa. O objetivo desta seção será uma introdução histórica, um panorama das perspectivas da crítica literária e uma síntese da leitura dos contos, o que se preconiza para a análise sob o olhar de Tillich a partir dos índices temáticos no último capítulo desta pesquisa. Essa apresentação descritiva intenciona situar o leitor da dissertação mediante a temática central dos contos, tendo característica de um resumo indicativo. Esta apresentação não substitui a leitura das obras em sua inteireza, mas introduz a análise e prepara o leitor para o próximo capítulo, o Capítulo 4, em que se fará a análise dos contos.

Este livro de contos, *Primeiras Estórias*, foi publicado seis anos após *Grande sertão: veredas*. A obra é composta de vinte e um pequenos contos, que o autor classifica como “estórias”, criando um gênero específico, de narrativas curtas. Rosenfield (2006, p. 143) esclarece que estórias são as narrativas hiper sucintas, gênero específico que Rosa criou com suas estórias. Vale destacar sobre o título do livro *Primeiras Estórias* o epíteto “estórias”. Segundo “Os Vastos Espaços”, prefácio de *Primeiras Estórias* de autoria de Paulo Rónai (2001, p. 18) explicita sobre o sentido da palavra “estória” no título, e “primeiras”, esclarece que tem relação ao gênero, estória. Não alude a trabalhos da mocidade ou anteriores aos já publicados. A estória, *short story*, conto, se relaciona ao trecho do conto intitulado de “Nenhum, nenhuma” uma “velhinha de história, de estória - velhíssima, a inacreditável” (ROSA, 2001, p. 100).

A centralidade desta seção será a literatura e os contos a partir de autores que pesquisam sobre Rosa. A definição de linguagem, de literatura e a função ética da literatura, explicitada por Nunes (2014) e Antonio Candido (2004) serão apresentadas. Nunes (2014, p. 151) expõe: a importância ética da leitura que tem o ponto de partida na palavra ética como sentido amplo de *ethos*, modo de ser e agir do ser humano, no seu valor de descoberta e de renovação para a nossa experiência intelectual e moral, a prática da leitura reflexiva, exercício de conhecimento do mundo, de nós mesmos e dos outros. Nesse caminho, apontado por Nunes, de leitura, reflexão, renovação da nossa experiência intelectual e moral e conhecimento da humanidade e de nós, a literatura é importante em todos os modos de leitura, leitura fruição, leitura conhecimento, leitura na escola, leitura coletiva, individual e solitária, análise literária, encenação de textos dramáticos em teatros, espetáculos, ou em casa e nas escolas, leitores solitários, ou leitores em comunidade, ou seja, leitura para todos, “direito de todos” (CANDIDO, 2004).



Os contos *As margens da Alegria* e *Os Cimos* foram publicados pela primeira vez em 1962, no livro *Primeiras Estórias*, conforme atestam vários pesquisadores (BOSI, 2001, p. 429; RODRIGUES, 2014, p. 11). O prefácio do livro *Primeiras Estórias*, feito por Paulo Rónai, *Os Vastos Espaços*, esclarece que “desde 1962, quando saiu a primeira edição deste volume, João Guimarães Rosa não publicou nenhum outro livro”.

Segundo Alfredo Bosi, (2001, p. 429) as datas do romance e dos contos de *Primeiras Estórias* publicados por Rosa são: em 1956, *Grande Sertão: Veredas*(romance); *Primeiras Estórias* (1962). Muitas obras foram publicadas por Rosa, contudo os dois contos foram selecionados, o inicial e o final do livro *Primeiras Estórias* (1962), e são o objeto desta pesquisa pela sua temática: infância, viagem/existência, olhar de menino. Não será realizada a análise comparativamente com referência a outros contos de Rosa cuja temática também seja a infância, ou a viagem/existência. Nem será feita a relação com o romance de Rosa, apesar de existirem trabalhos interessantes que abordam essa fluidez dos contos no romance como o artigo *Viajar e Existir: a travessia poética em Guimarães Rosa* (2012).

Conforme o prefácio de *Primeiras Estórias* de Paulo Rónai (2001, p. 22) “na multidão de figurantes de *Primeiras Estórias*, os ‘personagens’ quase todos pertencem a duas categorias, a de loucos e a de crianças”. A oralidade e a sonoridade da linguagem têm destaque conforme pontua Rónai (2001, p. 31-34).

Bosi (2003, p. 36) expõe que muitas personagens das *Primeiras Estórias* se acham privadas de saúde, de recursos materiais, de posição social e da razão. E em outro livro de Bosi (2001, p. 432) ele afirma que nas *Primeiras estórias* é evidente o fascínio do alógico: “são contos povoados de crianças, loucos e seres rústicos que cedem ao encanto de uma iluminação junto à qual os conflitos perdem todo relevo e todo sentido”. *As margens da Alegria* segundo Bosi é a “história da viagem de um menino feita em estado de sonho onde as coisas surgem do opaco” (BOSI, 2001, p. 432). Conforme a autora austríaca, Rosenfield, um olhar de menino fornece a moldura ao livro de *Primeiras Estórias* e encontramos a versão brasileira, segundo ela, de certa qualidade específica dos primeiros contos de Kafka. A “leveza aparentemente anódina de alçar ao mais alto nível as miúdas sensações da vida infantil”. O menino que é protagonista no primeiro conto, é retomado e continua a viagem/existência no último, “um olhar de menino fornece novamente a moldura para as divagações narrativas no universo das maravilhosas nuances e oscilações entre o bem e o mal” (ROSENFELD, 2006, p. 151).

Quanto aos personagens, e o tema infantil, Paulo Rónai (2001, p. 23) aponta que as crianças aparecem estrelando em cinco estórias. Ao encontro dessa temática da presença da

infância, do tema infantil, conforme Castro (1993, p. 16-17) os temas de *Primeiras Estórias* podem ser agrupados em: loucura, infância, violência, misticismo e amor. Sendo sobre infância os contos: *As margens da alegria*, *A menina de lá*, *Pirlimpisquice*, *Partida do audaz navegante*, *Os cimos*. Os contos (primeiro e último) de *Primeiras Estórias* trazem como uma temática geral a infância. Rosenfield (2006, p. 125) afirma que:

Rosa concebeu *Primeiras Estórias* como seu credo artístico como verdadeira confissão estética que dá algumas pistas sobre os princípios que sustentam as escolhas seletivas com que ele filtra certas experiências de seus grandes modelos, os diálogos e os textos sagrados (dos Veda ao Novo Testamento), Goethe, Flaubert e Dostoiévski, Machado, Kafka e Musil.

Rosenfield (2006, p. 120) expõe ainda que “a meninice com os seus delicados estados de alma (alegria e desamparo) ocupa um lugar central em *Primeiras Estórias*, tornando-se o próprio princípio construtivo na arquitetônica do conjunto”. De acordo com a autora, novela, poema, romance e conto de Rosa parecem deslizar uns nos outros. Sendo assim, segundo ela “de forma que sua obra é um permanente e paciencioso exercício de um mesmo núcleo (o do conto maravilhoso, *Märchen*), desdobrado ora de modo ‘hiperbólico’ (Grande Sertão: Veredas), ora na forma da ‘miniatura’ (Primeiras estórias, Tutaméia)” (ROSENFELD, 2006, p. 150).

O menino com M maiúsculo, pode ser o mesmo protagonista, ele surge nos dois contos, além de outros personagens como os tios também com T maiúsculo, substantivos que aparecem na narrativa com inicial maiúscula: “A Tia e o Tio” (ROSA, 2001, p. 49), “Mãe e o Pai” (ROSA, 2001, p. 49). O mesmo era também o espaço da casa dos tios que se repete. Os meios de transporte são os mesmos: o avião, o *jipe*, enquanto o animal, uma ave se repete como em espelho (no último conto a ave muda, é o tucano, já no primeiro conto é um peru). No espaço, a casa era a mesma morada no primeiro e segundo conto. “A Morada era pequena, passava-se logo à cozinha, e ao quintal (...)” (ROSA, 2001, p. 51). “Na casa, que não mudara, entre e adiante das árvores todos começaram a tratá-lo com qualidade de cuidado” (ROSA, 2001, p. 226). A partir do olhar do infante de descobertas, descreve-se a casa, não mudara, ou seja, era a mesma da primeira viagem, do primeiro conto. O cuidado com que os tios o tratavam está relacionado a dificuldade também da situação da doença da mãe no último conto, “Os Cimos”.

O Menino com M maiúsculo nos remete a uma universalidade do personagem que vive experiências de finito e infinito, tempo, espaço, kairós e cronos que podem ser de cada um de nós seres humanos que fazemos a viagem do existir. Esse personagem enfrentará

descobertas sobre a vida e a morte, acompanhado pelos Tios. O encontro entre o olhar do menino e a ave, tema do bem e do mal, de vida, de amor e de morte, no claro e no escuro da vida paradoxalmente experienciada e vivida nessa viagem/existência no tempo e espaço em amor, fé, esperança e cuidado, “só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, demoroso” (ROSA, 2001, p. 52). Quanto ao tempo: “só pudera tê-lo um instante, ligeiro”.

Rosenfield (2006, p. 159) explicita um resumo da construção arquitetônica de *Primeiras Estórias*, em três tríades, em que uma é de maior interesse para esta dissertação, a primeira tríade (1-11-21), segundo ela “Espelho”, a décima primeira estória, corta o conjunto em duas metades de 10 estórias. A primeira (*As margens da alegria*) e a última (*Os cimos*) se correspondem na ordem inversa, essa vai da beatitude ao verter da queda, desamparo, movimento ascendente, já a última o movimento se dará em caminho inverso, do desespero retomando para alívio e esperança. Pode-se perceber a presença da luz, do amor, o bem, a alegria e a vida nos contos, mas também paradoxalmente e de forma ambígua a morte e as trevas: “trevava” (ROSA, 2001, p. 55).

Segundo a dissertação de Danese (2014, p. 35-36), em *Primeiras Estórias* (1962) de Guimarães Rosa, “observa-se a habilidade de o escritor produzir um efeito singular em cada um dos 21 contos que compõem a obra. Ressalta que os contos foram em grande parte publicados separadamente em periódicos e só depois condensados no referido livro”. Pode-se notar o cuidado de Rosa com a elaboração de cada conto em particular e depois no arranjo de todos eles dentro de uma única obra. Danese expõe que muitos estudos evidenciam a relação de simetria em *Primeiras Estórias* que “**prima por uma organização espacial proposital: a disposição dos 21 contos se dá em uma estrutura espelhada, sendo mediador o conto ‘O espelho’ ocupando a 11ª posição**”. Conforme, por exemplo, apresenta Rosenfield (2006, p. 159). Danese esclarece quanto à metáfora do espelho que reflete o infinito e presente nos contos. “A incorporação do infinito na obra rosiana (vale lembrar a recorrência do símbolo  $\infty$  em outras obras, como ao fim de *Grande sertão: veredas*) conduz estudos a assumirem uma crítica metafísica associada a uma perspectiva religiosa” (DANESE, 2014, p. 35-36). Corrobora-se essa leitura, ainda, na tese de Flávia Aninger de Barros Rocha (2009, p. 26). Ela expõe que a linguagem de Rosa “se constitui em veículo de redescoberta de um mundo que, em sua finitude, pode comportar infinitos”. A literatura pode ser uma companheira nesse processo de existir de nossa finitude e o crescer em todos os âmbitos da vida, ascese (assim como a arte

em geral, a música, o teatro etc.) e deveria ser apresentada ao ser humano em sua plenitude como esse “veículo de redescoberta de um mundo que, em sua finitude, pode comportar infinitos”. Ou seja, da mais simples até a literatura canônica, assim também a música da mais próxima à cultura do indivíduo até outros ritmos e de outras culturas, línguas e incluindo a música clássica.

O autor Tillich ensina a olhar para algo que é a grandeza do universo. Olhar para a arte e literatura e a vida humana neste universo: a importância dos símbolos, e a “preocupação última”, os mistérios, ambiguidades, paradoxos, complexidades da busca de sentido que envolvem nossa existência. E será nessa perspectiva de leitura da religião em Rosa nos contos, a partir do símbolo, da linguagem e da “preocupação última” que se dará esta análise ao final desta dissertação. A finitude com que se depara o olhar do Menino é também um transcender os limites das “Margens da Alegria” e olhar para “Os Cimos”, os títulos são já sugestivos e simbólicos do caminho que fará o Menino. O olhar em *Primeiras Estórias* para a margem da alegria, mas também para o horizonte e para os cimos, no primeiro e no último contos, ao final em ambos há a retomada da alegria, da vida.

A linguagem é tomada como conceito central nos meios acadêmicos, principalmente, nas áreas de estudos específicos da linguagem como da educação e letras, não só a linguagem é tida como expressão de pensamento, esta concepção, basicamente, relacionada aos estudos tradicionais. Nunes (2013, p. 171) expõe sobre a proximidade da filosofia e da literatura que, marcadas por irreduzíveis diferenças, relacionam-se através da linguagem, como o elemento comum do pensamento de que ambas participam. Desde logo, porém, não é o romance e sim a poesia tomada na acepção estrita de poesia lírica que maior proximidade mantém com a filosofia.

No entanto, importa as concepções de linguagem que são conhecidas tais como de comunicação, ligada a teoria da comunicação, concepção relacionada a interação: é a definição da linguagem como uma forma de interação. Mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, ou comunicação, a linguagem é vista como um lugar de interação humana, com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam antes da fala. E o texto interage com o leitor, ou ouvinte na construção de sentido, o autor, o texto e o leitor em diálogo, interação, para construção de sentido. Ao encontro da literatura como direito de todos e assim como está apresentada no texto cujo título é *Direito à Literatura* de Antonio Candido (2004, p. 174), há uma definição de literatura bem ampla como maneira mais que apenas de textos ficcionais da literatura, mas de todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os

níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis das produções escritas das grandes civilizações.

A humanização, segundo Antonio Candido (2004, p. 180), ocorre na fruição da literatura desde o mais simples ao mais erudito dos homens. Sendo humanização definida por ele em seu texto como um processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade, ao semelhante. Acrescenta-se, aqui, completando as ideias expostas por Antonio Candido das quais coaduna este trabalho na questão da importância da literatura para todos, como um direito, a ideia de que a literatura nos torna compreensivos e abertos também ao diferente, ao outro, pois amplia nosso conhecimento do outro e de nós mesmos conforme Nunes (2014, p. 153). Nos faz pensar na criança e seu brincar, no idoso e sua sabedoria, mas também na sua solidão... na nossa humanidade com sua ambiguidade e paradoxos. E mesmo que não sejamos crianças ou idosos, a literatura nos faz refletir, sobre cada fase humana, mas também conhecer mais de nós mesmos, nossos sentimentos e dos outros, da vida humana, poderia nos tornar mais empáticos.

Mais adiante, Antonio Candido (2004, p. 191), em seu texto, expõe que “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.” Apenas uma sociedade equitativa em todos os âmbitos: social, política, cultural e econômica, principalmente, justa e igualitária chegará à equidade de bens culturais para todos, como ele expõe.

Ao mesmo tempo em que a literatura é processo de humanização, conforme Antonio Candido (2004) expõe, para Nunes (2014, p. 153) ela é um conhecimento de nós mesmos e dos outros. Ela é um registro dessa relação humana dentro da história, desse encontro com a realidade, de criação, recriação, reflexão, crescimento, mudança, cultura, pela linguagem sendo que há presença dos símbolos e da “preocupação última”, conforme apresentado por Tillich.

Segundo Rosenfield (2006, p. 111), Dostoiévski e Rosa conservam um elemento do antigo romance de formação: as condições sociais, políticas e econômicas de uma certa época

e de um certo meio são delineadas como uma moldura da qual se destaca um novo fulcro, a saber, um problema que não é dado e que transcende as contingências sociais - o amor, o bem e o mal. As manifestações fenomenais desses princípios atemporais precipitam o narrador, o leitor e certos personagens do enredo numa reflexão filosófica sobre o sentido da existência e do ser. Neste trabalho, a partir de Tillich, a “*preocupação última*” expressa a partir da análise dos contos de João Guimarães Rosa no capítulo 4 será apresentada nesse aspecto da existência e da busca de sentido do ser na vida a partir de índices literários.

### 3.1 PRIMEIRAS ESTÓRIAS: APRESENTAÇÃO DESCRITIVA DOS CONTOS

*Primeiras Estórias* apresentam desenhos para os contos ao final do livro que sugerem as marcas simbólicas que constantemente estão no autor, como em *Grande: Sertão Veredas*, o símbolo do infinito:  $\infty$ . O único conto que não apresenta o símbolo do infinito é “Nenhum, nenhuma”. Símbolo presente nos desenhos das duas estórias, dos dois contos: *As margens da alegria* e *Os cimos*, ao final do livro (ROSA, 2001, p. 235-236) e em *Grande Sertão: Veredas*. O que nos faz refletir como as obras podem realmente fluir umas nas outras como um rio, como expõe Rosenfield (2006, p. 150). Os simbolismos estão expressos pela linguagem como, por exemplo, no próprio título de um dos contos, “Os cimos”. O que nos remete ao texto da tradição bíblica, referida em Êxodo 19, 16-20, principalmente quando na tradução da Bíblia de Jerusalém: “Javé chamou Moisés para o cimo da Montanha, e Moisés subiu”, de modo que é possível ler a subida do Menino como um “crescimento”, ascese. Mas não só de um crescimento no âmbito de conhecimento, mas de descobertas transcendentais, como a enunciada por Tillich de que “nossa finitude é a fonte da nossa ansiedade” (TILLICH, 2009, p. 27). O título “Cimos” pode ser remetido ao cume, aos cimos da montanha ou da árvore. No conto que descreve a árvore que cai, podemos nos recordar que na época bíblica local onde pregaram Cristo no madeiro. Outro símbolo na montanha, cume, também local onde se encontravam em oração, o sagrado se mostra no espaço, na natureza. O Monte das Oliveiras nos relatos bíblicos e os cimos das montanhas, locais de oração, assim como descritos na Bíblia. Cristo em oração com os discípulos e o Pai, mas também Moisés, no antigo testamento, sobe ao cimo da montanha, montanha em que volta com os dez mandamentos, montanha lugar de encontro, “Os Cimos” lugar de encontro e descobertas. O incondicional se mostra também pelo olhar para a finitude, mas também profundidade de construção de sentido.

O narrador de terceira pessoa difere do de *Grande Sertão: Veredas*, segundo Rosenfield, não há mais uma voz que fala de dentro da alma, o narrador que fala agora se diversifica e assume múltiplos papéis. Ele se mantém num espaço neutro de onde segue e descreve os personagens. A autora expõe que no interior da arquitetura das vinte e uma histórias o narrador aprofunda o mesmo tema: “ele incorpora diversas modulações do núcleo narrativo judaico-cristão da travessia e do exílio, enquanto esforços de recuperação da totalidade ou da intensidade perdidas por intermédio do merecimento, da ascese física e espiritual” (ROSENFELD, 2006, p. 156). Percebe-se o peregrinar do Menino à travessia do exílio, mas também o crescimento, ascese nessa viagem, na existência do infante nas descobertas e encontros em ambos os contos.

No primeiro conto o encontro e a ansiedade, a angústia se mostra ligada à morte da ave. “Só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, demoroso” (ROSA, 2001, p. 52). Quando o menino retorna do passeio para ver o peru, encontra penas. “Tudo perdia a eternidade” (ROSA, 2001, p. 52). Encontros e descobertas do Menino sobre a finitude, a morte durante a estada na casa dos tios. O narrador expressa o sentir e o pensar do menino. “O peru - seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o Menino recebia em si um miligrama de morte” (ROSA, 2001, p. 53). Todo sentimento com que a morte em uma criança é recebida, mesmo como em “um miligrama de morte”, pode causar sentimentos como desespero, angústia, ansiedade, insegurança e desamparo. O desaparecer da ave no espaço é um impacto sobre o menino de forma que ele recebe em si “um miligrama de morte” como se a morte fosse dada, se mostrasse em pouca quantidade, “miligrama”, contudo de forma a afetar a vida do infante.

Em Teologia Sistemática, Tillich (1987, p. 431) expõe sobre a linguagem e a poesia e o encontro com a realidade:

Em poesia, por exemplo, a tradução é essencialmente impossível porque poesia é expressão mais direta da substância através de um indivíduo. O encontro com a realidade sobre a qual se baseia a linguagem e difere de encontro com a realidade em qualquer outra língua, e esse encontro em sua totalidade e em sua profundidade é a substância da auto-criação cultural da vida.

Percebe-se na linguagem de Rosa essa poesia. Está presente também a filosofia em Rosa, o amor, a alegria, a religião, bem e mal e a beleza temas vivos conforme pesquisadores como Rosenfield (2006, p. 156) e Nunes (2014, p. 214) apontam. Nunes expõe que: “assim a beleza contemplada nas coisas, somada ao efeito do canto e da plumagem das palavras que a

possibilita, seria o meio, à disposição do ficcionista, para religar-se e religar o leitor à realidade superior (religião vem de religare) (...)". Trechos desses pesquisadores nos fazem refletir sobre a importância da linguagem para a literatura, a filosofia e a religião. Mas também apontam para a presença da filosofia pela linguagem presente em Rosa, a questão da Beleza conforme a ideia acima e em Platão, o Banquete. Rosenfield (2004, p. 156) esclarece que: "a 'alegria' do menino ao ver fugazmente o peru corresponde perfeitamente à ideia da Beleza que Diotima expõe diante de Sócrates e cuja reminiscência é tanto mais intensa quanto mais percebemos dolorosamente o que dela nos afastou". Portanto, segundo a autora, há presente uma linguagem platônica em Rosa, "o Menino que vem de longe" de avião, para a casa dos tios, encontra uma clareira, "o maravilhamento intenso do majestoso peru", esse maravilhamento é, na verdade, "a expansão, a plenitude e a intensidade da própria alma infantil". "Metáfora diminuta" para o senso comum, "das figuras eruditas da 'reminiscência Platônica'" (ROSENFELD, 2006, p. 156).

O personagem sem um nome se faz universal... Menino com letra maiúscula... universalidade e metáfora do personagem anônimo que expressa na sua viagem-existência, existência e viagem de todos nós. Deste tema meninice se desdobram outros subtemas, tais como o tempo e o espaço, viagem e existência, finito e infinito, amor, bem e mal, luz e trevas. Isso pode nos remeter a uma universalidade do personagem que vive experiências de finito e infinito, tempo, kairós e cronos que são de cada um de nós seres humanos que fazemos a viagem do existir. Esse personagem enfrentará descobertas sobre a vida e a morte, acompanhado pelos Tios. Interessante salientar que o Menino desconhecia o motivo da viagem no primeiro conto e talvez isso o prendesse ainda mais na observação do "móvel mundo" que lhe passava à janela, durante a viagem de avião.

Já no segundo conto, Os cimos, a doença da própria mãe é relacionada às descobertas quanto à finitude e a morte. "Sabia que a mãe estava doente. Por isso o mandavam para fora, decerto por demorados dias, decerto porque era preciso" (ROSA, 2001, p. 224). O motivo da viagem no último conto é: a doença da mãe. Como o amor à mãe e o apego do Menino ao macaquinho, o brinquedo, "o preferido" (ROSA, 2001, p. 224) pode demonstrar esse desamparo, essa ansiedade e emoções abundantes e negativas frente apenas à lembrança dessa doença, chegando mesmo ao choro se pensasse na mãe. Expõe o conto ao referir ao macaquinho a importância do brincar para a criança em todas as circunstâncias, principalmente aqui nas situações difíceis reproduzidas na relação com a doença da mãe. "Se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar" (ROSA, 2001, p. 225).

Quanto ao tempo, há diferenças. A presença do tempo do adulto é expressa pelo Tio



que olhava para o relógio no conto *Os cimos*. Marca o tempo do adulto, o relógio, a ansiedade do adulto diferente do olhar do Menino que nos sugere o olhar para o horizonte, para o transcender, fora da ansiedade, na plenitude. “O Tio olhava no relógio. Tanto tempo que isso, o Menino nem exclamava. Apanhava com o olhar da sílaba do horizonte” (ROSA, 2001, p. 230). “Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano (...)” (ROSA, 2001, p. 230). “Depois do encanto, a gente entrava no vulgar inteiro do dia” (ROSA, 2001, p. 230). Depois do menino se encontrar com o tucano, o dia retomava a rotina. Entrava “no vulgar inteiro do dia”. No entanto, com o “olhar da sílaba do horizonte” o Menino avistava além das “margens da alegria”.

### 3.2 AS MARGENS DA ALEGRIA

O conto *As margens da Alegria*, o primeiro da obra do livro *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa, inicia-se com uma viagem, “inventada no feliz” (ROSA, 2001, p. 49) para a qual o protagonista, o Menino, é observado pelo narrador de terceira pessoa como aquele que vê o “móvel mundo”, “tinha tudo de uma vez, e nada ante a mente. A luz e a longa-longa-longa nuvem. Chegavam” (ROSA, 2001, p. 50). O narrador expressa os desejos e os pensamentos, emoções e descobertas do Menino.

Além disso, a viagem o colocava frente a uma série de situações novas, dentre as quais surge a paradoxal situação: momento em que avista no quintal “o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração” (ROSA, 2001, p. 51). Uma novidade, uma contemplação, a qual, mais tarde, ao ser a ave procurada pelo Menino, é vista por outra perspectiva. A ave já não pode ser percebida com o mesmo entusiasmo, “perdia a eternidade”: “só umas penas restos no chão. Ué, se matou. Amanhã não é dia de anos do doutor? Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam” (ROSA, 2001, p. 52). Descobertas do menino quanto a finitude.

O Menino visualiza o ambiente físico da casa e das árvores ao quintal “dali, podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores? Só sons. Um - e outros pássaros - com cantos compridos. Isso foi o que abriu seu coração. Aqueles passarinhos bebiam cachaça?” (ROSA, 2001, p. 51). Figuras de linguagem, aliteração, assonância, onomatopeia sugerem a reprodução da vida pelos sons descobertos, alcançados pelo menino na viagem. Em “Aqueles passarinhos bebiam cachaça?” (ROSA, 2001, p. 51) Imagina-se o canto em alturas maiores, ao se ler os contos pode-se ouvir os sons da natureza e é possível, até dar mais atenção à

beleza dos sons dos pássaros ao nosso redor. A linguagem de João Guimarães Rosa remete aos sons e à natureza ao redor do menino, os sentidos no espaço em que se encontra. A aliteração da letra c por exemplo em “com cantos compridos”, a repetição do som [c] na frase indica o som longo e alto dos pássaros. Onomatopeia: “Crrée!” (ROSA, 2001, p. 229). No último conto, reproduz o som do tucano. No primeiro conto o “Grugulejar, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; [...]” (ROSA, 2001, p. 51). O som do peru indicado pelo vocábulo: grugulejar, o verbo indica o som e “bagas rubras” sugerindo o sacudir da ave. Linguagem de Rosa que remete às descobertas do Menino através das sensações (visão, audição).

Visto isso, aproximamos dessa leitura literária, que recorta um momento de contemplação de vida e de morte, mas também a experiência do Menino de viver, de descobertas até mesmo de sons da natureza e a perspectiva filosófica, porque espelha o sentimento da criança através da linguagem. De acordo com o conto, ele ainda era “hieroglífico”. Ou seja, ainda que de modo infantil, o Menino começa a construir seu entendimento sobre a finitude, sobre a vida e a morte, descobertas. No conto *As margens da alegria*, as margens são um espaço que delimita a própria alegria do Menino, surge a ansiedade e o desamparo frente à finitude, mas há também a alegria, ambiguidade de viver, paradoxo. Nos dois contos de Rosa, o Menino se depara com a finitude... e o infinito, o horizonte, a fé e esperança, o amor, a religião presente, mesmo que de forma indireta e representativa na contingência da existência humana.

Outro episódio que nos remete à reflexão do Menino sobre a finitude e/ou a morte é a derrubada da árvore:

A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: ruh...ruh... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acerto – inaudito choque – o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu – atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esguiez do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos – da parte de nada. Guardou dentro da pedra (ROSA, 2008, p. 54).

Em palavras, como “instante” e “inaudito choque – o pulso da pancada”, a linguagem relaciona-se ao tempo (instante) e à morte (finitude), ao choque, ao pulso que não pulsa mais e à “árvore, que morrera tanto”. A árvore pode ser lida como símbolo do madeiro e esse instante nos remeterá ao Cristo. A madeira pode remeter à Cruz, símbolo cristão. Assim também como o verbo morrer não necessita da palavra “tanto”. Mas essa vem ampliar e

umentar o sentido da morte que “guardou dentro da pedra”.

Outro índice linguístico de simbolismos, nessa mesma citação, seria a pedra. Pedra que enterra, mas também, a pedra altar – nos sugere o céu que o menino vê: “olhou o céu- atônito azul” e eis que ao final surge o vaga-lume. Esse elemento que se une tanto à cultura popular, pois pode se referir ao inseto próprio de lugares rurais e escuros, onde com a parca iluminação a luz do vaga-lume se torna clara e reluzente; quanto ao campo semântico religioso que frequentemente faz alusão à luz: luz que brilha no céu em relação ao divino. A luz esperança e salvação; luz como fé e promessa de outra vida; luz como forma de continuidade desta vida. Eis, portanto, que surge, ao final do conto, o vaga-lume. A luz, a esperança, a fé, a religião, “preocupação última” expressa em símbolos. Sendo presentes algumas das referências bíblicas como o “êxodo”, Moisés nas montanhas nos Cimos, a luz, a linguagem, o simbolismo, a importância criativa nos contos, índices que indicam a “preocupação última”. A luz vista na nuvem descrita pelo narrador pode indicar uma alusão ao transcender “longa-longa-longa nuvem”. “[...] na igreja grega antiga o que estava em jogo era a ansiedade sobre a morte e a dúvida, provocando a ideia [...], a saber, que a ‘vida’ e ‘luz’ eram a mensagem do cristianismo” (TILLICH, 2009, p. 267), tais elementos estão presentes nos contos “vida” e “luz” no olhar do menino que aparece tratado como *Menino*, ao longo do texto, com destaque para a letra inicial do substantivo comum em maiúscula.

A “graça”, o tucano, “seu raiar, cada vez, era um brinquedo de graça. Assim como o sol daquela partezinha” (ROSA, 2001, p. 232), o “brinquedo de graça” é uma expressão presente no último conto. Temos, portanto, vocábulos que podem como símbolos ir além do que indicam, surgindo inesperadamente nos contos e ampliando as interpretações. Como breve exemplos: “sol”, “cimos”, “graça”, “luz”, “dourada” ... as palavras na linguagem de Rosa não são aleatórias, ampliam a leitura e a tornam mais próximas da questão relacionada à teoria de Tillich, como se verá no próximo capítulo. Sendo assim, mesmo que de forma implícita ao apontar para questões da existência humana fundamentais pelo olhar da criança para a descoberta da finitude, por exemplo, ou para a luz expressa em vocábulos como “luz”, “longa-longa-longa nuvem” imaginamos uma grande nuvem branca, assim como também a transcendência, a luz, a “clareza”, “douravam” ou “dourada”, termos que são pistas para essa luz, para algo mais. Exemplos como: “Mas a clareza. Os cimos das árvores se douravam” (ROSA, 2001, p. 228). E também “dourada”, “aurora”: “tucano, que vem comer frutinha na dourada copa, nos altos vales da aurora, ali junto de casa” (ROSA, 2001, p. 234). Essas passagens indicam luz, clareza, “dourada”, “aurora”. Conforme Tillich aponta na *História do Pensamento Cristão* (2000, p. 107), a luz é símbolo do conhecimento e do ser: “A

luz emana do uno abissal, fonte e substância de todo o ser, e a luz é o bem em todas as coisas”.

Surgem construções criativas da linguagem que nos fazem intuir um espaço além do físico, o das emoções, sensações, das religiões, do sagrado que aponta para a infinitude, a transcendência expressa em símbolos, a luz, o amor, os cimos, o vaga-lume, o dourado e principalmente também a ave, diferente e presente nos dois contos (peru e tucano). Elas expressam a finitude e a infinitude: a ave nos dois contos. Assim também no último conto, a mãe doente relaciona-se com a finitude, a possibilidade de morte. Luz e trevas, ambiguidade da existência humana, finitude e infinitude revelada nos contos.

No primeiro conto, na parte final, surge a luz do vaga-lume verde, esperança: “Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vaga-lume”. E continua: “Sim, o vaga-lume, sim, era lindo! - tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria” (ROSA, 2001, p. 55). Retorna a Alegria inicial do conto, do início da viagem em um instante a alegria retoma. O verde do vaga-lume, nos remete à esperança, à alegria. A luz na Bíblia é iluminação, o sol ilumina, longe das trevas, da morte. A luz é esperança, é a presença para os cristãos de Jesus no Novo Testamento, em uma tradição cristã, o cumprimento da promessa, símbolo da vida, Kairós.

A luz da vela, outro símbolo que a luz pode apontar, símbolo religioso que é associado ao sagrado, ao altar, à religião. A noite, porém, é a morte, a escuridão, o finito. Deus presente nos dois momentos, no cotidiano da vida, mas também no Cimo, no Sagrado, “preocupação última”.

Importante o espaço e também o tempo (kairós e cronos). A nuvem ou o fogo que caminha no deserto adiante do povo como em Êxodo 13,21. Em João 8, 12 “De novo, Jesus lhes falava: Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”. Essa luz remete ao próprio Deus. Admirado e interrogando a vida com inúmeros porquês, como toda criança, o Menino segue atento, observando o fluxo da vida e as descobertas possíveis neste percurso, de peregrino ora às claras, ora às escuras. Caminha o menino assim como nós na travessia da vida, na viagem, no percurso da existência no tempo e no espaço.

Percebe-se, frente à alegria inicial e ao rito de iniciação à vida, a cerimônia da descoberta de questões da vida e da morte, questões existenciais, mas também metafísicas, frente ao novo que se mostra durante a estada do Menino na casa dos tios em sua viagem. À noite surge o vaga-lume. Essa cena livra-o da angústia, da ansiedade, do desamparo, deslumbrado que fica com o brilho fosforescente da primeira luz do vaga-lume; a alegria e o

fascínio se produzem na forma de revelação da Beleza, contemplação da luz. “Sim, o vagalume, sim, era lindo! [...] Era, outra vez em quando, a Alegria” (ROSA, 2001, p. 55). Assim, finaliza este conto com a palavra “Alegria” (ROSA, 2001, p. 55) também em maiúscula, última palavra do conto.

A partir da noção de Tillich é necessário apontar também para a própria beleza, lembrando assim do próprio encontro de Tillich com a Madona de Botticelli, enquanto manifestação do incondicional; ou seja, de um ponto de vista tillichiano não é necessariamente a referência bíblica à luz que aponta para o incondicional, o que se percebe no vaga-lume, ou na ave que se mostra no quintal, esses encontros já apontam para o transcendente.

Para Tillich (2009, p. 118) “não existe estilo algum que exclua a expressão artística da preocupação suprema, pois o absoluto não se restringe a formas particulares de coisa ou experiências. Mostra-se presente ou ausente em qualquer situação”. Tillich explica ainda que: “Brilha numa paisagem, num retrato ou em cenas humanas, dando-lhes a profundidade do sentido”. No conto as cenas apontam para essa profundidade de sentido, a “preocupação última” reluz na luz que brilha desses encontros na paisagem e no final do conto em meio às trevas o vaga-lume surge: “Trevava. Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume” (ROSA, 2001, p. 55).

Percebe-se a proeminência do sentido e o brilho da profundidade no conto de Rosa que se completará com o último conto como uma jornada, uma viagem de volta para a casa dos tios. A ave será uma outra forma de ser contemplada a beleza neste encontro. E no último conto a ave será outra, não mais o peru. Jornada, viagem, do peregrino menino, em que a viagem é o símbolo da própria vida, da existência no tempo e no espaço. Conforme Tillich: “Existir significa ser finito ou ser no tempo e no espaço” (TILLICH, 2009, p. 69).

### 3.3 OS CIMOS

O conto *Os Cimos* é o último da obra; “a última estória do livro completa o rito de iniciação do Menino, anunciado no primeiro conto” (CASTRO, 1993, p. 58). O conto continua no espaço da casa dos Tios e a doença da Mãe é agora o explícito motivo central da viagem, em que “outra era a vez”, “sabia que a Mãe estava doente. Por isso, o mandavam para fora, decerto por demorados dias (...)” (ROSA, 2001, p. 224). O conto inicia-se diferente do outro que era na alegria, agora o menino “fingia apenas que sorria” (ROSA, 2001, p. 224).

“O avião não cessava de atravessar a claridade enorme, ele voava o vôo (...) O menino

sofria sofreado. O avião então estivesse parado voando - e voltando para trás, mais, e ele junto com a Mãe, do modo que nem soubera que o assim era possível” (ROSA, 2001, p. 226). Nesse episódio, importa observar a palavra: “voo”, criando o simbolismo de sair do chão, sugere o levantar do avião, mas também do menino, mas o menino sofria “sofreado”. Ansiedade, sofrimento emocional do Menino descrito. Desejo de estar com a mãe.

O Menino volta para casa dos Tios, “outra era a vez”, Rosenfield (2006, p. 151) expõe que *As Primeiras Estórias* aparecem com uma modulação, no estilo dos tradicionais contos de fadas. Os contos de fadas costumam iniciar com “Era uma vez”. No entanto Rosa inverte: “outra era a vez”. O tempo era outro; “outra era a vez”, remete aos contos de fadas mas também a um tempo diverso, diferente do primeiro conto, por isso tinha brinquedos por perto. O bonequinho macaquinho a tia lhe entregava, enquanto o “tio olhava o relógio”. Quanto ao brinquedo do menino, o macaquinho, no último conto os adultos intuem a importância dele. Eles o enviam junto com o Menino para a aventura da viagem para casa de seus tios, acompanhado do tio. Nesta viagem não participa a tia, ela parece ficar para cuidar da mãe doente. Eles se esforçam em manter o brinquedo por perto: “a Tia entregando-lhe ainda em mão o preferido, que era o de dar sorte: um bonequinho macaquinho, de calças pardas e chapéu vermelho, alta pluma” (ROSA, 2001, p. 224).

Segundo a psicologia de Winnicott, existem fenômenos transicionais, e o estudo dos objetos transicionais vai ao encontro de outros símbolos e questões, tais como ilusão, arte, religião na vida humana adulta. Por isso, os brinquedos podem ser considerados objetos transicionais, em função do seu simbolismo. O autor em seu livro *O Brincar e a Realidade* explica sua teoria expondo que define essa brincadeira que, às vezes, apresenta-se com animais de pelúcia, de brinquedos explicitando o que são os objetos transicionais. O objeto transicional é, segundo o autor, relacionado ao campo do que está entre o sujeito em seu interior e o exterior, em um terceiro lugar. A terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa.

Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas. [...] Estou, portanto, estudando a substância da ilusão, aquilo que é permitido ao bebê e que, na vida adulta, é inerente à arte e à religião, mas que se torna marca distintiva de loucura quando um adulto exige demais da credulidade dos outros, forçando-os a compartilharem de uma ilusão que não é própria deles.

[...] Talvez um objeto macio, ou outro tipo de objeto, tenha sido encontrado e usado pelo bebê, tornando-se então aquilo que estou chamando de objeto transicional. Esse objeto continua sendo importante. Os pais vêm a saber do seu valor e levam-no consigo quando viajam. A mãe permite que fique sujo e até mesmo mal-cheiroso, sabendo que, se lavá-lo, introduzirá uma ruptura de continuidade na experiência do bebê, ruptura que pode destruir o significado e o valor do objeto para ele (WINNICOTT, 1975, [p. 11, p. 13, p. 15]).

Em *Os cimos*, o brinquedo macaquinho é representante do que, na psicanálise, se denomina “objeto transicional”. O objeto transicional é responsável pelo desenvolvimento do ser e influi no bom desenvolvimento psíquico, permitindo a passagem do mundo da fantasia para a realidade do mundo criado. Estão presentes no espaço transicional objetos transicionais que ajudam a criança a enfrentar passagens necessárias ao desenvolvimento como, por exemplo, ficar longe dos pais. A criança enfrenta essas situações levando consigo objetos familiares, seu ursinho ou paninho... prediletos e os pais intuindo a importância dos objetos para as crianças levam esses objetos com as crianças, quando em viagem, ou quando precisam se afastar.

Segundo dicionário de psicanálise Roudinesco (1998, p. 554) um objeto é transicional por marcar a passagem, na criança, de um estado em que é capaz de reconhecer a mãe como diferente de si e separar-se dela: há aí uma transição da relação fusional (não-eu) para uma simbolização da realidade objetal (eu):

O objeto transicional al. Übergangsobjekt; esp. objeto transicional; fr. objet transitionnel; ing. transitional object Expressão criada em 1951 por Donald Woods Winnicott\* para designar um objeto material (brinquedo, animal de pelúcia ou pedaço de pano) que tem para o bebê e a criança um valor eletivo, que lhe permite efetuar a transição necessária entre a primeira relação oral com a mãe e uma verdadeira relação de objeto. Essa notável conceituação — de uma realidade observável por qualquer pai ou mãe na criança pequena que guarda junto de si por vários anos um objeto de eleição, muitas vezes se recusando a largá-lo — inscreve-se no contexto da elaboração da questão da relação de objeto\* pelo kleinismo\*. Foi proposta pela primeira vez durante uma conferência da British Psychoanalytical Society (BPS), em 30 de maio de 1951. Notável clínico da infância, Winnicott situou o objeto transicional na área da ilusão e da brincadeira. Embora seja “possuído” pelo bebê como substituto do seio, esse objeto não é reconhecido como fazendo parte da realidade externa: é a “primeira propriedade ‘não-eu’”. Por isso, está destinado a proteger a criança da angústia da separação no processo de diferenciação entre o eu\* e o não-eu. Um objeto é transicional por marcar a passagem, na criança, de um estado em que ela se encontra unida ao corpo da mãe para um estado em que é capaz de reconhecer a mãe como diferente de si e separar-se dela: há aí uma transição da relação fusional (não-eu) para uma simbolização da realidade objetal (eu).

Na dissertação de Mourão Aranha (2014, p. 70) cujo título é *Primeiras leituras com Primeiras Estórias: a participação do leitor na construção de sentidos do texto literário* traz uma nota sobre essa questão, expondo a teoria de Winnicott em nota de rodapé sobre o objeto transicional no trabalho de leitura :

Em “Os cimos”, o bonequinho macaquinho é representante do que, na psicanálise se denomina “objeto transicional”. De acordo com o “Dicionário de psicanálise” de Roudinesco e Plon, um objeto é transicional por marcar a passagem, na criança, de um estado em que é capaz de reconhecer a mãe como diferente de si e separar-se dela: há aí uma transição da relação fusional (não-eu) para uma simbolização da realidade objetal (eu). O ideal é que o professor tente tocar no assunto com os alunos, mas sem, explicitamente, mencionar os termos “técnicos”, mas valendo-se de experiência similar que possam ter tido ou conhecido.(ARANHA, 2014, p. 70)

O tucano é um “brinquedo de graça” que surge. “A tornada do pássaro era emoção enviada, impressão sensível, um transbordamento do coração” (ROSA, 2001, p. 232). O tucano e o transbordar de emoções, sensações, sentimentos que a ave realizava com suas aparições, era um amparo nas manhãs, uma esperança de cura, um cuidado com o menino, amor.

A vista de outra ave, não mais o peru imperial que vive na terra, (espelhamento do primeiro conto) mas, o Tucano que alça voo e agora desperta a novidade: “esperava; pelo belo. Havia o tucano – sem jaça- em vôo e pouso e vôo” (ROSA, 2001, p. 224). O Tucano participa deste crescer, sugere o elevar do Menino com sua presença, beleza e seu voo em que, todos os dias, auxilia o Menino a experienciar a dor da lembrança de ter a Mãe doente e, agora, ter o entendimento sobre questões que ainda não tinha. O Menino sofria “sofreado”. O dia, a noite, o relógio do tio - marcas do tempo, finito e infinito na casa, espaço que “não mudara, entre e adiante das árvores” (ROSA, 2001, p. 226).

O Menino já não era o mesmo da outra viagem. “Os cimos das árvores se douravam” (ROSA, 2001, p. 228). Vê o dourado das árvores que também anunciam que já não é mais o mesmo. Imagem que remete mais uma vez à luz, ao sol, símbolo do divino. No dourado surge a ave tucano: “Mas a claridade. Os cimos das árvores se douravam. [...] e de tudo um perfume, e passarinhos piando” (ROSA, 2001, p. 228). Nessas árvores surge um tucano cujo grito: “Crrée!” (Rosa, 2001, p. 229) prepara o tempo metafísico, transcendente e espaço que surge “dourado”. Com destaque para a letra inicial do substantivo comum em maiúscula, também da palavra Mãe que ao final se recupera. A Alegria (do primeiro conto) ao retornar



para casa a “vida, mesmo, nunca parava”; “aonde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam. O Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa”.

Finaliza o conto a passagem: “(...) sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida” (ROSA, 2001, p. 233, 234). O conto termina com a palavra vida, última palavra, agora vinha e ele sorria, o Menino sorria enigmas. Enigmas, mistérios da vida, mistérios seus. O sorriso retoma assim como a alegria e a vida. Ele se sente fora da angústia e ansiedade inicial ao saber que a mãe estava curada, como se estivesse fora de uma “nebulosa”. Ambos os contos finalizam com a transcendência, com a vida e a alegria. “Alegria” (ROSA, 2001, p. 55). “E vinha a vida” (ROSA, 2001, p. 234). Finais que preparam o leitor para a própria jornada existencial ser retomada após a leitura literária, esse tempo qualitativo, de contemplação e audição de pássaros que ensinam sobre a finitude e infinitude.

#### 4 LEITURA DOS CONTOS SOB O OLHAR DA FILOSOFIA E TEOLOGIA DE PAUL TILLICH.

“É o amor que nos torna ‘graciosos’”

(Paul Tillich, 2009, p. 196)

Essa leitura dos contos se fará tendo o livro *Teologia da Cultura* (2009) como referência teórica principal e outros livros do mesmo autor. *A História do Pensamento Cristão* (2000) será trazida como fonte secundária para ampliação do conhecimento da presença de alguns conceitos (amor, graça, luz) e influências em contexto cristão tais como por exemplo: o pensamento agostiniano e o franciscanismo.

O livro *Teologia da Cultura*, no capítulo “Dois tipos de Filosofia da Religião”, desenvolve temas que também se encontram em *História do Pensamento Cristão* (2000). Conforme esse livro, a luz, símbolo do conhecimento e do ser emana do uno abissal, fonte e substância de todo o ser, e a luz é o bem em todas as coisas, “a luz é símbolo não apenas do conhecimento, mas também do ser” (TILLICH, 2000, p. 107). Mais adiante o livro expõe que a luz divina é inata à alma humana, “os franciscanos diziam que essa luz divina e esses princípios eram inatos e que, portanto, participamos neles [...]”. “Há, na alma, um ponto de identidade que precede qualquer ato especial de conhecimento. Diríamos em outras palavras que qualquer ato de conhecimento é sempre religioso” (TILLICH, 2000, p. 190). Em outra passagem surge a luz relacionada “a famosa doutrina da luz interior que também foi utilizada pelos movimentos sectários e por todos os místicos medievais e da época da Reforma, e que, em última análise, está por detrás, até mesmo, do racionalismo do iluminismo” (TILLICH, 2000, p. 190)

Portanto a luz surge em determinados momentos na história do pensamento cristão e na estória de João Guimarães Rosa, nos contos, com uma simbologia, intuição, o que indica a presença de algo além, transcendência, conhecimento, “preocupação última”. Sem anacronismos, recorre-se ao livro para situar e contextualizar os termos simbólicos que em períodos antigos eram chamados “nomes”, não símbolos. “Os teólogos escreviam sobre o significado simbólico de todas as coisas que dizemos a respeito de Deus. Mas não empregavam a palavra 'símbolo' nessa época. Em vez disso falavam de ‘nome’ [...]” (TILLICH, 2000, p. 106).

Na tradição agostiniana, segundo o livro *História do Pensamento Cristão* (2000, p. 125) “a fonte de toda a filosofia da religião é a presença imediata da presença de Deus na

alma” ou, como Tillich prefere “a experiência do incondicional, do supremo, em termos da preocupação suprema ou incondicionada. Trata-se do *prius* de todas as coisas” (TILLICH, 2000, p. 125). E no livro *Teologia da Cultura*, Tillich esclarece a importância do método ontológico da filosofia da religião de Agostinho e percebe-se a influência desse pensamento na relação entre religião e cultura:

O método ontológico da filosofia da religião exposto por Agostinho e seus seguidores, e sua reaparição em diversas formas na história do pensamento, se for criticamente reinterpretado por nós, é capaz de fazer para a nossa época o que realizou no passado, tanto para a religião como para a cultura: superar, sempre que possível, pelo pensamento, a distância entre religião e cultura, reconciliando interesses que não são desconhecidos dessas duas realidades mas que têm estado separados (TILLICH, 2009, p. 67).

Nos contos, a cultura e a religião se aproximam pelo símbolo, pela linguagem, pelo enredo da história de encontros, descobertas e da viagem. Por exemplo, a luz estará relacionada ao surgimento do diferente, do novo, na natureza, ao surgimento do tucano, do vaga-lume, mas também, remetendo à infinitude, à transcendência. No olhar do menino e na busca de viver o amor, à esperança, à fé, às descobertas, ao conhecimento, à “preocupação última” aponta para o sagrado, o numinoso no horizonte da experiência vivida diariamente pelo Menino nas manhãs, assim, ao olhar para o cimo das árvores, olhar para o céu e para a luz, olhar para seu próprio interior e seus sentimentos ele descortina seu próprio ser e o mundo ao redor além das margens da alegria, há a transcendência. O final é luminoso, de alegria, nos dois contos.

Calvani (2010, p. 264) expõe que a pertinência mútua entre religião e cultura é uma das muitas “contribuições de Tillich para a teologia contemporânea”. A teologia e filosofia caminham distintas, são duas disciplinas, mas também nesse limite estão presentes na cultura, na religião e na literatura. Tanto teologia quanto filosofia têm importância para a proposta desta análise dos contos de Rosa a partir de Paul Tillich que expôs a “preocupação última” como presença em todas as outras preocupações humanas, “*ultimate concern* manifesta em todas as funções criativas do espírito [...]” (TILLICH, 2001, p. 44).

Tillich no livro *História do Pensamento Cristão* faz menção ao seu artigo “Dois tipos de Filosofia da Religião (em Teologia da Cultura)” (TILLICH, 2000, p. 190). A partir desses livros se conhece mais sobre a religião, sobre a filosofia da religião, a história do pensamento cristão, o passado e também a cultura, um diálogo entre passado e presente de forma ainda atual é significativo para o futuro. Há uma discussão das ideias de filósofos, teólogos,

cientistas e artistas. Isso importa para o estudioso da Ciência da Religião. Há necessidade de se ter um olhar para o passado, o presente e para o futuro. Precisa-se ter um conhecimento da cultura de forma geral, dos clássicos e da Bíblia no contexto cristão, no qual estamos inseridos para se realizar um estudo da religião. Este trabalho analisa os contos a partir de índices literários recorrentes que apontam para a “preocupação última”.

#### 4.1 ANÁLISE DOS CONTOS A PARTIR DE ÍNDICES LITERÁRIOS RECORRENTES NA NARRATIVA

A análise dos contos a partir de índices literários (linguagem, símbolos e infância; existência, finitude e infinitude ou finito e infinito; tempo; espaço) será feita observando a teoria de Tillich. O conceito de “preocupação última”, ou como é apresentado na tradução do livro da editora Fonte Editorial (TILLICH, 2009, p. 44), “preocupação suprema”, *ultimate concern*, servirá como viés de leitura, assim como a teologia e filosofia de Tillich a partir da teoria expressa em *Teologia da Cultura* e exposta nos primeiros capítulos desta dissertação. Mas também outros livros do autor serão considerados para a análise. Estes são alguns temas a serem ressaltados: a linguagem, os símbolos, o olhar de Menino, ou seja, a “meninice”, a infinitude e a finitude, a existência, kairós e cronos, o tempo e ambiguidades presentes no espaço e no tempo, na viagem na casa dos tios, nos contos inicial e final do livro *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa.

##### 4.1.1 Linguagem, símbolos e infância

O menino sonhava com a viagem, mas a viagem e o que viria também ao seu encontro, as surpresas e novidades pareceriam um sonho, “caso de sonho” (ROSA, 2001, p. 49). “A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelar-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não sabido, ao mais” (ROSA, 2001, p. 49). A linguagem de Rosa expressa a viagem de forma profunda como um raiar da verdade em estado de sonho, de alegria e cuidado, afago e proteção.

No primeiro conto, *As Margens da Alegria*, a linguagem aponta no início do conto para uma viagem esperada, sonhada, vivida como proteção, sonho, cuidado, esperança e afago: uma viagem feliz. Conforme Tillich (2009, p. 118) “o absoluto não se restringe a formas particulares de coisas ou experiência. Mostra-se presente ou ausente em qualquer situação. Brilha numa paisagem [...] dando-lhe profundidade de sentido”. Portanto, “a vida

podia às vezes raiar numa verdade extraordinária” (ROSA, 2001, p. 49). A profundidade de sentido no raiar da verdade, percebe-se expressa na linguagem de Rosa. Mas também, na paisagem descrita e da qual o menino se sente parte, de forma paradoxal surgem da observação do “móvel mundo”, se mostra como luz e às vezes trevas: “a luz e a longa-longa-longa nuvem. Chegavam” (ROSA, 2001, p. 50). Já no final do conto: “Trevava”. Porém, surge a luz: “Voava, porém, a luzinha verde, [...]” (ROSA, 2001, p. 55). A Luz do vaga-lume surge à noite “trevava”, a intuição de um tempo novamente de paz e alegria sugere, a luz “verde”, uma esperança, ao final do primeiro conto.

No entanto, no último conto, a viagem é “íngreme partida”, o menino sabia que a mãe estava doente e conhecia o motivo de sua partida, não era realizada em estado de alegria, mas realizada de forma íngreme, ou seja, difícil: “Se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar. A mãe e o sofrimento não cabiam de uma vez no espaço de instante, formavam avesso - do horrível do impossível” (ROSA, 2001, p. 225). O afastamento era como um sofrimento, por isso precisava do brinquedo macaquinho e o menino “aturdido”, “cansado”, “fingia apenas que sorria”, “era uma íngreme partida” (ROSA, 2001, p. 224).

A linguagem e a figura do macaquinho remetem ao tempo da infância, dessa ligação com a mãe e está indicando que a separação foi dolorosa. O simbólico companheiro, os brinquedos, vivências, experiências de Rosa como ao se deparar com o Tucano e expor em carta ao pai a beleza da ave... “a propósito dessa epifania, numa carta enviada a seu pai, datada de 5-7-58, Guimarães Rosa relata como ficou fascinado por um tucano, na segunda vez em que visitava Brasília [...]” (CASTRO, 1993, p. 58). Percebe-se que o autor João Guimarães Rosa, sua vida, família (ser um pai, avô) e profissão, viagens, leituras, encontro e gosto de estar em contato com a natureza, o tucano são presentes ao mesmo tempo tudo é recriado. Ele refaz pela linguagem de forma única as expressivas experiências vividas. A própria vida e descobertas do autor quanto a infância o brincar, o tucano e sua visão são também de certa forma inspiração para sua criação; mesclada a filosofia e a teologia, as suas leituras diversas e viagens, experiências da vida de Rosa que serão na arte e na estória literária transformadas e expressas nos contos.

A partir das palavras do vocabulário, da linguagem do texto, percebe-se que apontam para o aspecto negativo nessa travessia no último conto, nessa peregrinação do Menino, há ausência da alegria no início do conto. Neste começo, palavras sugerem a “íngreme partida” sensações de sofrimento dor: “mordeu”, “choro”, “cansaço”, “entrara aturdido no avião” (ROSA, 2001, p. 224). “Ele mordeu seu coração. Nem quis falar com o macaquinho bonequinho. O dia inteiro serviu para fazer o espalhamento do cansaço” (ROSA, 2001, p.

227). O espalhar do cansaço, o que seria? Um cansaço que é espalhado é aquele que se encontra em todo o lado. Como os brinquedos das crianças se esparramam pela casa, assim o cansaço, a tristeza, a dor no coração do menino se espalhava. E após a separação do menino, (da sua mãe), ele sente o espalhar do sofrimento expresso neste cansaço. O morder o coração, um estado, um sintoma, de dor é manifesto nos sentimentos pois, “fingia que sorria” (ROSA, 2001, p. 224). Ao fingir sorrir, por dentro, em seu coração os sentimentos não eram de alegria, mas de dor, como uma mordida pode causar, no entanto, uma dor em seu interior, dentro do seu coração.

Pistas para a possível leitura da continuidade dos dois contos, se dão no espaço de sua viagem que é ascendente. O espaço era o mesmo. Também pelo olhar infantil do Menino descobertas se farão nos dois contos, aparecerá a novidade, o diferente (a ave) no quintal. Vivida de forma positiva, de alegres novidades, a viagem no início do primeiro conto. Mas também ocorrem as descobertas da morte, pelo encontro com a finitude no mesmo espaço da casa dos tios e dessa mesma cidade.

No primeiro conto o menino avista uma ave, depois, a morte da ave é descoberta. No último conto, a ave é outra, não é mais presa à terra, mas voa: o tucano. Assim, também há a descoberta do motivo da viagem: a doença da mãe no último conto.

Crescimento interior, conhecimento, tanto para o menino quanto para a Tia e o Tio e talvez também para a Mãe e para nós ocorre do primeiro conto para o último. O menino, apesar de ser o mesmo, possuía a experiência vivida no primeiro conto de algumas descobertas. Importa especificar o crescimento, ampliado com a palavra interior. A palavra interior pode esclarecer que é como ato de respirar que ocorre no interior, algo como “desconter-se”, soltar-se, libertar-se, exceder-se. Não é só crescimento de tamanho, ou da idade, ou do passar do tempo: “Assim um crescer e desconter-se - certo como o ato de respirar - o de fugir para o espaço em branco” (ROSA, 2001, p. 49). O espaço em branco estará relacionado com a luz desse espaço em branco, com a claridade, conhecimento, o sagrado, pois será nesse encontro na viagem que é também com a divindade que o Menino cresce em sabedoria. O conhecimento, a verdade, a “preocupação última”, os símbolos na profundidade do sentido e da vida, da sabedoria, no tempo e espaço da existência, no decorrer dos contos na linguagem de Rosa são presentes.

Paul Tillich (2009, p. 100) expressa: “quando buscamos os sentidos dos símbolos, logo percebemos que uma das funções da arte consiste em abrir níveis da realidade; a poesia, as artes visuais e a música revelam níveis da realidade que não poderiam ser percebidos de outra forma”. Os símbolos abrem níveis da realidade com a poesia presente em João

Guimarães Rosa, os símbolos como a luz apontam para sentido amplo, múltiplo que adquire a claridade na linguagem de Rosa, ao qual se pode ligar a religiosidade. “A dimensão da realidade suprema é a do sagrado. Assim, podemos dizer que os símbolos religiosos são símbolos do sagrado” (TILLICH, 2009, p. 103). Em outros termos, é por meio da fé, experiência do estado de ser possuído pela “preocupação última” que acontece da união do ser com o infinito e faz do separado aceito - “a graça é, também, o amor que perdoa e aceita” (TILLICH, 2009, p. 196). A experiência do sagrado, do infinito com o finito é experiência divina no coração humano do Menino que busca pelo olhar para o infinito transcender seus conflitos e crises existenciais, pois deseja a paz, o amor fora da angústia do olhar da morte e da finitude. Ele deseja vislumbrar o infinito, o “dourado”, a “luz”. No livro *História do pensamento Cristão*, Tillich esclarece sobre a palavra “graça”: “a palavra ‘graça’ deve ser traduzida por poder divino de ser, ou poder do novo ser, que justifica ou santifica. [...] Essa graça, o poder divino do novo ser, é derramada pelos sacramentos na essência da alma, no seu mais profundo interior” (TILLICH, 2000, p. 165). O menino supera seus problemas, no seu mais profundo interior, com amor. O amor possibilita a vida, nas quais as forças autodestrutivas são superadas. “O amor é a própria vida na sua unidade concreta” (CALVANI, 2010, p. 185).

Conforme o filósofo e teólogo germano-estadunidense, a “graça” é o “poder divino de ser” (TILLICH, 2000, p. 165) é relacionado ao contexto da religião, aos sacramentos “o intelecto inclina-se a fé por meio da graça sacramental; a vontade dirige-se para a esperança; e o ser inteiro se volta para o amor”. Pode-se pensar uma benção dada pelo poder divino na “essência da alma”, no interior profundo do ser. Já que “o amor é fonte de graça” é o que nos torna graciosos (TILLICH, 2009, p. 196). Sendo assim, a graça como um “poder divino de ser”, mas também é gratuita, ou seja, é fonte de graça, é dada possui no conto a “graça” características da gratuidade e da religiosidade. Por ser a graça algo gratuito que é dado ao menino e ele a recebe de forma que não há pagamento por isso, nem mérito. Manifestada no interior do ser do Menino a graça, gratuita e amorosa, será considerável para a superação da desunião, dos conflitos e crises na viagem, na existência, a graça de formas variadas estará junto dele nessa estória e no amor.

Embora os contos selecionados para análise não tragam essa temática da religião de forma explícita, observam-se nesses cinco elementos estruturantes da narrativa (tempo, espaço, personagens, enredo, narrador), a possibilidade de abordar o tempo, a temporalidade, a finitude, e a infinitude. Assim como, por exemplo, os símbolos apontam para outros níveis: luz, pássaro, o voo, presença do amor, esperança e fé. “O transcendente absoluto está além de

todos os símbolos que o representam. Tais símbolos são tomados de diversos materiais dados pela experiência” (TILLICH, 2009, p. 103). Nos contos, pela experiência do Menino, a “preocupação última” manifesta-se por meio de símbolos, mas também, comportamentos, pensamentos, conceitos profundos, filosóficos e teológicos. O Menino transita, viaja nesse espaço, no tempo, pelo horizonte, no espaço de avião e na natureza, no quintal e de jipe pelo lugar. Ao transitar é através do olhar do menino que muitas descobertas são realizadas a partir da observação, da contemplação. O olhar é de menino, de uma criança que se maravilha com as simples descobertas como a de um animal no quintal (tucano, vaga-lume, peru) ou de uma cobra ou árvore.

A ambiguidade da criação estética no encontro entre o eu e o mundo surge de forma potente, ocorre na linguagem de Rosa. Em *Teologia Sistemática*, conforme o primeiro capítulo desta dissertação, ao refletir sobre a arte, Tillich aponta a ambiguidade da função estética: “um trabalho de arte é uma união entre o eu e o mundo dentro de limitações tanto da parte do eu quanto da parte do mundo [...] a ambiguidade da função estética é sua oscilação entre realidade e irrealidade” (TILLICH, 1987, p. 434- 435). O encontro de um autor com a experiência de determinado momento, como ocorreu com Tillich e com Rosa, é essa expressão da união entre o eu e o mundo e de limitações tanto do eu quanto do mundo, o que refletirá na criação, na produção e na função estética.

Os contos expressam o encontro e a busca do ser humano no espaço do horizonte de sua existência no tempo, pelo olhar para o infinito nesta “união entre o eu e o mundo”. Para isso, será através da linguagem de Rosa que se aproxima de temas da filosofia, da teologia e da cultura relacionada à religião e por termos e palavras expressos em vocábulos e pensamentos do menino narrados em terceira pessoa pelo narrador. Esses pensamentos e reflexões dos pensamentos do Menino expressos, seus sentimentos, emoções e pensamentos: “se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar” (ROSA, 2001, p. 255). “Tudo era todo, todo-o-tempo, mais ou menos igual, as coisas ou outras. A gente, não. A vida não parava nunca para a gente poder viver direito, concertado?” (ROSA, 2001, p. 225). Tudo era todo o tempo e também mais ou menos igual, mas as pessoas não. O menino não era mais igual...mudava nessa travessia da vida/existência, nessa viagem. O narrador expõe: “Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. O Menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade [...]”. O olhar “espiava”, as nuvens de amontoada amabilidade, amor, claridade vistas pelo olho infantil de descobertas e novidades.



Conforme Nunes (2014, p. 210) *De Sagarana a Grande Sertão: Veredas*, entre 1956 e 1960, a “Natureza é um todo vivo e animado, interior e exterior ao mesmo tempo: o nasce, cresce e morre da *physis* grega. Os personagens vivem na sua proximidade, sintonizados ao movimento cíclico regente dos céus e da terra, à trajetória do sol e das estrelas” (NUNES, 2014, p. 210). Da mesma forma, nesta dissertação, os personagens rosianos não são apenas os seres humanos, mas se incluem, por exemplo: o personagem brinquedo macaquinho, o buriti, o peru, a árvore que, inclusive, “morrera tanto”, os pássaros, o par de garças, o tucano e outros. Eles aparecem e são parte da narrativa, da vida da família, da viagem do menino, de suas descobertas e surgem integrados na estória. Eles aparecem nos contos pertencendo à vida e à existência do infante. Esses personagens constituem a formação do entendimento do menino (da criança) sobre a vida, e de algum modo eles participam do encontro do menino com a sua própria existência, dando sentido à dor e ao amor. Esse olhar de transcendência e sabedoria dada à natureza é algo que faz lembrar São Francisco de Assis no *Cântico do irmão Sol*. Mas também outros pensadores, como por exemplo a questão do amor e da beleza na busca pela infinitude presentes no diálogo do livro de Platão, *O Banquete* e em Agostinho questões sobre o tempo, o amor e a verdade. Tillich expõe que “a tradição agostiniana pode ser corretamente considerada mística, definindo-se o misticismo como experiência da identidade do sujeito com o objeto em relação ao Ser-em-si” (TILLICH, 2009, p. 52). Deus está presente, sendo onipresente e onipotente, em tudo, também na natureza. “Preocupação última” que a tudo pertence, poder divino e a luz resplandecendo que brilha no conto no cimo da tucaneira, ou na treva, com o vaga-lume.

No poema de Francisco e em Rosa há presença da natureza, claro e escuro, sentido da lua e do sol “irmão Sol, que clareia o dia e com sua luz nos alumia”<sup>11</sup>. Irmão Sol, metáfora da luz divina que a todos ilumina, “preocupação última”, presente e o símbolo da luz que clareia e aquece. Conforme Tillich (2000, p. 187) esclarece em seu livro *História do Pensamento Cristão*, sobre São Francisco e a natureza, Francisco inaugura um novo relacionamento com a natureza e a partir do seu texto inaugura também a literatura italiana:

Vamos descrever, agora, essas duas ordens, a franciscana e as dominicanas, assim chamadas por causa de duas notáveis personalidades: Francisco de Assis e Domingos. Francisco continuava a tradição monástica de Agostinho

<sup>11</sup>**Escritos e biografias de São Francisco de Assis.** Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 8ª Edição. Petrópolis: Vozes. 1997. *O Cântico do Irmão Sol* ou *Cântico das Criaturas* é uma obra literária, uma das primeiras em italiano antigo, importante documento literário da linguagem popular escrito por São Francisco de Assis, (p. 71). Esse foi o primeiro texto em italiano antigo, ele foi apresentado a mim quando cursava literatura italiana I com a professora Regina na Universidade Federal de Juiz de Fora durante o curso de italiano.

e Bernardo. Como eles, acentuava a experiência pessoal, embora introduzisse a ideia da vida ativa em contraste com a contemplativa. Esse tipo de pensamento, desde o princípio, aproximava-se mais da mentalidade ocidental que oriental. Francisco inaugurou também um novo relacionamento com a natureza; não somente as ordens humanas hierárquicas pertenciam ao poder da vida divina, mas também o sol, as estrelas, os animais e as plantas (TILLICH, 2000, p. 187).

*Os cimos* remetem ao encontro de uma criança com a luz, a fé, a esperança e o amor de forma ambígua, paradoxal na viagem na cidade e na natureza. O que também é expresso em Santo Agostinho, conforme Tillich (2000, p. 135): “Agostinho considera o homem fundamentalmente vontade, cuja substância é o amor”. O menino possui vontade de ver a mãe curada, bem, e o amor que une o separado é expressão também ao olhar para o seu entorno, na natureza e seu interior, coração, sentimentos. O menino sente a dor de forma empática<sup>12</sup> pela queda da árvore. “A árvore, que morrera tanto” (ROSA, 2001, p. 54); mas também, sente pelo fato da ameaça à vida do tucano, se revolta: “Não e não! - zangou-se, aflito” (ROSA, 2001, p. 231).

Além do amor, é importante em particular o amor ligado à contemplação, vivido em empatia com a vida ao redor, com a natureza, com a árvore e o tucano, mas também, desse olhar de forma diversa do olhar de um adulto. O olhar infantil do Menino é relacionado à figura materna de cuidado de proteção, amor e união de forma mística com a natureza, com a mãe, com a divindade. Ele transcende pelo amor e o olhar o seu estado de conflito e problemas enfrentados a partir da descoberta da finitude.

Segundo Tillich (2009, p. 196) sobre o amor: “o amor é fonte de graça. Aceita o inaceitável e renova o velho ser tornando-o novo. A teologia medieval quase identificava o amor com a graça, e estava certa. É o amor que nos torna graciosos”. O cuidado com o tucano e o tucano como um “brinquedo de graça” (ROSA, 2001, p. 232), a cada manhã traz esperança, fé e amor. O amor será o que tornará o menino gracioso em meio aos problemas existenciais, aos conflitos enfrentados. As palavras “brinquedo” e “de graça” surgem de forma que podem ser interpretadas. Elas representam a imaterialidade no mundo material, materialista: “brinquedo de graça” é o tucano seu surgimento, é de graça, ou seja, gratuito. Graça, é vinda do céu, relacionada ao religioso, sendo o próprio brincar, o olhar remete à

---

<sup>12</sup>GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Empatia, a partir do livro **Inteligência Emocional** de Daniel Goleman (2007, p. 126-127) expõe que: “a dor do outro é nossa. Sentir com o outro é envolver-se. [...] com um ano de idade, a criança se sente aflita quando vê a outra cair.” O menino sente a dor da árvore que morre, ao ser cortada. No conto ele é empático com a dor da árvore, com a mãe e o tucano, com toda a vida ao seu entorno.

dimensão graciosa do divino, livre de necessidades. Ou seja, um brinquedo que não é comprado, gratuito, “de graça”, não custa nada, a graça será de graça no conto que surge na claridade e se manifesta em variados momentos. A graça é gratuita e é dada ao menino. O tucano surge na claridade das manhãs, símbolo, a luz o acompanha, é visto, contemplado. A ave, o tucano representando algo expressivo, transcendente. Ela simboliza algo que vai além de um brinquedo, e que não é pago, mas também que não se toca, fica no alto, na claridade, não se engaiola, não se mata, nem fere, livre e surge na aurora, no dourado das manhãs e que possui um valor sem igual. Assim como o amor pela natureza, o amor do Menino pela mãe, no conto o amor pela ave e amor pela família, a comunidade do Menino. Esse amor é demonstrado no comportamento de cuidado da Tia e do Tio pelo menino e na relação dele com a natureza e com a mãe. O menino vive o amor no seu entorno e o cuidado com o que está ao redor é demonstrado em atos e sentimentos e palavras, seus atos são condizentes com suas palavras e pensamentos.

Ficará o tucano, após a partida das outras aves, e o menino “animoso de amar” (ROSA, 2009, p. 230), avistava-o todas as manhãs, não deixou o tio prender a ave. O amor e o cuidado presentes: “de repente, ouviu que, para consolá-lo, combinavam maneiras de pegar o tucano: com alçapão, pedrada no bico, tiro de espingardinha na asa. Não e não! - zangou-se, aflito” (ROSA, 2001, p. 231). No cuidado empático do menino com a natureza, com a ave, o menino ensinava ao tio. Existiam coisas que o Menino só poderia entender com o coração e com o coração também poderia ensinar. O menino transmite o cuidado com a ave, o tucano, com sentimentos, “zangou-se”. Ele ensina, transmite ao tio o quando não aceita a violência, ensina a empatia, a não violência, a paz e o cuidado, o amor. Ele “zangou-se, aflito” com a possibilidade de pegarem e machucarem o tucano. Uma aprendizagem para ambos, troca intergeracional, o diálogo ocorre entre os dois em que aprendizados, saberes são retomados, aprendidos e descobertos no percurso da estória. O tio, no avião, no primeiro conto ensina ao menino: “Solicito de bem-humorado, o Tio ensinava-lhe como era reclinável o assento - bastando a gente premer manivela” (ROSA, 2001, p. 50).

O sentimento do “amor” no contexto materno, ou seja, em associação ao termo mãe, encaminha o pensamento para o amor e o cuidado simultâneo também com a natureza, da qual o Menino é parte. A ave, o tucano, coopera, surge nas manhãs como a esperança, a graça. A figura da mãe doente e o desejo de o menino vê-la bem são expressos em palavras relacionadas com o sentimento relacionado ao vocábulo “coração”, no último conto. A ave é símbolo, a “graça” surge na luz das manhãs trazendo a fé, a esperança e o amor. “Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o vôo exato. O hiato - o que ele já era capaz de

entender com o coração”. “[...] A tornada do pássaro era emoção enviada, impressão sensível, um transbordamento do coração” (ROSA, 2001, p. 232). O coração, o transbordamento de emoções a vista do pássaro, é uma graça que brilha além daquele tempo de angústia ao pensar na doença da mãe, é a esperança, a fé e o amor expressos no coração. A palavra “coração” aponta para a graça e o amor. E em alguns momentos nos contos a infinitude é revelada em um transbordamento no olhar, na luz, na beleza e no dourado: “Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento” (ROSA, 2001, p. 51). “Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte” (ROSA, 2001, p. 229). “Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano - sem jaça - em vôo repouso e vôo. De novo, de manhã, se endereçando só aquela árvore de copa alta, de espécie chamada tucaneira. E dando-se o raiar do dia, seu fôlego dourado” (ROSA, 2001, p. 230). O belo surge nos contos narrados pela terceira pessoa do narrador que transmite a espera do menino, ele esperava pelo belo nas manhãs e no dourado ele surgia, o tucano na alta árvore.

Ainda no último conto: “o Menino em seu mais forte coração, declarava, só: que a Mãe tinha de ficar boa, tinha de ficar salva” (ROSA, 2001, p. 231) o “coração” o amor, são sinais dessa graça que surge também em vocábulos que remetem a infinitude, a amor, a esperança. Exemplo: “animoso de amar” (ROSA, 2001, p. 230); “brinquedo de graça” (ROSA, 2001, p. 232), “teimoso de só amor” (ROSA, 2001, p. 231). No último conto os vocábulos “amar” e “graça” indicam a religião nos contos de forma simbólica. O menino ainda com o coração sente desamparo, angústia do encontro com a ave e a morte, finitude. No segundo conto o tucano surge como um amparo, uma esperança, amor. O menino separado da mãe, mas que nessa ambiguidade sente a luz, vislumbra a fé, esperança da cura e da união e superação da situação conflituosa por meio do amor, já que a alegria não será possível o tempo todo, a paz na claridade, na luz brilha no cimo. Pois já a paz é possível na viagem mesmo em meio a dor de seu coração.

No livro *Amor, Poder e Justiça* (2004, p. 35) aparece, em *Uma Ontologia do Amor*: “Amor é unir o que está separado”. E ainda expõe sobre amor que: “há uma profunda ambiguidade sobre essa experiência. Amor vivenciado é, ao mesmo tempo, a felicidade extrema e o fim da felicidade. A separação está dominada. Mas sem a separação não há amor e nem vida” (TILLICH, 2004, p. 37). “O amor é fonte de graça” é o que nos torna graciosos (TILLICH, 2009, p. 196). Tillich, conforme o primeiro Capítulo desta dissertação na seção sobre o amor, esclarece haver a importância do amor em seu livro *Teologia da Cultura* e também em outros, como *Amor, Poder e Justiça* e *Teologia Sistemática*. Em *Teologia Sistemática*, Paul Tillich (1987, p. 484) esclarece sobre fé e amor que: “a ‘união

transcendente' responde à questão geral implícita em todas as ambiguidades da vida. Aparece no espírito humano como movimento extático que, a partir de um ponto de vista, é chamado de 'fé' e, a partir de outro [...] é chamado de 'amor'". Importa novamente retomar brevemente os temas da fé e do amor para a relação com a linguagem de Rosa em que a ambiguidade da religião e da vida é apontada, mas tendo o Amor o papel que irá unir os separados. No entanto, ao mesmo tempo que é fonte de graça e nos torna graciosos segundo Tillich, o amor vivenciado é a felicidade extrema e o fim da felicidade. "A separação está dominada. Mas sem a separação não há amor e nem vida" (TILLICH, 2004, p. 37).

Rónai (2001, p. 23) expõe que a mensagem do conto é de "otimismo e de fé". Paulo Rónai (2001, p. 23), no prefácio, ao citar os dois contos, explicita que: "pela sensibilidade de um menino, com o pensamentozinho 'ainda na fase hieroglífica', os grandes problemas existenciais do bem e do mal, e, através da sua decifração é transmitida uma mensagem de otimismo e de fé". Ou seja, a "preocupação última", e os grandes problemas existenciais do bem e do mal, o amor, a fé, o estado em que a "preocupação última" se expressa na existência humana, não só em âmbito sagrado, mas também profano, pela ótica de Tillich, pode-se perceber que aparecem nos contos na viagem do menino. São expressos em seus pensamentos contados pelo narrador. Fé e dúvida caminham na existência do menino em questões últimas. "Embora a fé seja questão de destino e decisão, podemos perguntar qual seria o critério para essa decisão. A resposta é a seguinte: o critério é o incondicional em nossa consciência, quando pensamos nele" (TILLICH, 2009, p. 67). Misturam-se filosofia e religião, poesia e teologia, mito, choro e alegria na escrita, na arte literária de Rosa de contar estórias. Relação entre religião e cultura, religião e arte, estes conceitos expressos na *Teologia da Cultura* encontram-se vinculados ao entendimento de religião como "preocupação última".

As notícias sobre o estado de saúde da mãe da criança vinham por um meio de comunicação que hoje já não se usa, o telegrama avisará e será apontado na face do tio o que diz o texto: "o Tio, recebido um telegrama, não podia deixar de mostrar a cara apreensiva - o envelhecimento da esperança. Mas, então, fosse o que fosse, o Menino, calado consigo, teimoso de só amor, precisava de repetir: que a Mãe estava sã e boa, a Mãe estava salva!" (ROSA, 2001, p. 231). Em outro telegrama: "Ao quarto dia, chegou um telegrama. O Tio sorriu, fortíssimo. A Mãe estava bem, sarada!" (ROSA, 2001, p. 232). Assim, os contos, a literatura, a linguagem, a arte de Rosa, podem expressar as descobertas, os encontros, pelo olhar infantil, do que é infinito, transcendente: a esperança, a fé, a "preocupação última" na vida de uma criança. Este olhar de criança para a finitude: a morte da ave, o bem e o mal, a descoberta da doença da mãe, mas também o amor, o tucano, experiências que há no coração.

O amor, a fé, a esperança, o cuidado na existência do menino se expressam nas falas do narrador de terceira pessoa: “só aquele ficará, porém, para cada amanhecer (...) o Menino apressuradamente se levantava e descia ao alpendre, animoso de amar” (ROSA, 2001, p. 230). O Menino com esperança e amor em “seu mais forte coração, declarava, só: que a Mãe tinha de ficar boa” (ROSA, 2001, p. 231).

A linguagem de Rosa, em que o macaquinho cria vida, figura de linguagem chamada prosopopeia ou personificação, é uma denotação que atribui a seres inanimados características humanas. Surge como companheiro dessa solidão e separação do menino. “Não, o companheiro Macaquinho não estava perdido, no sem-fundo escuro no mundo, nem nunca” (ROSA, 2001, p. 233). A criança tinha por companheiro o brinquedo Macaquinho com letra maiúscula, não era um qualquer brinquedo, um macaquinho qualquer, era escrito com maiúscula, indicando sua importância. Existe uma comunidade na qual o Menino se ampara, o brinquedo faz parte, a natureza é parte, os Tios e o espaço com a mata e árvores, não está só.

O Menino, escrito com a letra M maiúscula, assim como outros personagens Tio, Tia, Mãe, talvez pela possibilidade de terem características universais, mas também pela sua importância, por serem únicos, indivíduos, gente, humano e mesmo que não nomeados, em meio à multidão da cidade, são com suas histórias e suas vidas representantes dos seres humanos e suas experiências e descobertas importam no existir. O macaquinho é um personagem humanizado, amado, querido e companheiro. Contudo, apesar de querido, o menino o perdeu. O seu brinquedo ficara na casa dos tios, não estava mais em seu bolso. O companheiro é aquele que o acompanha. Acompanhando-o nas horas que viveu a angústia de saber da Mãe doente, mas também na aventura de passear na casa do tio, de ver o tucano na copa da árvore e no passeio de jipe. Assim, o Menino imagina o brinquedo Macaquinho companheiro, passeando ainda na casa e não perdido. Mas não era apenas um brinquedo para o Menino: “Mas bonequinho macaquinho não era mais o para a mesa de cabeceira: era o camarada, no travesseiro, [...]” (ROSA, 2001, p. 227). O brinquedo mais que um brinquedo era companheiro do Menino, “companheiro bonequinho macaquinho” (ROSA, 2001, p. 229) que dormia no quarto, na cama e no travesseiro do menino. Ele não ficava na mesa ao lado da cama, mesa de cabeceira, mas dormia junto dele na intimidade e convívio do Menino.

#### **4.1.2 Existência, finitude e infinitude (ou finito e infinito)**

No livro *História do pensamento Cristão* (2000, p. 130), ao falar do tempo, o filósofo Agostinho é importante por reflexões sobre esta temática. Filosoficamente falando, segundo

Tillich, a partir de Agostinho "começa aí uma nova era de pensamento a respeito do tempo" (TILLICH, 2000, p. 130). Portanto, diferente do mundo cíclico presente no pensamento de Aristóteles e dos estóicos, "para Agostinho havia um começo definido e deverá haver um fim igualmente definido". Segundo Tillich (2000, p. 129-130): "Agostinho expressou com muita clareza a doutrina da criação *ex nihilo* ao tratar da relação de Deus com o mundo. Não existe matéria alguma antes da criação; Deus cria sem qualquer substância prévia. Por isso a finitude será ameaça constante". E quanto aos pensadores existencialistas modernos incluindo ele mesmo, esclarece que finitude é a mistura de ser e não-ser e isso está na linha do pensamento de Agostinho:

Acredito que quando nossos pensadores existencialistas modernos, incluindo eu mesmo, dizem que a finitude é a mistura de ser e não-ser, ou que o não-ser se presentifica nas coisas finitas, estão na linha do pensamento de Agostinho, quando afirmou que todas as coisas correm o perigo de cair no tremendo abismo do nada. O mundo é criado a cada instante pela vontade divina, que é a vontade do amor (TILLICH, 2000, p. 130).

A linguagem de Rosa se constitui em veículo de redescoberta de um mundo que, em sua finitude, pode comportar infinitos e o amor o recria. Essa linguagem que pode comportar infinitos é que o amor, a "preocupação última" e o cuidado se mostram. Faz remeter a Tillich e à questão da infinitude e da finitude apresentada nesta dissertação na seção "2.1.4 Relação do conceito de religião com as concepções de finito e infinito". Por ser o humano infinitamente preocupado pelo infinito "ao qual pertence, do qual está separado e pelo qual anseia" (TILLICH, 1987, p. 22).

Segundo Rosenfield (2006, p. 98), o que liga Rosa à filosofia é um tema ou, "mais precisamente, uma atitude, um problema que pertence tanto ao misticismo e à religiosidade como à teologia e à filosofia." Explica que "trata-se da temática metafísica, do problema da relação entre realidade sensível e o domínio supra-sensível, entre as coisas cognoscíveis e as incognoscíveis." E, segundo a autora, essa temática tem um grande paradigma, um modelo matricial - o grande código dos relatos bíblicos "a alegria bíblica, base poética de conceitos filosóficos":

Na obra de Rosa, reina muitas vezes a aura do Cântico dos Cânticos: momentos de pura e intensa presença que pontuam a árdua labuta dos personagens dentro da história e do narrador em busca da representação adequada não só da história, mas da estória - da essência atemporal e incondicional: da *poiesis* pura que dá forma e medida a um estado de alma incomensurável, constituindo, assim, um elo estético entre aquilo que a

religiosidade mística chamaria de êxtase e o mundo das noções e das coisas cognoscíveis. Conceitos filosóficos distintos a revelação e o Amor (teológico), a verdade (epistemológica), o ser (ontológico), o bem e o mal (ético) confundem-se num tema essencialmente estético: no tema da Alegria. Fecho da obra rosiana, a alegria representa a célula fundamental da intensidade poética e está ligada à sensação efêmera de uma realidade outra do que a cotidiana e habitual, momento ínfimo da certeza do Ser, da Presença, do Amor, do Absoluto. (ROSENFELD, 2006, p. 98).

Mais adiante, Rosenfield (2006, p. 99-100) aborda a terminologia propriamente goethiana, apresentada a partir da entrevista de Rosa com Lorenz (p. 500-524), a linguagem de Rosa que insistentemente fala da infinitude, da linguagem como pórticos para o infinito e num mesmo parágrafo da relação da afinidade amorosa com a língua e da tentativa de apanhar Deus e o infinito pelo cangote. E apresenta ainda Rosenfield (2006, p. 123) que “seu gosto pela intuição e a poesia inspirada está muito próximo do entusiasmo de certos pré-românticos como Holderlin e Novalis. Como eles, Rosa considera os efeitos da beleza, da poesia, da alegria, faíscas de um além que transcende o comum viver”. Esses aspectos do transcender o comum viver pelas faíscas da beleza, da alegria, da intuição e da poesia estão presentes nos contos e se relacionam com a teoria dos símbolos de Tillich. Eles são consideráveis para análise por apresentarem o personagem Menino com M maiúsculo em uma experiência que transcende o comum.

A voz do narrador que expõe os sentimentos do menino ao mesmo tempo situa a narrativa, no tempo e espaço; o narrador é de terceira pessoa, descreve o surgimento da ave. A criança possuía um olhar para a claridade, o horizonte, para o cimo das árvores, para o céu onde estava o tucano: “de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três”. O dourado emanava, como um borrifar de seus coloridos, a luz no horizonte. “Toda a luz era dele, que borrifava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspenso esplendidamente. No topo da árvore, nas frutinhas, tuco, tuco...daí limpava o bico no galho”. E antes do sol nascer a luz estava presente: “O sol ainda não viera. Mas a claridade. Os cimos das árvores se douravam. [...] A uma das árvores, chegara um tucano, [...]” (ROSA, 2001, p. 228).

O tempo e espaço da chegada do tucano afetava e interagia positivamente com a existência do menino nas manhãs, fazendo apontar para a infinitude, a vida mais clara no quintal da casa dos tios “dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol, a luz por tudo” (ROSA, 2001, p. 229). Em *Níveis de Relação entre Religião e Arte*, “religião significa ser tocado pelas questões últimas, ter levantado a pergunta acerca do ‘ser ou não ser’ em relação ao significado



da própria existência e tendo símbolos pelos quais a questão é respondida” (TILLICH, 2020, p. 33).

Sobre a finitude e os lugares provisórios, esse paradoxo da vida, em artigo intitulado *O tema da finitude em Paul Tillich e o filme The Age of Adaline*, Gross (2017, p. 298, p. 299) expõe que a vida se vive em lugares provisórios, e o tempo e espaço se relacionam. A leitura do filme a partir da ótica tillichiana, realizada por Gross, tendo Tillich como referencial teórico em diálogo, analisa a finitude e o tempo. O que é relevante para a análise dos contos é essa relação do tempo e espaço, finitude, infinitude e a existência/viagem do Menino no provisório, a finitude a partir de Paul Tillich. Paul Tillich explicita em seu livro *Teologia da Cultura* (2009, p. 144) que a filosofia da existência experimentada restabelece a consciência da separação entre o finito e infinito. Todos os filósofos existenciais ressaltam esse fato. Schelling, mais do que qualquer outro. Ele discute e aborda a questão do infinito e finito em autores e a discussão desses conceitos surge no livro *Teologia da Cultura* (2009), mas também em outros livros seus como *Teologia Sistemática*.

Segundo Gross (2017 p. 302-303), a partir de Tillich, mais especificamente em *Teologia Sistemática*, a linguagem simbólica é o meio pelo qual a compreensão humana torna significativa a finitude, por meio de uma representação ideal da infinitude. De um modo geral, ao mesmo tempo que assume a condição moderna de uma compreensão finita da realidade como um dado fático da contemporaneidade, o diagnóstico de Tillich é que esta é a razão pela qual a dimensão do sentido se encontra em geral perdida, ou ao menos oculta. É só na medida em que as representações simbólicas são reconhecidas como manifestações que respondem à busca humana pelo sentido de sua finitude que se consegue transcender - idealmente - os limites desta finitude. Gross aponta ainda que será, a partir do filme, importante observar o que interessa nesse sentido da dimensão artística como forma de transcender a finitude e de manifestar simbolicamente a dimensão de sentido perdida na facticidade moderna. O que nesta dissertação, nos contos de Rosa, pode ser também percebido. Ou seja, essa questão transcende idealmente os limites da finitude e a partir da dimensão artística e da linguagem de Rosa manifesta a dimensão de sentido perdida na facticidade moderna.

Conforme Tillich no livro *Dinâmica da fé*, o ser humano é capaz de captar o sentido do que é último, incondicional, absoluto e infinito. Apenas isso faz da fé uma possibilidade. O humano é impelido para a fé ao se conscientizar do infinito de que faz parte, mas do qual ele não pode tomar posse como de uma propriedade. Com isso, está formulado de modo comum e aparentemente simples, porém, complexo, aquilo que ocorre no curso da vida como

inquietação do coração segundo Tillich (1985, p. 11) o humano é capaz de captar o sentido do infinito: “ser ou não ser”, assim, é uma questão de “preocupação última”.

Em seus textos Rosa aponta para a preocupação pelo infinito e finitude. “Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam” (ROSA, 2001, p. 52). “A vida não parava nunca para a gente poder viver direito concertado?” (ROSA, 2001, p. 225). Algumas citações indicam o tempo, mas também a finitude a ele relacionada. “O Tio media tudo no relógio” (ROSA, 2001, p. 231). “O Menino riu, com todo seu coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam, para passeio” (ROSA, 2001, p. 51). Ou seja, momento breve em que viu o peru, pois, em outro momento, logo o chamaram para outra atividade, para o passeio de jipe. E outras citações há o olhar para o infinito relacionado ao tempo de forma positiva, alegre, transcendência: “era, outra vez em quando, a Alegria” (ROSA, 2001, p. 55).

#### 4.1.3 Tempo

O tempo enquanto kairós, para Tillich, é o momento em que o infinito irrompe no finito, momentos qualitativos. O olhar de Menino no conto é capaz de revelar a profundidade da vida humana envolvida pela vida diária, nos trabalhos cotidianos. A profundidade do espírito humano não deve ser esquecida ou deixada para fora das esferas da vida, da família ou do trabalho, da cultura, do lazer, mas a profundidade e o sentido presentes em todas as esferas devem ser percebidos enquanto “preocupação última”: “o aspecto religioso volta-se para os elementos supremos, infinitos e incondicionados da vida espiritual” (TILLICH, 2009, p. 44). “Os momentos de kairós: são manifestações extraordinárias do eterno” (HIGUET, 2019, p. 15-16). Tempo qualitativo e manifestação do eterno, kairós, na viagem do Menino, são também o olhar para o que é infinito e incondicionado.

Sendo assim, observa-se, na viagem do Menino, o tempo Kairós, a “preocupação última” e o cronos, medida do tempo físico, em meio à ambiguidade da vida. O Tio está ligado ao tempo, cronos, relógio, medindo o tempo, mas o menino tem um olhar diferente. Não está ligado ao medir do tempo, ao tempo físico, às horas, não interessa cronometrar a passagem da ave, à finitude do momento e aos compromissos da vida humana ligados às horas. Por isso o adulto tinha a preocupação de olhar o relógio: “o tio media tudo no relógio” (ROSA, 2001, p. 231). Tanto o tempo como o espaço eram finitos (TILLICH, 2000, p. 130). Quanto a cronos e kairós: “a medida do tempo não é o relógio. O relógio só mede o tempo físico [...]. O significado do tempo é o kairós, momento histórico, que é a característica

qualitativa do tempo” (TILLICH, 2000, p. 131). Percebido pelo olhar infantil o kairós: “apanhava com o olhar da sílaba do horizonte” (ROSA, 2001, p. 230). Marca o tempo do adulto: o relógio. Ansiedade, angústia, preocupação com os afazeres, o trabalho do adulto é diferente do olhar do Menino que nos sugere o olhar para o horizonte, para o transcender, fora da ansiedade, da angústia, plenitude: “O Tio olhava no relógio. Tanto tempo que isso, o Menino nem exclamava. Apanhava com o olhar da sílaba do horizonte” (ROSA, 2001, p. 230). No último conto, outra ave mais ao alto como um símbolo de ascese, subida aos mais altos cimos (Os cimos). Rosa (2001, p. 228): “(...) a linha do céu de este, na extrema do horizonte. O sol ainda não viera. Mas a claridade. Os cimos das árvores se douravam. As altas árvores (...). A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal”. “O avião não cessava de atravessar a claridade enorme ele voava o voo - que parecia parado” (ROSA, 2001, p. 226). O voo, o subir do avião, o subir para os cimos... a ave tucano, em “altas árvores” indicam a ascese do Menino pelo olhar nesse último conto ao se deparar com o voo do tucano. Linguagem, símbolos da infância frente aos encontros e descobertas do novo na viagem. Algo que se aproxima do sagrado. Metáfora da divindade e o encontro de Deus com a humanidade. De um tempo único, kairós, qualitativo e expressão do eterno na manhã que insinua e faz remeter ao *numen*, ao *numinoso*, “preocupação última” na vida moderna.

A questão do numinoso expõe Tillich (2009, p. 181) no livro *Teologia da Cultura*. Surge debatida e ligada à questão de Deus pessoal na fala de Einstein. A manifestação desse fundamento, sentido e abismo do ser, cria o que a teologia moderna chama de “experiência do numinoso” ou sagrado:

Einstein indica de maneira muito bela uma idéia do Deus Pessoal que não interfere com a ciência nem com a filosofia: o verdadeiro cientista “alcança humildade atitude mental sobre a grandeza da razão encarnada na existência que, em seus mais profundos recônditos nos é inacessível”. Quando interpretamos essas palavras corretamente percebemos que indicam o mesmo fundamento para o mundo físico e para os valores supra-pessoais; fundamento esse que, de um lado, manifesta-se na estrutura do ser (mundo físico) e do sentido (bondade, verdade e beleza), que, de outro lado, se esconde nas profundezas insondáveis. Esse é o primeiro e básico elemento de qualquer idéia de Deus desde os primeiros filósofos gregos até hoje. A manifestação desse fundamento, sentido e abismo do ser, cria o que a teologia moderna chama de “experiência do numinoso” ou sagrado. [...] A mesma experiência pode ocorrer, como de fato ocorre, em relação à impressão que algumas pessoas, eventos naturais e históricos, objetos, mundos, quadros, músicas, sonhos etc. produzem na alma humana, criando o sentimento do sagrado, isto é, da presença do “numinoso”. A religião vive experiências desse tipo e procura manter a profundidade divina de nossa existência, vivendo em comunhão com ela. Mas é obrigada a expressar essas experiências por meio de símbolos posto que são inacessíveis a qualquer

conceito objetivo. Entre tais símbolos, destaca-se o do Deus Pessoal (TILLICH, 2009, p. 181).

Os símbolos são importantes na literatura de Rosa e por meio deles apontam para o avistado pelo olhar, para o que se mostra sagrado, revelando o que se apresenta como fundamento para o mundo físico e para os valores supra pessoais. Símbolos, por exemplo como luz, claridade, dourado, sugerem e “manifesta-se na estrutura do ser (mundo físico) e do sentido (bondade, verdade e beleza), que, de outro lado, se esconde em profundezas insondáveis” (TILLICH, 2009, p. 181). A experiência pode ocorrer, segundo Tillich, como de fato ocorre, segundo o autor em relação à impressão que algumas pessoas, eventos naturais e históricos, objetos, mundos, quadros, músicas, sonhos etc. produzem na alma humana, criando o sentimento do sagrado, isto é, da presença do “numinoso”. A religião, ou seja, a “preocupação última”, em que vive o ser humano expressa experiências desse tipo e procura manter a profundidade de nossa existência, vivendo em comunhão com ela. “Mas é obrigada a expressar essas experiências por meio de símbolos posto que são inacessíveis a qualquer conceito objetivo” (TILLICH, 2009, p. 181).

Nos contos de Rosa, o Menino experimenta uma profundidade divina na sua existência por meio do encontro de seu olhar com a vida expressa no brilho das manhãs, na natureza e beleza do tucano, e dessa relação entre finitude e infinitude. São aspectos do caminho e do olhar de Menino que experimenta o sentimento do sagrado na linguagem e nos símbolos dessa comunhão, pois o Menino está unido no amor. Os vocábulos são expressos em meio a “luz”, ao “dourado”, ao “belo” e no alto, os sentimentos do menino são o transbordamento que esses encontros com a finitude e a infinitude impactam na sua existência no “coração”: “o menino se sentia sustoso, o coração dando muita pancada. A Mãe, isto é... E não podia logo dormir, e pela dita causa” (ROSA, 2001, p. 227). “Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano [...]” (ROSA, 2001, p. 230). E o comportamento se faz emocionado, o sentimento, o choro: “O Menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas. E o tucano, o vôo, reto, lento [...]” (ROSA, 2001, p. 229).

“O desmedido momento” (ROSA, 2001, p. 232) é o capítulo do conto *Os Cimos* em que remete ao tempo no final da *estória* como desmedido momento. Um tempo desmedido é aquele que não se mede. Enquanto ao surgir do tucano no tempo na parte do capítulo “O Trabalho do pássaro”, o tucano tinha um trabalho na árvore e também com o próprio menino “fazia mais de mês que isso principiara” (ROSA, 2001, p. 230). O tempo da chegada do

tucano é medido como pequeno, “dez minutos”, no entanto qualitativo, especial momento em que o tio media tudo no relógio, tempo cronológico, físico, mas o surgimento do tucano não é só os dez minutos, “às-seis-e-vinte”, o tempo qualitativo, kairós é “desmedido”:

Esperava o tucano, que chegava, a-justo, a-tempo, a-ponto, às seis-e-vinte da manhã; ficava, de arvoregem, na copa da tucaneira, futricando frutas, só os dez minutos, comidos e estrepulados. Daí, partia, sempre naquele outro-rumo, no antes do pingado meio-instante em que o sol arrebolava redondo do chão; porque o sol era às seis-e-meia. O tio media tudo no relógio (ROSA, 2001, p. 231).

É interessante observar a marca do tempo de permanência do tucano: “só os dez minutos” (ROSA, 2001, p. 231). O relógio não indica a duração, a quantidade de tempo físico, mas o tempo fixado em relação ao presente. Dessa forma, não é importante o tempo de duração daquela visão e sim a experiência do existir e o olhar para a descoberta ao viajar... esses são os descobrimentos do menino no conto quanto a finitude ao se deparar com o peru... e com o tucano... a infinitude, o olhar para o horizonte, a esperança e a alegria, kairós na viagem do Menino. Inteligência. Conhecimento. Contemplação. O tucano é uma chegada de luz, símbolo da sabedoria, os cimos se douram, parece que acende pelo olhar, pelo amor, pela curiosidade, pelo cuidado e pela inocência infantil deste Menino do conto de Rosa que possui lágrimas no olhar ante o novo, “molhou todas as pestanas” (ROSA, 2001, p. 229). Proporcionando assim, por poucos instantes, mas qualitativamente, um sentimento de extravasamento, transbordamento e de desligamento de sensações, sentimentos ruins. Esse desligar de coisas negativas e religar no aparecimento da ave no céu repercute em um tempo esperado nas manhãs, qualitativo, Kairós. Mesmo em meio aos paradoxos de existir, o menino recebe a graça nas manhãs e poderá ter a mãe salva, curada e viva, ao final do conto sentindo repercutir o transbordar da esperança, da fé e do amor para toda a vida.

A vida acontece em determinado tempo e lugar, no agora, presente, assim como a narrativa é composta desses elementos, chamados elementos essenciais da narrativa (tempo e espaço) que formam com outros três (narrador, enredo, personagens), os cinco elementos da narrativa. Rosa trabalha de maneira única esses elementos em sua linguagem, o tempo e o espaço pelo olhar do menino. O movimento do peregrino Menino, sua vida na estória dos contos de Rosa necessita de espaço e tempo para existir. Além disso, caminhar entre experiências de vida e de morte, a finitude e a infinitude indicam a busca de sentido de superação da vida humana e suas questões universais, uma vez que todo ser humano terá um dia de forma mais densa a percepção desse encontro. Todos os momentos são encontros com a

finitude, mas não são percebidos assim como a cada passar do tempo menos vida se possui. Nos momentos mais trágicos esse encontro transparece de forma inevitável. A alegria, e o desamparo que se alternam, a morte e a vida, há cansaço e transbordamento de emoção em meio a tantas novidades. A criança como um ser humano se encontra no percurso dos mistérios da vida, com a alegria e a tristeza, assim como um adulto ou idoso.

Note-se que Guimarães Rosa, nos contos, ao introduzir a viagem e o passeio de *jeep*, apresenta a natureza. O narrador de terceira pessoa ao descrever que: “iam de *jeep*, iam aonde ia ser um sítio do Ipê. (...) A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição angélica dos papagaios” (ROSA, 2001, p. 51). “O Menino via, vislumbrava. Respirava muito” (ROSA, 2001, p. 50). A respiração, a vida, o olhar ao vislumbrar o que via, as novidades. A experiência nova de voar de avião, e de realizar o passeio de *jeep*. O menino avista o peru no terreiro: “Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata” (ROSA, 2001, p. 51). O olhar do menino e sua viagem-existência no tempo e espaço de *jeep* e entre as árvores da mata, e na mente, pois sua mente pensava nas suas lembranças, memórias da mãe e do animal: “Ele estava nos ares. Pensava no peru, quando voltavam” (ROSA, 2001, p. 52). Chega do passeio e ao procurar a ave, ela já não existia “só umas penas, restos, no chão” (ROSA, 2001, p. 52).

Sobre o impacto do fundamento infinito e inesgotável do sentido e do ser no tempo e espaço na vida humana, “preocupação última” no capítulo “Ciência e Teologia: Discussão com Einstein”, surge a discussão a partir da ideia de Deus e símbolo em que expõe Tillich:

[...] a antiga doutrina teológica, sempre reafirmada, é que Deus age em todos os seres segundo sua natureza especial; nos seres humanos, segundo sua natureza racional, nos animais e nas plantas, de acordo com sua natureza orgânica, e nas pedras, segundo sua natureza inorgânica. O símbolo da onipotência expressa a experiência religiosa de que nenhuma estrutura da realidade e nenhum evento da natureza e da história podem nos afastar da comunhão com o fundamento infinito e inesgotável do sentido e do ser (TILLICH, 2009, p. 179).

A partir da linguagem de Rosa (2001, p. 55) “era lindo! [...] um instante só,” percebe-se também o vagalume, essa luz, assim como o tucano na natureza, o voar em “um instante só” também a beleza, expressa na palavra “lindo”; e o “instante” marca o tempo que vai transcender o momento que se encontrava, (KAIROS). O que irá remeter à “preocupação última”, à onipotência, a onipresença, divina presença em todos os seres e à experiência religiosa. O narrador expressa esse tempo de deslumbramento do menino como de beleza: “era lindo!” Frente à beleza captada é avistado o vaga-lume pelo olhar infantil. O menino que

se maravilha com a descoberta. “O símbolo da onipotência expressa a experiência religiosa de que nenhuma estrutura da realidade e nenhum evento da natureza e da história podem nos afastar da comunhão com o fundamento infinito e inesgotável do sentido e do ser” (TILLICH, 2009, p. 179). O surgimento da luz e da alegria: “Sim, o vagalume, sim, era lindo! - tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era outra vez em quando, a Alegria” (ROSA, 2009, p. 55). O menino olhava o horizonte. Tempo e espaço. “Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano (...)” (ROSA, 2001, p. 230). “Depois do encanto, a gente entrava no vulgar inteiro do dia” (ROSA, 2001, p. 230). O tempo depois do encanto do encontro com o diferente, com o belo, o tucano, por exemplo, é o do cotidiano que retoma, a vida voltava à rotina, no seu vulgar, comum do dia. Depois da contemplação a vida continuava. Contudo, a luz tinha espalhado seus raios. No último conto, “Os cimos”, a personagem menino trilha o caminho em sentido contrário ao do primeiro conto: da tristeza causada por sua mãe estar doente, para a plenitude e a liberdade, evocadas pela aparição de um tucano, contemplação, luz, dourado e esperança no cimo da árvore tucaneira no quintal, espaço em que surge por “dez minutos”, “às seis-e-vinte da manhã” (ROSA, 2001, p. 231), o tucano.

#### 4.1.4 Espaço

Em *Teologia da Cultura*, na primeira parte do livro de Tillich, consta um capítulo sobre “Conflito entre tempo e espaço”, cujos índices interessam para a leitura dos contos selecionados de Rosa. Essas questões relacionadas ao tempo e ao espaço, as quais aparecem, nos contos, sob a forma de símbolos, como, por exemplo, o relógio, a noite, os cimos e o dourado, a perda da eternidade, o instante, o quintal com a mata, o tempo e o espaço, estão relacionados, ou seja, o local, o cimo, a mata, o tempo, a noite. A linguagem narrativa dá espaço para a voz da criança no conto e suas experiências de descobertas e encontros infantis. Nesta seção ao abordar o espaço separadamente é, portanto, uma tarefa que na prática se faz desafiadora, pois é o espaço também muito unido ao tempo e a linguagem. Destaca-se, assim, como a linguagem de Rosa pode se referir ao tempo e ao espaço. Em “As margens da alegria”, o primeiro conto, o título já indica um espaço para a alegria do menino feito de margens...O espaço se modifica para dar lugar a grande cidade. “A árvore, que morrera tanto” (ROSA, 2001, p. 54). A grande cidade modifica o espaço da natureza. “Espaço significa mais que mero solo. Inclui tudo o que se caracteriza por separação”. Exemplos: clã, raça, tribo e família (TILLICH, 2009, p. 72). Percebe-se o menino inserido em sua família, nesta cidade, Brasília. Danese (2014, p. 40) expõe que o Menino pode ser também uma

metáfora: “A experiência vivida pela personagem também contextualiza a modernização pela qual o país estava passando. [...] como uma metáfora para o Brasil que também passava por transformações vindas sob a forma de progresso na década de 60”. Essa mudança do país em que a modernidade é percebida por Danese e também Wisnik (2002, p. 178): “em Guimarães Rosa a referência cifrada a *brasília* é a primeira instância, e a seu modo a única, a furar o cerco mítico com o qual o escritor mineiro preservou o seu sertão-mundo, até onde foi possível, da interferência direta do mundo urbano”. Essa mudança ocorre também com o personagem Menino, apesar dele ser o mesmo Menino nas duas *estórias* dos contos. Wisnik usa a palavra Brasília com letra minúscula em seu artigo parece que como uma forma de lembrar o próprio Rosa que utiliza nos contos a maiúscula para o Menino. Pode ser observado como uma forma diferente ou mesmo única ou também igual a todos nós, uma forma de chamar a atenção para a linguagem do espaço. Wisnik sugere e pode demonstrar que essa Brasília, a cidade nos contos, não é a mesma geográfica cidade real, pois “é espectro do moderno” recriado pela linguagem poética e exuberante de Rosa em ambos os contos, o espaço é igual: “uma *brasília* não nomeada se constrói “derrubadora”, devassando e devastando, com o poder do “mundo maquinal”, a biodiversidade do cerrado, pontuada e mimetizada desde sempre pela própria exuberância poética da escritura rosiana” (WISNIK, 2002, p. 178).

Em Guimarães Rosa a referência cifrada a *brasília* é a primeira instância, e a seu modo a única, a furar o cerco mítico com o qual o escritor mineiro preservou o seu sertão-mundo, até onde foi possível, da interferência direta do mundo urbano. Mas isso só se dá, de fato, porque a *brasília* sem nome que abre e fecha Primeiras estórias não é propriamente uma cidade: é o espectro do moderno a se cumprir – é um princípio, que, apesar de tudo, já está presente no sertão, e que não o desmente. Essa potência construtora e destrutiva, que toma e assume o espaço, cega à biomassa que desmata, é ainda e sempre o sertão, outro e mesmo, sua dobra (WISNIK, 2002, p. 178).

O olhar, a descoberta da novidade, o diferente: o tucano surge neste espaço, "potência construtora e destrutiva" (WISNIK, 2002, p. 178). A presença de temáticas referentes à infância e à existência, expressas pelo olhar da criança de forma paradoxal: “ele vinha do diferente, só donde. O dia: o pássaro” (ROSA, 2001, p. 231). O menino viaja em ambos os contos de avião para casa dos tios e no *jeep*, ele se depara com novidades, o diferente. As descobertas das aves nos dois contos pelo olhar de criança se dão em um espaço novo. Ele brinca no quintal, espaço onde observa. Isso permite considerar a literatura pelo prisma religioso, que remete às ideias de “preocupação última”. A angústia, ansiedade frente a



situações com que se depara de finitude e sensações, e também sentimentos de alegria, esperança no olhar para a infinitude, para o horizonte e os cimos, a esperança. O tempo, o espaço e a linguagem, a partir da contemplação, do olhar, mas também do sentir, (audição, tato, visão, paladar, olfato) e as emoções (alegria, desamparo etc.), são sensações, intuições, vivências e experiências do viver, do existir, tudo simultâneo nesta viagem do Menino.

O espaço é descrito pelo narrador. “A morada era pequena, passava-se logo à cozinha, e ao que não era bem quintal, antes breve clareira, das árvores que não podem entrar dentro de casa. Altas, cipós e orquideazinhas amarelas delas se suspendiam” (ROSA, 2001, p. 51). O leitor imagina as orquídeas e a casa, e ouve os pássaros “de cantos compridos”. E era o mesmo espaço, mesma casa nos dois contos. “Na casa que não mudara [...]” (ROSA, 2001, p. 226). Entre as duas viagens no espaço da casa nota-se que era o mesmo espaço, era a mesma casa dos tios: “casa que não mudara” e mesma cidade.

O livro de Nunes (2013, p. 78), no capítulo *A Viagem*, expõe a importância do tema em quase toda obra de Rosa, de Sagarana à Primeiras histórias. Rosa liga-se às grandes expressões do romance de espaço “ao D. Quixote de Cervantes e ao Ulisses de Joyce, para só falarmos dos extremos dessa espécie, [...]”. “Existir e viajar se confundem” (NUNES, 2013, p. 80). Nunes (2013, p. 85) expõe, ainda que “para Guimarães Rosa, não há, de um lado, o mundo, e, de outro, o homem que o atravessa. Além de viajante, o homem é a viagem - objeto e sujeito da travessia, em cujo processo o mundo se faz”. Então, o ser humano vive no provisório nessa viagem do existir, do descobrir e de aprender. Céu e inferno, alegria e tristeza, a antítese, o paradoxo, a contingência e incerteza, a vida e a morte. “Céu inferno céu inferno céu inferno... a cantiga de roda sobre o que o povo sofre e o que o povo espera” (BOSI, 2003, p. 50). A finitude e a infinitude no olhar do menino aparece nas descobertas e encantos de céu e inferno, claro e escuro.

O “[...] Menino recebia em si um miligrama de morte” (ROSA, 2001, p. 53). Mas também recebia a alegria, o transbordar, a infinitude no mesmo olhar. “Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor” (ROSA, 2001, p. 52). A vida acontece em determinado tempo e lugar e no agora, presente, assim como a narrativa é composta desses dois elementos, chamados elementos essenciais da narrativa, tempo e espaço. Rosa trabalha de maneira única em sua linguagem, tempo e espaço pelo olhar do menino. Em sua perspectiva, Tillich expõe que medimos o tempo por meio do espaço e vice-versa e ambos são poderes da existência:

o tempo e espaço são poderes da existência universal incluindo a existência humana, o corpo e a mente. Andam juntos: medimos o tempo por meio do espaço e vice-versa. O movimento, que caracteriza universalmente a vida, precisa de tempo e de espaço (TILLICH, 2009, p. 69).

A vida da estória dos contos de Rosa necessita de espaço e tempo para existir. O narrador expõe: “o Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa. [...] paisagem, e tudo, fora das molduras” (ROSA, 2001, p. 233).

O menino é uma criança a brincar com seu macaquinho na viagem e encontra outro brinquedo, o tucano: “brinquedo de graça” “tucano, que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales da aurora, ali junto de casa. Só aquilo. Só tudo. Chegamos, afinal! - o Tio falou. - A, não. Ainda não ... respondeu o Menino” (ROSA, 2001, p. 234). Uma espécie de criança mítica, através de quem tudo se ordena, tudo se corresponde, em sua face luminosa da sabedoria inata. (NUNES, 2013, p. 66) Há a reintegração da alma, a união dos separados pelo amor. Tudo se completa e se une no amor e na graça “é o amor que nos torna ‘graciosos’” (TILLICH, 2009, p. 196). No espaço: a humanidade e a natureza ao final do último conto é um espaço integrado em harmonia dada pela presença do menino de forma integral sem margens, nem molduras, a paisagem e o espaço perto da casa ao mesmo tempo está a natureza, perto da mata e da humanidade, a casa, mas também o Menino avista a luz vinda da mata. O vaga-lume no primeiro conto surge perto da casa saindo da mata, da treva escuridão da noite pode remeter aos medos. Os contos possuem o mesmo espaço da casa, da cidade de Brasília, mas o menino se modifica nesse espaço em contato com a vida e o meio e interagindo com tudo ao seu redor neste espaço. Ao final do primeiro conto a luzinha verde surge vindo da mata: “o vaga-lume, sim, era lindo!” (ROSA, 2001, p. 55). A Alegria! Retorna a alegria no primeiro, mas também no último conto. “Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida” (ROSA, 2001, p. 234). Segundo Nunes (2013, p. 59) unida, à luz as trevas e o contentamento ao pesar na vida do menino:

Ao menino aturde, por um momento, a negrura em que o mundo parece mergulhar. Mas, já do outro lado da tristeza e da ferocidade, no reverso da mesma vida que enegrecera, esplende a luzinha verde do primeiro vagalume - devolução da claridade, da alegria triunfante, recuperação da beleza superando a fealdade, mas a ela unida, como à luz as trevas e o contentamento ao pesar.

A alegria surge vinda da mata, espaço escuro, treva em que surge como uma claridade, a luzinha do vagalume. Já no último conto a presença do tucano - nos cimos da tucaneira

“árvore de copa alta” (ROSA, 2001, p. 230). Pode-se notar nos dois contos a alegria ao ver as aves e as descobertas é notável. O menino também exclama à vista do peru “Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento” (ROSA, 2001, p. 51). O vagalume simboliza o retorno da claridade, da alegria do início do conto, a recuperação da claridade superando a treva. O Menino, a infância e os símbolos como o brinquedo (macaquinho e também o brinquedo de graça, tucano) aludem ao amparo, esperança, uma ajuda, um auxílio nessa superação do conflito da separação da mãe. Pois o menino sabia que ela estava doente. O macaquinho, o brincar como um companheiro neste difícil momento na cama, ele deitado no travesseiro como um amigo: “o camarada, no travesseiro”. Já o quarto do Tio “ficava ao lado” (ROSA, 2001, p. 227). A linguagem de Rosa, em que o macaquinho cria vida, figura de linguagem chamada prosopopeia ou personificação, é uma denotação que atribui a seres inanimados características humanas, o macaquinho no mesmo espaço que o menino, no quarto, na cama. “Não, o companheiro Macaquinho não estava perdido, no sem-fundo escuro no mundo, nem nunca” (ROSA, 2001, p. 233). Neste espaço o macaquinho como o menino estão em viagem e não estão perdidos, ou sozinhos em meio às intempéries, aos problemas.

Porém, percebe-se ao final de ambos os contos que possuem um final feliz. Isso em todos os dois contos, percebe-se a alegria ser retomada ao final dos contos. O menino não precisará mais do brinquedo que ficará “perdido” na casa dos tios. “Era, outra vez em quando, a Alegria” (ROSA, 2001, p. 55). Última frase do primeiro conto. Termina com a palavra alegria em maiúscula: “Alegria”. E as últimas frases do último conto *Os Cimos*: “Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida” (ROSA, 2001, p. 234). O menino sorria, enigmas e a vida vinha presente nesse final, não mais a morte. A última palavra é vida que vem acompanhada de sorrisos e enigmas. Retorna para casa e a mãe dele, já curada, viva.

Ambos os contos finalizam positivamente, pode-se perceber a partir das passagens citadas um remeter para a fé, a esperança e o amor, a graça em meio a tantas descobertas, e também dificuldades, surge o tema da alegria, da viagem conforme indicam autores (NUNES, 2013, 2014; ROSENFELD, 2006), filosofia, teologia na linguagem de Rosa, a “preocupação última” conforme Tillich. Os dois contos ao final parecem preparar o leitor para enfrentar a própria vida, retomar o dia a dia, após alegrias e desencantos, na viagem do menino em que transparecem filosofia e religião, teologia, contemplações, intuições, emoções do coração do menino com as reflexões e descobertas de observar e vivenciar a vida de enigmas e ambiguidades. Os paradoxos, mistérios da existência pelo olhar infantil. São presentes o bem e o mal, no universo, mas agora com a profundidade e o aprendizado do olhar amoroso, humilde e divino do Menino. Percebe-se a iniciação do menino e estágios de sua

aprendizagem sobre a vida, a finitude, a “preocupação última”, sua existência no espaço e no tempo nesse percurso de caminho e de encontros nos dois contos.

Nos contos, primeiro e último, do livro *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa, a religião e a cultura, conforme Paul Tillich expõe em seus livros (2009, p. 33, p. 67), possui importância. Há a presença e inter-relação entre cultura e religião, pois estão integrados, se complementam, a religião e a literatura, a história, nessa relação entre religião e cultura, os símbolos estão presentes nos contos. O livro *Teologia da Cultura* expressa a “preocupação última” em que há importância a linguagem, os símbolos, a história e são demonstradas nesta análise. A análise dos contos a partir de índices literários (linguagem, símbolos e infância; existência, finitude e infinitude ou finito e infinito; tempo; espaço) foi realizada observando a teoria de Tillich. O conceito de “preocupação última”, ou como é apresentado na tradução do livro da editora Fonte Editorial (TILLICH, 2009, p. 44), “preocupação suprema”, *ultimate concern*, serviu de viés de leitura e, de forma mais complementar e auxiliar, outros livros do autor foram trazidos.

A “preocupação última” a partir dos contos analisados foi percebida presente: na experiência do Menino, na finitude e infinitude, na linguagem dos contos, na viagem, existência. Ela está na cultura, no profano, na arte (seja ela de temática não relacionada à religião, seja religiosa). Os contos não possuem a temática religiosa, contudo a presença das questões que interrogam o Menino se faz no percurso da viagem como uma descoberta, uma novidade frente a finitude, a morte e também o enigma da vida. O infante, ao olhar para os cimos das árvores e para a fé, a esperança, o amor, nesse caminho que ele não faz sozinho, há a luz em meio às crises existenciais. Foi possível demonstrar pela análise dos dois contos a presença de questões existenciais, que apontam para a religião, para o “incondicional”, para a “preocupação última” a partir da leitura, da análise dos contos interpretando-os pelo viés da teoria tillichiana.



## 5 CONCLUSÃO

Em sua obra, João Guimarães Rosa refletiu sobre questões relacionadas à existência e à condição do ser humano no mundo em sua peregrinação que pode ser chamada de “travessia”, “vida”, “viagem”. A travessia dos contos, a viagem do Menino, a existência que é do percurso da infância até a vida adulta, dos tios, da saúde e da doença da mãe, em condições variadas e expressa de forma paradoxal e ambígua, por luz e treva, alegria e dor, céu e inferno, o narrador conta a viagem de existir no tempo e no espaço, no mistério que é a própria vida do menino e nossa dando espaço na narrativa para os pensamentos e expressando a voz do Menino: “A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária” (ROSA, 2001, p. 49). A verdade é um tema explicitamente filosófico e surge na linguagem de Rosa nos remetendo a reflexões de Agostinho no livro *Confissões*.

Os contos de Rosa contribuem para um entendimento dos temas da religião, da filosofia e da teologia da forma que os símbolos e a linguagem única do autor expressam a “preocupação última”. Na introdução desta dissertação foram propostas as seguintes questões: 1. Como a literatura pode contribuir para um entendimento menos axiomático não apenas dos temas religiosos ou das religiões, mas também de outros temas polêmicos decorrentes destas temáticas, ancorados pelo arcabouço teórico da Ciência da Religião, tais como a linguagem, os símbolos, a infância, a existência, a finitude, a infinitude, o tempo e o espaço? 2. Quais as relações simbólicas trazidas pela linguagem literária de Rosa, que colocam o leitor em diálogo com as questões filosóficas anteriormente citadas? 3. Guimarães Rosa simboliza referências da cultura brasileira em sua linguagem? 4. Os contos encenam episódios que revelam ou se aproximam dos conceitos de religião trazidos pela *Teologia da Cultura* de Tillich? 5. É possível demonstrar a presença de questões existenciais, que apontam para a religião e para o “incondicional”, nos contos?

Entende-se que essas cinco questões tenham sido respondidas durante os capítulos e seções desta dissertação. Guimarães Rosa simboliza referências da cultura brasileira em sua linguagem, mas também da cultura universal, abordando assim temas filosóficos e teológicos. Assim como percebeu-se a presença de temas existenciais, filosóficos e teológicos, apontados por Tillich como agostinianos e franciscanos. Os contos apresentam discussões filosóficas e existenciais profundas que se aproximam dos conceitos de religião de Paul Tillich como “preocupação última”, mas também da filosofia platônica, neoplatônica e de temas como bem e mal, amor, esperança e fé.

A experiência do sagrado e da fé mostra-se na linguagem, nos símbolos, na literatura nos contos de João Guimarães Rosa, que mesmo não sendo religiosos, trazem de forma implícita, expressa através dos símbolos e da linguagem, a “preocupação última”. O símbolo assume suma importância na obra de Tillich. A preocupação última é expressa na cultura. Ela sempre esteve no centro das reflexões de Tillich, ou seja, “a dimensão religiosa presente em diversas esferas da atividade cultural humana” (TILLICH, 2009, p. 33). Em Rosa, a aparição das aves, a luz, a graça, e o amor são índices literários, vocábulos que remetem à relação da cultura com a religião. A “preocupação última” é presente nos contos de João Guimarães Rosa, de forma simbólica dando sentido e universalidade aos contos.

A interação entre personagens: o menino e o tio como uma aprendizagem, conhecimento. A relação entre adulto e criança pode-se perceber sendo uma troca de conhecimentos, diálogo intergeracional, interação, aprendizagem. A inteligência de maneiras variadas é experimentada: emocional, espiritual, temporal, espacial, ecológica, geográfica etc. A cultura é passada de geração em geração nesta interação. Duas épocas, duas etapas da vida, dois seres humanos em idades diferentes podem aprender um com o outro. É o que expõe o conto: “o Tio ensinava-lhe como era reclinável o assento”. Durante a viagem no avião “bom brinquedo trabalhoso” (ROSA, 2001, p. 50). O avião brinquedo do adulto na viagem que é brincar para o menino é sonhos de descobertas de novos jogos. Prometia o tio muitas coisas com que ele poderia brincar. Há a importância do brincar... surge em vários momentos, mas não só o tio iria mostrar e ensinar brincadeiras que o menino não estava acostumado a realizar, o tucano também como “brinquedo de graça”. Aprendizado. O olhar de Menino para a vida. Mas com a tia, o feminino, o cuidado: “a tia entregando-lhe ainda em mão o preferido, que era o de dar sorte: um bonequinho macaquinho, de calças pardas e chapéu vermelho, alta pluma” (ROSA, 2001, p. 224). O cuidado com o tucano o menino ensinava ao tio, e não deixava machucar a ave, nem prender: “não e não!” (ROSA, 2001, p. 231).

O conto, ao referir-se ao macaquinho, também dá importância ao ato de brincar para a criança em todas as circunstâncias, principalmente nas situações difíceis reproduzidas na relação com a doença da mãe, na separação, exemplificada com a passagem: “Se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar” (ROSA, 2001, p. 225). “Não, o companheirinho Macaquinho não estava perdido, no sem-fundo escuro no mundo, nem nunca” (ROSA, 2001, p. 233). E expõe o conto a reflexão de como através do brincar a criança pode enfrentar seus desafios e aprender. A criança é diferente do adulto, percebe-se com o conto e remete-se a estudos como de Winnicott. Há a importância da linguagem, da interação, do meio, o que pode contribuir para ampliar o entendimento de temas como a

infância, além disso, outros temas como a natureza e a empatia são apresentados pelo olhar de Menino.

Quanto ao objetivo inicial de ler os dois contos de João Guimarães Rosa, analisando-os a partir da perspectiva tillichiana, ou seja, encontrar neles o sentido religioso oculto, a tarefa foi concluída. Os índices literários: de linguagem, símbolos e infância; existência, finitude e infinitude (ou finito e infinito); tempo; espaço foram desenvolvidos em relação ao livro *Teologia da Cultura* nos capítulos desta dissertação. A “preocupação última”, presente na vida, na cultura e na história; filosofia e teologia nas estórias dos dois contos analisados a partir dos índices literários e dos elementos da narrativa (tempo, espaço, narrador, personagem e enredo).

A pesquisa conclui que a “preocupação última” se manifesta não somente na forma explícita, mas também, implícita, não somente em ambiente religioso, mas também, profano, na cultura, na arte, seja ela música ou literatura. A profundidade da vida na alma humana se expressa pela experiência do sagrado procurando manter essa profundidade e o sentido de nossa existência, também pelos símbolos.

A religião se mostra na filosofia, na teologia, na “preocupação última” na linguagem literária de Rosa nos contos, primeiro e último, do livro *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa. A ocular especial de Tillich auxiliou a análise, ampliando o olhar e a leitura dos contos de Rosa nesta pesquisa, que se utiliza da compreensão de religião como “preocupação última”, *ultimate concern*.

Percebe-se a necessidade para este estudo apresentado em Ciência da Religião, na área filosofia da religião, da própria filosofia, mas também de conhecimentos de outras ciências como: a teologia, e a literatura. Há importância da arte e da cultura na relação com a religião, na multidisciplinaridade dos estudos da religião. Nota-se como importante a relação entre cultura e religião que tanto é explicitada em livros e apontada por Tillich em toda a sua obra.

Além disso, buscou-se abordar a religião também no sentido estrito, a partir dos símbolos e da linguagem, o que remete à simbologia dos contos como nos conceitos: “luz”, “dourado”, “graça”, “cimo” e “amor”, apontando para algo além, transcendente ligado estreitamente à religiosidade, ao metafísico e à Bíblia. Ou seja, os dois conceitos de religião foram importantes para a análise. Fez-se a apresentação do marco teórico no início do primeiro capítulo, a partir do qual foram expostos os dois conceitos de religião, entre outros aspectos relacionados aos índices literários a partir da referência de Paul Tillich. Apresentou-se o objeto: os contos. Ao final foi realizada a análise dos contos, conforme o objetivo do trabalho: análise dos contos na perspectiva tillichiana.



A hipótese deste trabalho anunciada na Introdução desta dissertação se confirma: em Rosa, os sentidos atribuídos à viagem da criança metaforizam a própria vida/existência. A “travessia” do Menino remete a cenas que indagam a existência, a finitude e a infinitude, movimento que pode ser percebido na leitura dos dois contos de Guimarães Rosa de forma complementar nessa viagem à casa dos tios, nessa iniciação, no tempo e espaço da vida, vista pelo olhar da criança. A presença de questões e temáticas referentes à infância e à existência, expressas pelo olhar do menino, permite considerar a literatura pelo prisma religioso. Estes conceitos, presentes na *Teologia da Cultura*, encontram-se vinculados ao entendimento de religião como “preocupação última”, estreitamente relacionada à arte, à religião e à cultura. O que faz pensar se serão aspectos possíveis e necessários de serem ensinados às novas gerações a leitura, o amor, o cuidado, a empatia. Será a empatia um aspecto possível de ser ensinado? Serão necessários para a conservação de nós mesmos e de nossas vidas, para o cuidado com o outro, com a natureza e autocuidado? Será a leitura um processo ensinável e relacionado a vida? Necessário, frente à ambiguidade da vida como um protesto em que a arte pode ter muito a nos ensinar através da linguagem e simbolismos como encontra-se delineado por Tillich na relação entre a religião e a cultura e nos textos dos dois contos de Rosa. Também quanto ao alcance ético e de conhecimento, transmissão e construção do conhecimento às gerações futuras e a busca de sentido importa essa relação. Esse saber de nós mesmos e dos outros, expressos pela arte, pela narrativa literária e dos sentimentos primários como amor, mas também de outros, como a ansiedade, a angústia, o medo, o desamparo, o cuidado, a empatia e a “preocupação última”. A finitude e a infinitude, o mistério da nossa existência, a transcendência... o amor... são parte da estória dos contos. A vida frente a ambiguidade e paradoxos existenciais, a humanidade e a necessidade de saber o que nos faz mais “empáticos”, gentis, amorosos, respeitosos, fraternos. Como a humanidade pode “ser” mais... Não usarei aqui o termo “o que nos faz mais humanos” (não sei se posso dizer hoje, mais humanos, como algo ideal, positivo e desejado de ser alcançado, frente a tantos problemas). Pois, o que é e o que tem sido o ser humano?!...

Talvez seja melhor outro termo ser empregado... adequado e aqui idealizado em qualidades desejáveis e ideias da humanidade, mas também em respeito à natureza e ao universo, pois a eles somos integrados, como nos ensina o Menino do conto, esclarecendo que fazemos parte e dependemos de um espaço onde não há vida sem o tempo, sem também tempo para Kairós. O tempo contemplativo necessita de tempo. Tempo e espaço unidos, sem eles onde caminharemos? Sem a terra, sem o tempo e o espaço? Se não existir mais, se o planeta acabar? Ainda temos nos dias atuais tempos, mas também tempo de ...desmatamento,

queimadas, de poluição, corrupção, guerra, violência, intolerância, ignorância, injustiça, mas, ainda há tempo para aprendermos a ser mais. Chegará o vaga-lume, ou o tucano com suas cores e luzes em nossas vidas, a metáfora de algo que nos tira dessa falta... de olhar...

Só o ser humano cria, faz arte, conta histórias, narrativas, sonha e pensa... recria..., mas pode ser mais... mais justo, mais igualitário, mais feliz... mais fraterno... mais cuidadoso com o planeta, mais tolerante e amoroso com a diferença, com a natureza e com o próprio humano nas várias fases diversas da vida: adulto, infância, idoso, os mais fragilizados (o que se mostrou no contexto da pandemia ao olhar para o idoso, esquecido e abandonado, solitário em nossa sociedade no período de pandemia durante a quarentena principalmente, no isolamento social, assim também as crianças, sem as escolas). Contudo, atualmente nem os espaços são pensados para eles. Os idosos com suas bengalas e cadeiras de roda para enfrentarem os relevos, os empecilhos da cidade... Só o ser humano faz arte... e religião. E só o ser humano se depara com a finitude, e na solidão conscientemente reflete sobre ela. Isso é o que na arte literária, de Rosa, surge quando, por exemplo, pelo olhar do Menino, mostra-se a margem da alegria, a morte da ave, e de novo ao ver a luz do vaga-lume e do tucano era a alegria retomada. Por este olhar se mostra o ser humano, finitude, mas também a religião, transcendência, infinitude, esperança, paz e amor, a alegria. Uma busca universal de todo ser humano na viagem de existir ao final das histórias, em que a “preocupação última” brilha como o sol, como luz.

A experiência do autor, e seus escritos, trabalhos e temas, como amor e alegria na viagem na escrita dos contos, exploram a “preocupação última”. A preocupação existencial encoberta pela vida diária, no dia a dia é expressa. A construção de sentido para a vida humana vai além da utilidade e do trabalho, do tempo “relógio”. São também importantes para cada um de nós a fruição, a contemplação, a arte, a natureza, o amor, o cuidado, o diálogo.

Sendo assim, esse trabalho concluído contribui para ampliar o entendimento da teoria de Paul Tillich no livro *Teologia da Cultura*, principalmente, a “preocupação última” possui um lugar próprio e é em todos os lugares e na profundidade do espírito humano, em todas as suas funções, nas profundezas da vida espiritual humana, na criatividade, na arte, na literatura, na relação entre cultura e religião, e no símbolo. Ela é a substância que dá sentido à cultura. “É o aspecto dessa profundidade na totalidade do espírito humano. [...] A religião revela a profundidade da vida espiritual encoberta, em geral pela poeira de nossa vida cotidiana [...]” (TILLICH, 2009, p. 44-45).

A religião não é para Tillich apenas uma função da vida espiritual humana, mas a

profundidade em todas as funções. O tema da infância e a leitura dos contos de Rosa em um viés religioso foi desvendado a partir desta teoria tillichiana da “preocupação última”. Tillich traz Deus para a humanidade moderna por meio da superação da vida ambígua, da união dos separados, sendo o finito e o infinito unidos, definidos como existência. Influência de leituras de Kierkegaard: “a existência é a síntese do infinito e do finito” (TILLICH, 2009, p. 145) e também de Agostinho: “o amor, segundo Agostinho, é o poder unificador dos elementos místicos e éticos na sua ideia de Deus” (TILLICH, 2000, p. 128). As descobertas desta pesquisa podem render outras pesquisas. Esta é uma pequena contribuição de estudos realizados a partir da análise dos contos *As margens da Alegria e Os Cimos*.



## REFERÊNCIAS

ABIJAUDI, André Yuri Gomes. **Uma ontologia do amor**: a reunião dos separados e a superação da vida fragmentada a partir de Paul Tillich. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/7087>. Acesso em: 27 mar. 2022.

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1987.

ABREU, Fábio Henrique. Considerações sobre os fundamentos teórico-conceituais e sistemáticos da teologia da cultura de Paul Tillich. **Correlatio**, v. 20, n. 2, p. 11-76, 2021. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1036675>. Acesso em: 27 mar. 2022.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Principis, 2019.

ARANHA, Bárbara Mourão. **Primeiras leituras com Primeiras Estórias**: a participação do leitor na construção de sentidos do texto literário. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_AranhaBM\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_AranhaBM_1.pdf). Acesso em: 27 mar. 2022.

BALEEIRO, Cleber Araújo Souto. **A fé como estado de preocupação última: interpretação da noção de risco da fé na obra de Paul Tillich**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Metodista de São Bernardo do Campo, São Bernardo do Campo, 2017. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1689#:~:text=O%20risco%2C%20neste%20sentido%2C%20n%C3%A3o,o%20risco%20que%20ela%20carrega>. Acesso em: 26 jan. 2023.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2001.

BOSI, Alfredo. **Céu e Inferno**. São Paulo: Editora 34, 2003.

BROWN, D. Mackenzie et al. **Ultimate concern**: Tillich in dialogue. Londres: SCM Press, 1965.

CASTRO, Dácio Antônio de. **Primeiras Estórias roteiro de leitura**. São Paulo: Editora ática, 1993.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*. **Vários escritos**. São Paulo, Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CALVANI, Eduardo Carlos. **Teologia da Arte**. São Paulo: Fonte editorial/Paulinas, 2010.

DANESE, Viviane Michelline Veloso. **Os “entre” em as margens e os cimos: estudos do espaço em João Guimarães Rosa**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Estudos Linguísticos e Estudos Literários, Universidade Federal De Viçosa, Viçosa, 2014. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/4879>. Acesso em: 23 fev. 2022.

DE SOUZA, Humberto Araújo Quaglio. Cultura e sentido na filosofia da religião de Paul Tillich. **Revista Litterarius**, v. 10, n. 3, p. 361-375, 2011. Disponível em: <http://revistas-old.fapas.edu.br/index.php/litterarius/article/view/26>. Acesso em: 23 fev. 2022.

EMÍLIO, Guilherme Estevam. A teoria do símbolo de Paul Tillich e a pós-modernidade: aproximações e tensões. **Correlatio**, v. 8, n. 16, p. 37-55, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1583>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ESCRITOS e biografias de São Francisco de Assis: crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FERRAZ, Antônio Máximo; LEITÃO, Andréa Jamilly Rodrigues; DOLZANE, Harley Farias. VIAJAR E EXISTIR: A TRAVESSIA POÉTICA EM GUIMARÃES ROSA. **Macabéa-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 1, n. 1, p. p. 157-168, 2012. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/329>. Acesso em: 23 fev. 2021.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

GROSS, Eduardo. O conceito de Fé em Paul Tillich. **Correlatio**. v. 12, n. 23, p. 7-26, jun. 2013a. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/COR/article/view/4196>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GROSS, Eduardo. O conceito de Religião em Paul Tillich e a ciência da religião. **Correlatio**, Juiz de Fora, v. 12, n. 24, dez. 2013b. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/COR/article/viewFile/4634/4001>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GROSS, Eduardo. Método da correlação e hermenêutica. **Correlatio**, v. 8, n. 16, p. 56-73, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/COR/article/view/1585>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GROSS, Eduardo. O tema da finitude em Paul Tillich e o filme The Age of Adaline. **Correlatio**, v. 16, n. 1, p. 291-316. 2017 Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/7808>. Acesso em: 02 jun. 2021.

HIGUET, Etienne. Atualidade da teologia da cultura de Paul Tillich. **Correlatio**, v. 18, n. 2, dez. 2019. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/COR/article/view/10103>. Acesso em: 03 out. 2021.

HIGUET, Etienne Alfred. As relações entre religião e cultura no pensamento de Paul Tillich. **Correlatio**, v. 7, n. 14, p. 123-143, 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1155>. Acesso em: 03 out. 2021.

HIGUET, Etienne. Notícias. **Correlatio**, v.20, n.1, jun. 2021. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1036363/7879>. Acesso em: 03 nov. 2021.

HIGUET, Etienne Alfred. Os métodos da filosofia da religião de Paul Tillich. **Correlatio**, v.10, n.20, p. 27-41, 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/COR/article/view/3004>. Acesso em: 28 fev. 2022.

HIGUET, Etienne Alfred. Saúde e salvação em Paul Tillich, na perspectiva da Teologia da Cultura—o caso da pandemia no Brasil. **Correlatio**, v. 20, n. 2, p. 77-102, 2021. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1036704>. Acesso em: 28 fev. 2022.

HIGUET, Etienne Alfred. A força de Eros no Pensamento Ético e Político de Paul Tillich. **Correlatio**, v. 1 n. 2, p. 2-13, 2002. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1811>. Acesso em: 29 fev. 2023.

KREPKE, Maria das Dores Pinto. **O Boca do Inferno fala do que o coração está cheio: uma análise da sátira de Gregório de Matos a partir de Paul Tillich em sua concepção da Teologia da Cultura**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11396/1/mariadasdorespintokrepke.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MATHEUS, Maurilio. **A Religião e o conceito de religião em Paul Tillich**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/501>. Acesso em 28 de fev. 2022.

NUNES, Benedito. **Crivo de Papel**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

NUNES, Benedito. **A Rosa o que é de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

RE MANNING, Russell. The Religious Meaning of Culture: Paul Tillich and Beyond. **International Journal of Systematic Theology**, v. 15, n. 4, p. 437-452, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/ijst.12020>. Acesso em: 10 out. 2021.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Religiões e salvação: indicações para o diálogo inter-religioso na teologia de Paul Tillich. **Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 31-41, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21717>. Acesso em: 30 set. 2020.

RONAI, Paulo. Os Vastos Espaços. *In* ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROCHA, Flávia Aninger de Barros. **Pequenas veredas: existência, amor e arte em Tutaméia**. Tese de Doutorado em Letras e Linguística, Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28994/1/TESE%20Rocha%2C%20Fl%C3%A1via%20Aninger%20de%20Barros.pdf>. Acesso em : 30 set. 2020.

ROCHA, Viviane de Sousa. As veredas, o sertão, a vida: a dinâmica da fé de Riobaldo a partir de Paul Tillich. **Correlatio**, v. 20, n. 2, p. 273-289, dez. 2021. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1036451>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ROCHA, Viviane de Sousa. Resenha do livro Dinâmica da Fé de Paul Tillich. **Correlatio**, v. 20, n. 2, p. 373-380, dez. 2021. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1036451>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ROCHA, Viviane de Sousa. Um ensaio sobre o finito, o infinito, o tempo e a infância a partir de dois contos de Guimarães Rosa sob a ocular de Paul Tillich. **Annales Faje**, v. 6, n. 4, p. 39-48, 2021. Disponível em:

<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4951>. Acesso em: 23 fev. 2022.

RODRIGUES, Camila. **Escrevendo a lápis de cor: infância e história na escritura de Guimarães Rosa**. 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08012015-181751/pt-br.php>. Acesso em: fev. 2021.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. **Desenveredando Rosa: a obra de João Guimarães Rosa e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Zahar, 1998

SILVA, Alessandro Leonardo Rodrigues. Cronos e Kairós em Paul Tillich. **Revista Pandora**, São Paulo, v. 84, p.1-4, 2018. Disponível em:

[http://revistapandorabrasil.com/revista\\_pandora/kronos\\_kairos\\_69/alessandro.pdf](http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/alessandro.pdf). Acesso em: 30 set. 2020.

TEIXEIRA, Faustino. A substância católica e as religiões. **Revista Eletrônica Correlatio**, n.10, nov. 2006. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/COR/article/viewFile/1711/1701> Acesso em: 20 set. 2020.

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: Aste, 2000

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TILLICH, Paul. **Theology of Culture**. New York: Oxford University Press, 1959.

TILLICH, Paul. **Textos Selecionados**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.



TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Paulinas/Sinodal, 1987.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. São Leopoldo, RS, Brasil :Editora Sinodal, 1985.

TILLICH, Paul. **Amor, Poder e Justiça**. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.

TILLICH, Paul. **What is religion?** EUA. Harper Torchbook, 1973.

WINNICOTT, Donald. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. *In*: WINNICOTT, Donald. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1975.

WISNIK, José Miguel. O Famigerado. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 177-198, 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12394>. Acesso em: 12 out. 2022.

ZILLES, Urbano. Situação Atual da Filosofia da Religião. **Revista Trimestral de Teocomunicação**, Porto Alegre, v.36, n.151, p. 239-271, mar. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1676>. Acesso em: 12 out. 2020.